

2º CICLO DE ESTUDO
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

**Sobre o Verbo *Ficar*
em Construções Progressivas**
Rute Alexandra Félix Rebouças

M

2019



Rute Alexandra Félix Rebouças

Sobre o Verbo *Ficar* em Construções Progressivas

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora
Doutora Maria de Fátima Favarrica Pimenta de Oliveira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

novembro de 2019

Sobre o Verbo *Ficar* em Construções Progressivas

Rute Alexandra Félix Rebouças

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora
Doutora Maria de Fátima Favarrica Pimenta de Oliveira

Membros do Júri

Professora Doutora Ana Maria Barros de Brito
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Doutor Luís Filipe Alvão Serra Leite da Cunha
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Maria de Fátima Favarrica Pimenta de Oliveira
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida: 19 valores

*«Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.»
(Ricardo Reis)*

Sumário

Declaração de honra.....	9
Agradecimentos	10
Resumo	11
Abstract.....	12
Índice de tabelas (ou de quadros)	13
Lista de abreviaturas e siglas	14
Introdução	15
Capítulo 1 – Questões Gerais sobre Aspeto e Tempo.....	18
1.1. Sobre o Aspeto em Português Europeu	18
1.2. Sobre Tempo Gramatical em Português Europeu	22
1.2.1. Tempos Gramaticais	23
1.3. Sobre o Progressivo	30
1.4. Síntese.....	34
Capítulo 2 – Questões Gerais sobre Adjetivos e Particípios.....	36
2.1. Sobre os Adjetivos.....	36
2.1.1. As Diferentes Classes de Adjetivos	39
2.1.1.1. Sobre os Adjetivos Denotativos	41
2.1.1.1.1. Adjetivos Qualificativos	42
2.1.1.1.2. Adjetivos Relacionais	45
2.1.1.1.3. As Principais Diferenças entre Adjetivos Qualificativos e Adjetivos Relacionais	46
2.1.1.2. Sobre os Adjetivos Avaliativos, Modais e Intensionais e Adverbiais	48
2.1.2. Graduabilidade e escalas: adjetivos graduáveis e não graduáveis	50
2.1.3. Leitura de Estádio e de Indivíduo	55
2.2. Sobre os Particípios	56
2.3. Sobre Adjetivos e Particípios Verbais: Adjetivos Participiais	60
2.4. Síntese.....	64
Capítulo 3 – Os verbos <i>Ser</i> , <i>Estar</i> e <i>Ficar</i>	66
3.1. Sobre o verbos <i>Ser</i> e <i>Estar</i> : Semelhanças e Diferenças	67
3.2. O verbo <i>Ficar</i> em Português Europeu	73
3.3. Síntese.....	76

Capítulo 4 – Para uma Caracterização das Construções Progressivas com <i>Ficar</i>	79
4.1. Sobre o <i>Corpus</i> e a Metodologia de Análise	80
4.1.1. Descrição do <i>Corpus</i>	80
4.1.2. Metodologia de Análise	81
4.2. Caracterização das Construções Progressivas com <i>Ficar</i>	83
4.2.1. Tempos Gramaticais em Construções Progressivas.....	83
4.2.2. A presença de Adjetivos.....	90
4.2.2.1. Os adjetivos qualificativos.....	91
4.2.2.2. Os adjetivos relacionais	108
4.2.2.3. Os adjetivos avaliativos, modais (e intensionais) e adverbiais.....	110
4.2.2.4. A ocorrência com <i>Ser</i> e <i>Estar</i>	112
4.2.3. A presença de Particípios Passados.....	115
4.2.3.1. Particípios Verbais ou Particípios Adjetivais?.....	116
4.3. Discussão dos Dados	122
4.3.1. Sobre os Tempos Gramaticais	122
4.3.2. Sobre os Adjetivos	125
4.3.3. Sobre os Particípios.....	132
4.4. Síntese.....	138
Conclusão (ou Considerações finais).....	143
Referências bibliográficas.....	150

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

[Porto, novembro de 2019]

[Rute Alexandra Félix Rebouças]

Agradecimentos

*«Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.»
(Antoine de Saint-Exupéry)*

À minha orientadora, Professora Doutora Fátima Oliveira, deixo o meu especial reconhecimento por guiar-me no meio de todas as inseguranças e esclarecer todas e quaisquer dúvidas. Todas as palavras que aqui escreva serão insuficientes para agradecer toda a disponibilidade, dedicação e carinho.

A todos os professores de Licenciatura e de Mestrado, agradeço todo o conhecimento cativante que me ensinaram e, sobretudo, por me ajudarem a cultivá-lo.

Para os meus pais deixo o meu enorme reconhecimento por toda a educação e por me proporcionarem a oportunidade de estudar. Agradeço à minha mãe, sempre pronta a ajudar, toda a paciência e motivação e agradeço ao meu pai todas as gargalhadas, muitas vezes necessárias nos momentos mais difíceis. À Lolita, por cuidar de mim e por demonstrar-me que os animais são os nossos verdadeiros e fiéis amigos.

À Avó São, à Tia Xana, ao Tio Miguel e ao Gonçalinho, deixo o agradecimento por compreenderem sempre a minha ausência e pela alegria constante. Ao meu querido Avô Manuel deixo o meu eterno reconhecimento por, enquanto lhe foi possível, ensinar-me que é preciso coragem para viver a vida.

Para todos os meus amigos e colegas, o meu muito obrigada pelo incentivo e por todas as palavras amigas. Deixo um especial agradecimento às amigas Paula, Daniela e Eurondina, pela bonita e verdadeira amizade, à Bruna pelas confidências e encorajamento e aos colegas de mestrado, em particular ao Júlio e à Sofia, pelos momentos de partilha. Ao Zé Carlos, à Filipa, ao Carlos e aos meus padrinhos, agradeço todo o apoio.

À Goreti, agradeço por acompanhar esta caminhada desde o início, pelos abraços ternurentos e por acreditar no meu potencial.

A Deus, acima de tudo, por iluminar o meu caminho.

De coração cheio, a todos os que contribuíram para um percurso feliz, deixo o meu agradecimento.

Resumo

A língua portuguesa, ao contrário de muitas outras, dispõe do verbo *ficar* que é, frequentemente, utilizado em construções resultativas, caracterizando-se por apresentar dupla funcionalidade: permanecer num determinado lugar ou apresentar o resultado de uma mudança.

Deste modo, este trabalho tem como o objetivo estudar o comportamento do verbo *ficar*, como indicador de mudança, em construções progressivas com adjetivos e particípios, numa tentativa de não só caracterizar o verbo *ficar* e as construções progressivas, como também os adjetivos e particípios que nelas ocorrem. Para isso, foram considerados como aspetos essenciais para o desenvolvimento deste estudo: a observação dos tempos gramaticais que ocorriam nestas construções, o tipo de adjetivo e a sua possível graduação e, ainda, os particípios e a sua proximidade com as características típicas dos adjetivos.

Assim, para a análise de dados, seleccionámos exemplos de dois *corpora* distintos (CETEMPúblico e CRPC) construídos com adjetivos e particípios, cujo tempo gramatical de “*estar a*” estaria em um destes tempos gramaticais: Presente do Indicativo, Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo, Futuro do Indicativo e Condicional. A seleção dos exemplos que fossem do interesse do estudo, apenas teve dois critérios em consideração: a presença de adjetivos e de particípios e a ocorrência dos tempos gramaticais seleccionados para o estudo.

Neste trabalho, foi possível concluir que a presença do verbo *ficar* em construções progressivas parece demonstrar a perda da completude e de resultado característica desse verbo, apresentando o progressivo uma situação em progressão que parece prevalecer. Além disso, ainda foi possível concluir que *ficar*, nestas construções, selecciona sobretudo adjetivos e que essas são maioritariamente construídas no Presente do Indicativo.

Palavras-chave: verbo *ficar*; construção progressiva, tempos gramaticais; adjetivos; particípios.

Abstract

The Portuguese language, unlike many other languages, has the verb *ficar*, which is often used in resultative constructions and is characterized by having a dual functionality: staying in a certain place or presenting the result of a change.

In this way, this work aims to study the behaviour of the verb *ficar*, as an indicator of change, in progressive constructions with adjectives and participles, in an attempt to characterise not only the verb *ficar* and the progressive constructions but also the adjectives and participles that occur in them. To this end, the observation of the tenses that occurred in these constructions, the type of adjective and its possible graduation, as well as some participles and their proximity to the typical characteristics of the adjectives, were considered as essential aspects for the development of this study.

Thus, for data analysis, we selected examples of two distinct *corpora* (CETEMPúblico and CRPC) built with adjectives and participles, whose tense of “*estar a*” would be in one of following: Presente do Indicativo, Pretérito Perfeito and Imperfeito do Indicativo, Futuro do Indicativo and Condicional. The selection of examples that were of interest to the study only had two criteria in consideration: the presence of adjectives and participles and the occurrence of the selected tenses for the study.

In this work, it was possible to conclude that the presence of the verb *ficar* in progressive constructions seems to demonstrate the loss of the characteristic completeness and resultative meaning of this verb, presenting the progressive a progression which seems to prevail. Besides, it was also possible to conclude that *ficar* in these constructions, selects mainly adjectives and that the selected tense is mostly Presente do Indicativo.

Keywords: verb *ficar*; progressive constructions; tenses; adjectives, participles.

Índice de tabelas (ou de quadros)

Tabela 1 - Tipos de Adjetivos Qualificativos (cf. Veloso & Raposo, 2013).....	45
Tabela 2 - <i>Ser</i> e <i>Estar</i> com Particípios (cf. Gumiel-Molina (2011: 7)).....	72
Tabela 3 – N° de Ocorrências de Tempos Gramaticais (pessoa e número) no <i>Corpus</i> ..	83
Tabela 4 - N° de Ocorrências de Tempos Gramaticais.....	123
Tabela 5 - N° de Ocorrências com Adjetivos e Particípios	124
Tabela 6 - N° de Ocorrências dos Adjetivos e a sua Classificação Semântica.....	131
Tabela 7 - N° de Ocorrências dos Particípios e Alguns Aspetos Semânticos	138
Tabela 8 - N° de Ocorrências de Adjetivos e Particípios com Tempos Gramaticais	
Correspondentes	141

Lista de abreviaturas e siglas

ADJ	Adjetivo
PCP ¹	Particípio Passado
CRPC	<i>Corpus</i> de Referência do Português Contemporâneo
CCP	<i>Corpus</i> CETEMPúblico
Q	Adjetivo Qualificativo
R	Adjetivo Relacional
AV	Adjetivo Avaliativo
AD	Adjetivo Adverbial
M	Adjetivo Modal
P	Adjetivo que denota Poder Político
O	Adjetivo que denota Origem e Nacionalidade

¹ Utilizamos PCP para nos referirmos a Particípio Passado, pois no *corpus* CETEMPúblico é a que se deve apresentar como abreviação para procura. Todavia, frequentemente, para se referir a esta classe utiliza-se a sigla PP.

Introdução

O verbo *ficar* tem sido, ao longo dos tempos, objeto de estudo de alguns trabalhos, devido à sua dupla funcionalidade: por um lado, indica permanência num determinado lugar e, por outro lado, funciona como indicador de mudança. Também o Progressivo tem sido objeto de investigação, não só na língua portuguesa, como em muitas outras.

Deste modo, o objetivo desta dissertação consiste na análise do verbo *ficar*, como indicador de mudança, em construções progressivas com adjetivos e participípios, no sentido de compreender o comportamento de *ficar*, bem como analisar os adjetivos e participípios que ocorrem nestas construções. Para isso, de forma a caracterizar as construções, o objeto de estudo centrou-se, fundamentalmente, na recolha de frases ou enunciados de dois *corpora*: CETEMPúblico e CRPC. Assim, o *corpus* de estudo reúne 800 exemplos, selecionados de acordo com dois critérios, tendo em consideração o objetivo principal deste trabalho: selecionar somente aqueles exemplos que, em primeiro lugar, apresentassem um dos seguintes tempos gramaticais: Presente do Indicativo, Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo, Futuro do Indicativo e Condicional e, em segundo lugar que, na predicação, contivessem adjetivos ou participípios.

Para orientação do nosso estudo, centrar-mo-emos nas seguintes questões de investigação:

1. Como se pode caracterizar do ponto de vista semântico o verbo *ficar*?
2. Em que medida a construção progressiva (*estar a* + infinitivo) pode influenciar a interpretação de *ficar* nas construções consideradas?
3. Qual o tempo gramatical que mais ocorre nas construções progressivas com *ficar*?
4. *Ficar* seleciona sobretudo adjetivos ou participípios passados?
5. Nas construções consideradas, *ficar* aproxima-se ou não de *ser* ou de *estar*?

Num primeiro momento, foi necessário estudar algumas propostas acerca das construções progressivas na sua globalidade. Sendo necessário também tornar claro alguns conceitos sobre o verbo *ficar*, considerando que este pode apresentar duas distintas funções. *Ficar* pode associar-se à significação de ‘permanecer, manter-se num dado lugar’ (Herculano de Carvalho, 1984), porém, não é esta a funcionalidade que aqui iremos

abordar, uma vez que o foco deste estudo recai no efeito resultativo típico de construções com este verbo.

Desta forma, este trabalho é constituído por quatro capítulos, subdividindo-se, cada um deles, em pequenos subcapítulos com conceitos que se revelaram essenciais para o desenvolvimento da explicitação teórica e da análise dos dados. Os três primeiros capítulos tratam de assuntos de natureza geral e teórica que são de grande relevância para o presente estudo, seguindo diversas propostas de diferentes autores. O primeiro capítulo aborda conceitos acerca do Tempo e Aspeto em Português Europeu, focando-se, num primeiro momento, na explicitação de noções importantes sobre a categoria Aspeto; já, num segundo momento, este capítulo centrou-se na descrição dos tempos gramaticais que neste trabalho são objeto de estudo (secção 1.2). Num terceiro momento deste capítulo, abordamos aspetos relacionados com o Progressivo (cf. 1.3).

No segundo capítulo, numa primeira fase, na qual se trata de conceitos acerca da classe adjetival, faz-se uma breve exposição sobre o adjetivo, apresentando algumas perspetivas distintas de categorização destes, tendo em consideração parâmetros não só relacionados com a organização e tipo de adjetivo (cf. 2.1.), mas também com questões relacionadas com a graduabilidade (cf. 2.1.2) e com as leituras possíveis que um adjetivo pode denotar (leitura episódica e leitura individual) (cf. 2.1.3.). Na segunda parte do capítulo dois, observámos conceitos associados a participípios verbais (cf. 2.2.) e na terceira parte, sabendo que estamos perante uma construção predicativa e que os participípios, em determinados contextos, se aproximam do adjetivo, explicitámos algumas propostas que parecem permitir a distinção entre participípios de base verbal e participípios que absorvem as características básicas dos adjetivos (participípios adjetivais) (cf. 2.3.).

O terceiro capítulo do enquadramento teórico apresenta a distinção entre *ser* e *estar*, no qual apresentamos algumas das suas semelhanças e diferenças (cf. 3.1.), seguindo-se a explicitação de questões relacionadas com *ficar* (cf. 3.2.).

No quarto capítulo, numa tentativa de caracterizar as construções progressivas com o verbo *ficar*, apresentamos e descrevemos o *corpus* de estudo (cf. 4.1.1.) e a metodologia usada (4.1.2). Neste capítulo, em 4.2., são apresentados e analisados os dados, tendo em consideração essencialmente os seguintes parâmetros: 1. tempo gramatical presente (cf. 4.2.1.); 2. presença de adjetivos e a sua categorização e possível

graduação (cf. 4.2.2.); 3. presença de participípios e a sua absorção de características típicas de adjetivos (cf. 4.2.3.). Nesse sentido, em seguida, expõem-se e discutem-se, numa tentativa de perceber os resultados deste estudo, algumas considerações essenciais que a análise dos dados nos permitiu fazer (cf. 4.2.4.). Destaca-se que em cada capítulo, é apresentada uma pequena síntese final que retoma os conceitos mais relevantes.

Finalmente, apresentamos algumas considerações finais, tendo em conta as questões de partida e o estudo que foi realizado.

Capítulo 1 – Questões Gerais sobre Aspeto e Tempo

O Aspeto e o Tempo são considerados categorias essenciais do quadro da semântica das línguas. No entanto, embora a sua relação seja fundamental, distinguem-se entre si, pois enquanto o Aspeto diz respeito à “perspetivação” e “focalização” interna da situação, o Tempo é concebido como um “conjunto ordenado e linear” de unidades temporais, fazendo localização temporal das situações (cf. Cunha (2004/ 2007); Oliveira, (2003, 2013); e.o).

Assim, neste capítulo, abordam-se algumas questões gerais sobre o Aspeto e como ele se manifesta em Português Europeu. Deste modo, aborda-se sucintamente algumas tipologias aspetuais a que se associa a diferença entre predicados de indivíduo e predicados de estágio (cf. 1.1.). Num segundo ponto, abordam-se questões gerais sobre o Tempo linguístico com especial incidência em alguns tempos gramaticais do modo indicativo (cf. 1.2.). Este capítulo termina com algumas considerações sobre o Progressivo (cf. 1.3.).

1.1. Sobre o Aspeto em Português Europeu

O **Aspeto**, ao contrário do Tempo que se define por ser uma categoria déítica (cf. Oliveira, 1996: 366), veicula informações acerca da forma como é perspectivada a estrutura temporal interna de uma situação (cf. Cunha (2007: 10); Oliveira (2003a: 129)). Desta forma, o Aspeto diz respeito à temporalidade intrínseca do tipo de situação², independentemente do tempo externo, podendo ser expressa, segundo Cunha (2013: 585), através do predicado ou de outros meios, sejam lexicais ou gramaticais, e é, por isso, considerado autónomo, prescindindo de informações exteriores (cf. Cunha, 2007: 12) e subatômico, uma vez que perspetiva as situações a partir do seu interior, intervindo na composição temporal das predicacões (cf. Cunha (2007: 12); Parsons (1990: 3)). Segundo Dowty (1979), o Aspeto concentra-se na distinção entre situações que se encontram no início, no meio ou no fim, sendo o perfil temporal interno de cada situação passível de ser descrito “através de um conjunto limitado de propriedades ou traços” (Cunha, 2013: 588). Entre os traços mais relevantes (cf. Vendler (1967); Moens (1987); Oliveira (2003); Ilari, Oliveira & Basso (2016); e.o) contam-se a *dinamicidade*, que se caracteriza por estar

² Segundo Cunha (2007: 19), “à instanciação mais geral do conjunto de propriedades temporais ostentadas por uma predicacão damos o nome de situação, estado de coisas ou eventualidade”.

diretamente relacionada com um conjunto de fases sucessivas e distintas, sujeitas a mudança; a *duratividade*, que se associa à extensão de tempo das eventualidades; a *telicidade*, que remete para a existência de um ponto final intrínseco e, por fim, a *homogeneidade* que se define por todas as partes constitutivas de uma dada situação manterem “as mesmas características da situação completa considerada globalmente” (cf. Cunha, 2013: 590). Assim, a combinação destes traços permite constituir um conjunto de classes aspetuais, cujas tipologias variam um pouco consoante o autor que as propõe (cf. Vendler (1967); Dowty (1979); Moen (1987); Parsons (1990), e.o)

Segundo Vendler (1967: 97), “distinctions have been made among verbs suggesting processes, states, dispositions, occurrences, tasks, achievements, and so on”, surgindo, de facto, as chamadas classes aspetuais, com o intuito de, conforme o mesmo autor, verificar a forma como um determinado verbo³ pressupõe e envolve a noção de tempo aspetual. As **classes aspetuais**, distinguem-se, desde logo, em estados e eventos, devido ao traço de *dinamicidade*: enquanto a primeira se caracteriza pela ausência deste traço, a segunda contempla-o, apresentando fases sucessivas.

Os **eventos** (ou não-estados (cf. Moens, 1987)) são dinâmicos, apresentando “uma série de subfases constitutivas em sucessão” (Cunha, 2013: 592). Na verdade, existem quatro grandes classes de eventos, que se dividem consoante os traços aspetuais acima referidos: processos, processos culminados, culminações (*activity*, *accomplishment*, *achievement* (cf. Vendler, 1967)) e pontos⁴. Apesar das diferenças que existem entre todas estas subclasses, devido às distintas combinações possíveis entre os traços acima mencionados, têm algo em comum: a *dinamicidade*. Todavia, de forma a classificar os eventos, de acordo com Oliveira (2013: 510), existem dois tipos de situações: as situações pontuais e as situações durativas (ou imperfetivas (cf. Vilela, 1995: 66)).

Os **processos** e os **processos culminados** são classes que apresentam duração, prolongando-se temporalmente (situações como *passear no parque*, *nadar*, *fazer os trabalhos de casa*, *ler um livro*, e.o, respetivamente). E, conforme Oliveira (2003, 2013),

³ Vendler (1967) menciona verbos, embora, na verdade, o que está em causa é toda a predicação.

⁴ Ao longo do estudo, seguiremos a proposta de Moens (1987), Oliveira (1994, 1996, 2003, 2013) e Cunha (2013), isto é, usaremos “processos, processos culminados, culminações, pontos” como conceitos primordiais de classes aspetuais, não descartando, de qualquer forma, os estudos de Vendler (1967) e Dowty (1979), porém somente serão mencionadas as designações outrora atribuídas.

não marcam apenas um ponto do eixo temporal, mas sim um conjunto de pontos, como se fossem uma sequência de pontos, marcando, deste modo, um intervalo de tempo. Por outro lado, as **culminações** e os **pontos** são situações encaradas como momentâneas (Cunha & Cintra, 2014: 479) ou como situações pontuais (cf. Oliveira, 2013: 510), dado a sua ocorrência num intervalo de tempo curto, que, normalmente, é perspectivado como um momento único (situações como *desligar a televisão*, *marcar um golo*, *espirrar*, *entrar em casa*, e.o, respetivamente) (cf. Oliveira, 2013). Tendo em conta o traço [±télico], as culminações e os processos culminados, em contraste com os processos e os pontos, apresentam para um fim intrínseco.

Assim, quanto aos **processos** (*activities* (cf. Vendler, 1967)), estes são situações durativas, atéticas e homogêneas e combinam-se naturalmente com o adverbial de tempo *durante x tempo*, rejeitando adverbiais de localização temporal pontual como *a x tempo* e, ainda, não aceitam adjuntos iniciados por *em x tempo* (cf. O João correu durante vinte minutos), o que constitui um teste para a sua identificação. Vendler (1967: 107) apresenta alguns exemplos ilustrativos de processos, como: “*running, walking, pushing or pulling something*”. Os **processos culminados** (*accomplishment* (cf. Vendler, 1967)), como “*painting a picture, building a house, writing or reading a novel*”, além da sua dinamicidade, são eventos durativos e télicos, pois tendem para um fim, cuja realização só é efetuada quando este se atinge. Combinam-se com adjuntos adverbiais temporais (*em x tempo*) (cf. O João escreveu uma carta em duas horas), o que constitui um teste para a sua identificação. Este tipo de classe aspetual, por oposição às demais categorias, apresenta três partes perfeitamente distintas: um processo, uma culminação e um estado resultativo e, por este motivo, não ocorre em construções com *quase*, tal como Dowty (1979) menciona. Quanto às **culminações**, denominadas como *achievements* por Vendler (1967), definem-se como pontuais ou não durativas, partilhando com os processos culminados, a telicidade. São compatíveis com adjuntos adverbiais temporais de localização pontual (*a x tempo*), não aceitando aqueles que na sua significação apresentam a eventualidade como durativa (cf. O João venceu a corrida às duas horas.; *O João venceu a corrida em duas horas.). Como exemplos desta classe, Vendler (1967) apresenta, entre outros, os seguintes predicados: “*recognizing, realizing, winning the race*”. As culminações aproximam-se dos processos culminados, devido ao facto de ambos comportarem um estado resultativo, ou seja, a verdade de que ‘O João ganhou a

corrida’ implica ‘A corrida está ganha’. Por fim, os **pontos** (“not recognized by Vendler” (Moens, 1987: 58)) “são situações não durativas, ocupando um único momento ou instante de tempo”, segundo Cunha (2013: 603), sendo atélcos. Esta classe aspetual, contrariamente às culminações, não é associada a qualquer estado resultativo, embora seja somente compatível com o adjunto ‘*a x tempo*’ (cf. O João *espirrou às duas horas*). Assim para distinguir pontos de culminações é necessário recorrer a outro teste que é a construção no progressivo, obtendo-se a leitura de iteratividade se a eventualidade for um ponto (cf. A Maria *está a espirrar*). Predicados típicos de pontos são, por exemplo: *espirrar*, *tossir*, *explodir*. Com efeito, “as relações entre processo, processo culminado, culminação e ponto são complexas, mas muito possivelmente reguláveis” (Oliveira, 1992: 8).

Os **estados** (*states* (cf. Vendler, 1967)) são não dinâmicos, durativos, atélcos e homogéneos, uma vez que não possuem fases sucessivas, não admitem mudança de estado nem parecem apresentar pausas no seu interior, sendo, desta forma, considerados por Cunha (2004/ 2007) como eventualidades uniformes. De facto, esta uniformidade impede a ocorrência, em princípio, com imperativo (*Maria, *sê alta!*) ou no progressivo (*A Maria *está a ser alta*.), não comparecendo, normalmente, em estruturas com verbos como *persuadir* ou *obrigar*, nos quais está explícita agentividade (cf. *A Rita *obrigou a* Maria ser alta.) ou com adverbiais agentivos (cf. *A Maria é alta *deliberadamente*.).

No entanto, “tradicionalmente, os predicados estativos são encarados como denotando situações totalmente estáticas, incapazes de manifestarem quaisquer marcas de dinamicidade” (cf. Cunha, 2013: 596), no entanto, existem determinadas predicções, tais como ‘ser simpático’, ‘ser sincero’, ‘viver em Lisboa’, ‘gostar de linguística’, que se aproximam do comportamento aspetual dos eventos, podendo ocorrer em construções rejeitadas tipicamente pelos estados: possibilidade de ocorrência em frases imperativas (cf. *Sê sincero, Pedro!*), ocorrência em construções com verbos de operação aspetual (cf. O Pedro *começou a ser* mais sincero connosco). A este tipo de estados, que incluem, de certo modo, fases na sua estrutura aspetual interna, foram identificados por Cunha (1998, 2004/ 2007) como **estados faseáveis**, por outro lado, os que não possuem este tipo de característica são denominados como **estados não faseáveis**. Esta oposição “é de índole eminentemente aspetual”, visto que determinados estados, os faseáveis, apresentam proximidade com os eventos, assumindo algumas das suas características. Como Cunha

(2013) argumenta, o traço [±faseável] pode, de facto, “ser caracterizado como a disponibilidade de um predicado estativo para adquirir propriedades de evento”, sendo, desta forma, alterada a sua classe aspetual, passando a comportar-se, aproximadamente, como um evento.

Além disso, uma distinção clássica dos estados (Carlson, 1977) entre “*individual-level*” predicates (Carlson, 1977) ou **predicados de indivíduo**⁵ (cf. Cunha (2004/ 2007); Gumiel-Molina (2011); Gumiel-Molina & Pérez Jiménez (2012); Oliveira & Cunha (2003)) e “*stage-level*” predicates (Carlson, 1977) ou **predicados de estágio**⁶ (cf. Cunha (2007); Gumiel-Molina (2011); Gumiel-Molina & Pérez Jiménez (2012); Oliveira & Cunha (2003)) permite distinguir situações estáveis (“perduram durante uma boa parte da sua vida se não mesmo durante toda a sua existência” (Cunha, 2013: 595)) de predicados que denotam propriedades transitórias dos indivíduos, que se relacionam com porções espaço-temporalmente delimitadas, suscetíveis de mudança (Oliveira & Cunha (2003); Cunha (2013)). Esta distinção de predicados é, no caso dos estados, muitas vezes equacionada através da distinção entre *ser* e *estar* em português e outras línguas românicas: os predicados de indivíduo selecionam *ser* (cf. O João *é* do Porto.; *O João *está* do Porto.), já os predicados de episódicos elegem *estar* (cf. O João *está* contente.; ?O João *é* contente.). Estes verbos selecionam diferentes adjetivos, mas, em alguns casos o mesmo adjetivo pode ser selecionado tanto por *ser* como por *estar*, desencadeando diferentes interpretações. Esta temática será desenvolvida relativamente ao tipo de predicado, no Capítulo 3.

1.2. Sobre Tempo Gramatical em Português Europeu

A categoria **Tempo** localiza temporalmente as situações que se encontram expressas nas línguas, nos diferentes tipos de enunciados (Oliveira, 2003a: 129; 2013: 509). Essa localização, segundo Oliveira (2003a: 129; 2013: 509), é marcada através de três processos linguísticos, tais como o uso de tempos verbais (cf. O João *ofereceu* uma rosa à mãe.), a utilização de advérbios com valor semântico temporal ou orações subordinadas (cf. Está sol desde que o João chegou.) e o emprego de verbos auxiliares ou

⁵ Designados ainda de predicados estáveis (cf. Gumiel-Molina (2011); Oliveira (2013); Cunha (2013)).

⁶ Denominados ainda de predicados de fase (cf. Oliveira, 2003) ou episódicos (cf. Cunha (2013); Oliveira (2013)).

semiauxiliares (*estar a* ou *ir* em determinados tempos verbais) (*Estava a/ Vai chover*)⁷. Conforme Oliveira (2013: 510), nas línguas naturais, o Tempo “é concebido como um eixo linearmente ordenado, orientado do Passado em direcção ao Futuro”, sendo caracterizado por consistir na localização temporal da situação descrita no enunciado, num determinado ponto ou intervalo desse eixo. Na verdade, esse eixo temporal articula-se em três domínios naturais distintos: o passado, o presente e o futuro, que se associam, respetivamente a: *antes do momento em que se fala*, *no momento em que se fala* e *após o momento em que se fala* (cf. Cunha & Cintra, 2014: 473), estabelecendo uma relação de anterioridade, posterioridade ou sobreposição (Oliveira, 1994: 151) entre o momento em que foi referido o evento e momento em que o evento que se deu na realidade.

Envolvendo uma localização de uma situação relativamente a um dado ponto de referência, esta categoria é relacional (cf. Reichenbach (1947); Oliveira (2003, 2013); e.o). Este ponto de referência pode ser o momento de enunciação e, por isso, se considera que o Tempo é deítico ou outro tempo explicitado linguisticamente, sendo, por esse motivo, que se considera a existência de relações anafóricas. Assim, Cunha (2004: 10) considera o Tempo como “um conjunto ordenado e linear – ramificante, em determinadas teorizações, de unidades temporais, que podem ser “atómicas”, indivisíveis (instantes) ou “densas” (intervalos)”, e, além disso, como “um conjunto de possíveis relações de sucessividade ou de sobreposição que entre elas se estabelecem”.

1.2.1. Tempos Gramaticais

Segundo Cunha & Cintra (2014), os três tempos naturais são o Presente, o Pretérito (ou Passado) e o Futuro, que designam um acontecimento ocorrido no momento, antes ou após o ato de fala. De seguida, apresentaremos uma abordagem, não muito exaustiva, de alguns tempos Simples do Indicativo, especificamente o Presente, o Pretérito Perfeito, o Pretérito Imperfeito, o Futuro e o Condicional.

1.2.1.1. Tempos Simples do Indicativo

Na verdade, as formas do Indicativo, por possuírem “uma marca morfológica de concordância em pessoa e número com o sujeito da frase ou oração”, são formas finitas (Oliveira, 2013: 513), tais como as formas do conjuntivo⁸. Os tempos finitos simples

⁷ Exemplos de Oliveira (2013: 509).

⁸ Este estudo apenas se concentrará na explicitação de tempos simples do indicativo, visto que apenas são estes que nos interessam para a análise das construções “*est- a + ficar + ADJ/PP*”

dividem-se em: presente (*amo*), pretérito perfeito (*amei*), pretérito imperfeito⁹ (*amava*), pretérito mais-que-perfeito (*amara*)¹⁰, futuro (*amarei*) e condicional (ou futuro do pretérito (cf. Cunha & Cintra, 2014: 474) (*amaria*). Desta forma, pelas designações pode perceber-se que existe apenas uma forma de Presente, três de Passado e duas de Futuro, mas “nem sempre os nomes dos tempos se adequam à verdadeira função temporal das formas respectivas” (cf. Oliveira (2013: 514)).

O **Presente do Indicativo**, apesar de apresentar na sua designação o conceito “presente”, só em certas circunstâncias é que funciona estritamente como tal. Na maior parte dos casos, temos um presente real quando este tempo gramatical se combina com estados (cf. A criança *está* doente.; O João *é* natural do Porto.)¹¹ visto que, segundo Cunha (2007: 22), “a conjugação do não dinamismo dos estativos com a sua duratividade, por um lado, e com a sua completa homogeneidade (...), por outro, explica, de certo modo, a possibilidade de (pelo menos algumas de entre) estas situações conterem ou englobarem, tipicamente, as expressões que designam “instantaneidade””. Com eventos, o Presente do Indicativo não tem o valor de sobreposição com o momento de enunciação, mas sim uma leitura aspetual de habitualidade, em que existe a descrição da repetição regular de uma situação simples (cf. Oliveira (2003a: 144); Oliveira (2013: 514); Tavares (2001: 173)) (cf. ?O João *come um gelado. versus* O João *come um gelado* habitualmente/ à sobremesa.). Essa leitura habitual pode ser reforçada através de adverbiais temporais (cf. O João *fuma* diariamente).

No entanto, os estados que são predicados de estádio não apresentando um leitura de habitualidade admitem a ocorrência de adverbiais de habitualidade ou frequência, como é o caso de “estar contente” e “ter febre”, aceitam a ocorrência dos adverbiais temporais: “A criança *está* contente habitualmente”; “O João tem febre, sempre que apanha frio” ou “O João tem regularmente febre”. Os predicados de estádio, de acordo com Oliveira (2013: 515), ao denotarem características temporárias, podem ser considerados predicados estativos episódicos¹²; já os que se apresentam como estáveis, isto é predicados de indivíduo, não apresentando mudanças, não admitem adverbiais de

⁹ Conforme Oliveira (2013: 514) a divisão do pretérito (em imperfeito, perfeito e mais que perfeito) é aspetual e não temporal.

¹⁰ A não ser considerado neste estudo.

¹¹ Exemplos baseados em Oliveira (2013: 514-155).

¹² Para uma melhor compreensão, conferir 1.1., Capítulo 1.

habitualidade ou frequência, como “ser natural do Porto” ou “ser português”: “*O João é natural do Porto habitualmente”; *A criança é portuguesa, sempre que brinca no lago.” (cf. Carlson (1977); Cunha (1998, 2004/ 2007, 2013); Oliveira (2003, 2013)).

Além disso, o Presente é utilizado com diversos sentidos (cf. Oliveira (2003a: 154; 2013: 516); Tavares (2001: 172)): como uma projeção do Passado para o Presente (presente histórico, cf. Oliveira, 2013: 517) (cf. Em 1147, D. Afonso Henriques *conquista* a cidade de Lisboa.); com a finalidade de orientação (dar informações ou conselhos) ou dar ordens e fazer pedidos (cf. *Sais de casa, viras à direita. O supermercado de que me falaste fica à tua frente.*); em anúncios, com o intuito de ampliar o tempo verbal Presente (cf. *Decorre até 30 de setembro o prazo de entrega de dissertações.*); em construções com adverbiais temporais que remetem para o Futuro (cf. Amanhã, *vou* estudar linguística.); e, ainda, em frases genéricas¹³ (cf. Os Portugueses *são* muito sociais.; O Panda *é* um animal dócil.).

O **Pretérito** (Passado) divide-se em Perfeito, Imperfeito e Mais-que-Perfeito¹⁴, ao contrário do Presente, que, segundo Cunha & Cintra (2014: 474), é indivisível. O **Pretérito Perfeito Simples do Indicativo** “é usado para localizar temporalmente uma situação como anterior ao momento da enunciação” (cf. Oliveira, 2013: 517), não alterando o valor aspetual de uma predicação (cf. Oliveira, 2003a: 139) (cf. O João *escreveu* uma carta.; O meu irmão *ganhou* o jogo matemático.), marcando o momento em que um estado ou evento terminou¹⁵ (cf. Oliveira, 2003a: 156). Em frases complexas, pode em Português Europeu, localizar um situação futura em relação ao momento de enunciação, mas passado ao ponto de referência, de acordo com Oliveira (2013) (cf. Quando o João voltar de Lisboa, já a Maria *regressou* a Moçambique.)¹⁶.

Este tempo verbal, pode, tal como os demais, ocorrer em sucessão de frases, havendo, por norma, uma sucessão de eventos, dado a permanência dos verbos dessas

¹³ Consoante Oliveira (2013: 516), “as frases genéricas representam características típicas ou essenciais de espécies ou outros tipos de entidades”, apresentando a entidade como um todo. Por exemplo, em ‘O Panda é um animal dócil’, não se trata de apenas um Panda, mas da espécie em si, dado que esta apresenta como característica “ser dócil” (cf. Oliveira (2013: 516); Oliveira & Cunha (2011: 188)). Por isso, o Presente do Indicativo é um tempo típico deste tipo de construções (frases genéricas) (cf. Tavares, 2001: 172).

¹⁴ Não abordaremos este tempo verbal, uma vez que não é relevante para o estudo que estamos a realizar.

¹⁵ Quando há culminação, pode inferir-se a um estado consequente, de acordo com Oliveira (2003): ‘O João escreveu uma carta.’ → ‘A carta está escrita.’

¹⁶ Exemplos baseados em Oliveira (2003a) e Oliveira (2013).

frases no Pretérito Perfeito, segundo Oliveira (2003a: 156; 2013: 518). De facto, “o tempo de cada situação representada por um verbo funciona como referência para o tempo da situação representada pelo verbo seguinte, formando uma progressão narrativa” (cf. Oliveira (2013: 518); Kamp & Reyle (1993: 495)), tal como é possível verificar em (1).

- (1) O João *entrou* no café, *pediu* uma cevada ao empregado, *sentou-se* na primeira mesa que avistou e *leu* a revista que trazia consigo.
- (2) O João *esteve a ler* a revista.

Com efeito, quando o Pretérito Perfeito se combina com eventos, determina o fim dessa dada situação, apresentando um estado resultativo (A carta está escrita.; O jogo matemático está ganho.), dando-a, na verdade, por concluída (conferir nota 15). Contudo, existem predicções em que esta situação não é possível e que se verifica o uso do Pretérito Perfeito, como em (2), na qual a predicação se apresenta no progressivo, levando a que se verifique que a situação não está concluída, mas sim terminada, no tempo passado.

O **Pretérito Imperfeito Simples do Indicativo**, tal como o Pretérito Perfeito, é um tempo que remete para o Passado, possuindo, de acordo com Oliveira (2003a: 140; 2013: 518), também um valor modal e aspetual. Contudo, apesar de conter uma informação de passado, em muitas das estruturas em que ocorre não “apresenta características temporais”. Além disso, este tempo verbal caracteriza-se por ser alargado (cf. Oliveira, 2003a: 156; 2003b), tendo, por isso, a capacidade de alterar o tipo de classe aspetual¹⁷ (pode transformar eventos télicos em atélicos ou em estados habituais), podendo, desta forma, existir sobreposição total ou parcial com o tempo passado ou até mesmo uma relação de inclusão (cf. (3a)). O Imperfeito, ainda assim, vincula a não ‘completude’ de uma dada situação (Cunha, 1998a).

Em (3b) poderemos observar uma alteração de processo culminado para processo, em que há a perda da culminação; já em (3c) poderemos encontrar uma culminação que não ocorreu, tendo sido acrescentado um processo preparatório sem culminação. Na frase (3d) construída com um ponto, o Pretérito Imperfeito transforma-o em estado habitual.

¹⁷ As classes aspetuais (cf. Vendler (1967); Dowty (1979); Moens (1987); Cunha (2013), e.o) dividem-se em dois grandes grupos: aqueles que apresentam dinamismo – os eventos – e os que não apresentam – os estados. Conferir Capítulo 1 para melhor compreensão acerca destes conceitos.

No caso da frase (3e), um processo, não há delimitação interna nem existe uma conclusão, dado a não telicidade desta classe aspetual, mas por ser um evento (*trabalhar*), o Imperfeito transforma-o em estado habitual. Ainda assim, existem estruturas, tais como “Há três anos, a minha mãe *trabalhava* no Porto”, em que apenas há uma localização temporal, podendo o sujeito, neste caso, continuar ou não a trabalhar.

- (3) a. Ontem, a Sofia *estava* doente.
b. Elas *liam* o livro quando o professor chegou à aula.
c. A minha irmã *morria* quando o João chegou.
d. O João *espirrava* quando passava vento.
e. A minha mãe *trabalhava* enquanto o João estava / ?esteve no hospital.

Por outro lado, as frase (3a) não apresenta alterações aspetuais, uma vez que o Pretérito Imperfeito Simples do Indicativo apresenta em “vários contextos um valor imperfectivo” (cf. Oliveira, 2003a: 140; 2013), não transformando situações estativas, como é o caso de *estar doente*. Neste caso, é possível afirmar algo como “Ontem, a Sofia *estava doente* e ainda está”, devido a este tempo gramatical indicar “que o estado teve início no passado, podendo eventualmente continuar no presente” (Oliveira, 2003b: 534), ao contrário da escolha do Pretérito Perfeito, em “A Sofia *esteve doente*”, que é utilizado com o intuito de “dizer que essa propriedade já não se aplica” (Oliveira, 2003b: 534).

O Pretérito Imperfeito surge, normalmente, em contextos com restrições temporais (cf. (4c), (4d)), no entanto, “uma frase no Imperfeito com um predicado de fase (evento ou estado) sem qualquer restrição temporal fornecida pelo contexto é sempre pouco aceitável” (cf. Oliveira, 2003b) (cf. (4a), (4b))¹⁸. De facto, este tempo verbal “necessita normalmente de um tempo de referência introduzido por um adjunto adverbial ou por uma frase independente com valor temporal” (Oliveira, 2013: 519). Contudo, frases com predicados de indivíduo no Imperfeito, sem contexto, não são problemáticas, mas associam-se ao “efeito de não existência” (cf. (4f)).

- (4) a. ?A Sofia *estava* doente.
b. ?Ele *bebia* um café com natas.
c. Quando a Maria chegou, a Sofia *estava* doente.

¹⁸ Os exemplos de (4a) e (4c) são baseados em Oliveira (2003b: 534), os restantes são retirados do mesmo trabalho (2003b: 535).

d. Quando o conheci, ele *bebia* um café com natas.

e. Ele *era* inteligente/ afável/ alto.

Acrescenta-se, ainda, que o Pretérito Imperfeito caracteriza-se por ser um tempo gramatical “com valores não só temporais como aspectuais e modais”, podendo, por isso, participar em construções associadas a princípios pragmáticos de cortesia (cf. (5)). Essa versatilidade deste tempo gramatical, segundo Oliveira (2003b: 534), “advém de não estabelecer limites temporais senão os que são fornecidos pelo contexto explícito (ou em certos casos, implícito).”

(5) *Desejava* um café, por favor.

O **Futuro Simples do Indicativo**, em português europeu, localiza as situações num tempo posterior ao tempo da enunciação (cf. Oliveira, 2003: 158; 2013: 525), sendo, de acordo com Oliveira (2003) mais próximo de um modo do que de um tempo verbal. Ocorre igualmente em estruturas complexas como oração principal, nas quais a oração temporal contempla o tempo de referência (cf. *Serão* dadas mais informações às 23 horas.; *Voltaremos* a esta questão mais adiante.).

Contudo, existem outros mecanismos para expressar o tempo Futuro, em português europeu, sendo usado, para isso, em muitas das estruturas, o presente do indicativo, seja com adverbiais temporais (cf. Amanhã, *compro* o fogão.) ou em construções perifrásticas como *ir* + *infinitivo* (cf. *Vou comprar* o fogão.). A perífrase *ir* + *infinitivo*, ao veicular “a ideia de futuridade” (cf. Oliveira, 2013: 526), não exige adverbiais temporais. Além destas construções, ainda é possível contruir-se uma outra – a perífrase *haver de* no presente do indicativo –, com valor temporal de futuro (cf. Eu *hei-de comprar* o fogão.). Contudo, ao contrário das construções acima que indicam um tempo de futuro determinado, a perífrase *haver de* indica um valor temporal de futuro indeterminado, estando associada à modalidade, expressando valor de desejo, intenção ou compromisso (cf. Oliveira, 2013). Salienta-se o facto de que se o verbo auxiliar *haver*, na construção perifrástica, ocorrer no Pretérito Imperfeito do Indicativo, desencadeia uma leitura deôntica, exprimindo uma ordem acentuada ou uma sugestão (cf. *Havias de verificar* se recebeste o teu e-mail.).

No entanto, além de leitura deôntica, habitual em ordens, recomendações ou leis (aproximação do Imperativo (cf. Oliveira, 2013: 526)) (cf. *Farão o que lhes digo!*), o Futuro Simples do Indicativo, pode, eventualmente, ter um valor modal epistémico (cf. A rapariga *terá* 20 anos.)¹⁹, desencadeando a incerteza ou o não compromisso por parte do falante relativamente ao valor de verdade da frase, de acordo com Oliveira (2013: 526).

O **Condicional** (Futuro do Pretérito (cf. Cunha & Cintra, 2014) ou Futuro do Passado (cf. Oliveira, 2003)) é um tempo pouco utilizado na oralidade, comportando-se como tal “desde que o ponto de perspectiva temporal seja passado” (Oliveira, 2003a: 158). Assim, nesta leitura, este tempo tem um valor temporal de Futuro do Passado, na medida em que localiza uma situação no passado, mas que ocorre posteriormente ao tempo de outra situação dada igualmente no passado, que é tomada como um ponto de referência, sendo possível, neste caso, adicionar o advérbio *posteriormente* (cf. (6a)). Contudo, o Condicional adquire também um valor modal, caso o ponto de perspectiva seja um tempo futuro, não admitindo o advérbio *posteriormente*, evidenciando que “não se trata de um tempo” (cf. Oliveira, 2003a: 158) (cf. (6b))²⁰. Assim, neste caso, este tempo surge em orações com o verbo no Imperfeito do Conjuntivo.

- (6) a. Ontem, o Rui encontrou a Maria e esta *convidá-lo-ia* ***posteriormente*** para presidir ao encerramento da sessão.
- b. O Rui e a Maria têm um encontro dentro de dias e esta *convidá-lo-ia* (****posteriormente***) para presidir à sessão, se não soubesse já que ele recusava.

Quando se trata de construções condicionais de predicados estativos (cf. Se o João estivesse doente, não *sairia* de casa.), a situação de que trata a oração não se realiza efetivamente (é contrafactual, de acordo com Oliveira, 2013), ao contrário das que contém um predicado eventivo, que se poderão realizar, eventualmente (cf. Se o João acabasse o relatório, o professor *dar-lhe-ia* boa nota.). Além disso, quando o Condicional ocorre com verbos durativos e o tempo de referência introduzido por adverbiais temporais é Passado, este “pode exprimir um valor modal epistémico de incerteza ou de probabilidade não confirmada, por parte do falante, relativamente, a uma situação cuja localização temporal é o tempo de referência” (Oliveira, 2013: 527) (cf. Quando o conheci, ele *teria*

¹⁹ Exemplos de Oliveira (2013: 526).

²⁰ Conjunto de frases do exemplo (6) retiradas de Oliveira (2003a: 158).

20 anos.; Nesse ano, o João *estudaria* Gestão.), contrariamente ao Pretérito Imperfeito Simples do Indicativo, que não desencadeia a leitura epistémica, marcando a certeza do evento passado (cf. Nesse ano, o João *estudava* Gestão.).

Tal como o Pretérito Imperfeito do Indicativo, este tempo pode, eventualmente, remeter para um pedido de alguma formalidade, com efeito pragmático de cortesia, uma vez que ambos podem se comportar como tempos gramaticais modais (cf. *Seria* possível trazer-me um café?) (cf. Oliveira, 2003, 2013).

Com efeito, a categoria Tempo é uma categoria deítica, “que localiza um evento no tempo relativamente a outros tempos, em especial o da fala” (Oliveira, 1996: 366), contrariamente ao Aspeto que concentra “o seu foco de atenção na estruturação interna das predicções” (Cunha, 2007: 61). Como vimos, a estrutura interna das predicções traduz-se, de acordo com Cunha (2007), por meio de classes aspetuais, que diferem entre si devido à presença ou ausência de traços aspetuais. Ainda assim, além dos tempos gramaticais, que modificam aspectualmente as eventualidades, existem verbos que também o fazem, os considerados verbos de operação aspetual como o auxiliar progressivo “*estar a*”, a ser estudado de seguida. De destacar que também existem outros fatores que atuam sobre eventualidades básicas, modificando-as, no entanto, focaremos a nossa atenção no progressivo.

1.3. Sobre o Progressivo

As construções progressivas, uma forma “muito rica em português” (Oliveira, 1994: 188), tipicamente realizadas, em Português Europeu, pela construção *estar a* + *Infinitivo*²¹ “são das mais interessantes e complexas estruturas, em termos aspetuais” (Cunha, 1998a: 53), sendo capazes de aceitar praticamente todos os tempos gramaticais (cf. (7))²², podendo, ainda, ocorrer com quase todas as classes aspetuais das predicções (cf. (8))²³, embora existam, de facto, algumas restrições.

(7) a. O João **está a ler** um livro.

²¹ Em Português do Brasil e em outras variantes do Português Europeu (Alentejo e Açores), o Progressivo realiza-se com *estar* + *Gerúndio*.

²² Apenas são apresentados os tempos verbais estudados, todavia esta construção, conforme Cunha (1998a) aceita ainda o Pretérito Mais-que-Perfeito (O João *tinha estado a ler* um livro, antes de sair.), o Infinitivo (É bom *estar a ler* um livro.) e tempos do modo conjuntivo, como o Futuro do Conjuntivo (Se o João *estiver a ler* um livro, a sua irmã está a escrever poemas.).

²³ Os exemplos apresentados têm base em Cunha (1998a: 54).

- b. O João **esteve a ler** um livro.
 - c. O João **estava a ler** um livro.
 - d. A esta hora, o João **estará a ler** um livro.
 - e. O João **estaria a ler** um livro, se não estivesse a importuná-lo.
- (8) a. O João **está a gostar** do filme.
- i. *O João **está a ser** alto.
 - b. O João **está a correr**.
 - c. O João **está a ler** um poema.
 - d. O gato **está a morrer**.
 - e. O João **está a tossir**.

Segundo Cunha (2013: 608), a principal função da construção progressiva é, tal como o seu nome indica, a de “perspetivar a fase intermédia de uma situação, focalizando-a na progressão ou decurso”. Na verdade, o Progressivo associa-se a diversos conceitos que indicam as suas características e, consequentemente, os seus efeitos, ainda que, conforme Cunha (1998a), de uma forma relativamente informal. Ou seja, o autor argumenta que situações no Progressivo remetem para um certo “desenvolvimento”, “progresso” ou “decurso”, estando, deste modo, na base destes conceitos o de “progressão”. Além disso, “progressão” associa-se a “duratividade” e “incompletude”, uma vez que estando uma eventualidade em decurso, há a implicação de que haja uma certa duração, porém, se se apresenta em decurso, não atingiu ainda o ponto de culminação, podendo continuar ainda (cf. Leal, 2001).

Cunha (1998a: 56; 2007) argumenta a favor de que as construções progressivas, “manifestam diversas propriedades que permitem fundamentar a hipótese de que estamos perante estruturas tipicamente estativas”, uma vez que “the progressive should be seen as a *stativizer* – that is, an operator which converts a non-stative sentence into a stative one” (Glasbey, 1998: 105). O verbo *estar* está, deste modo, relacionado com estas construções, devido às suas características inerentes. Efetivamente, este verbo ocorre, por norma, em predicções estativas, tais como ‘O João *está* doente.’, não manifestando outro tipo de comportamento aspetual. De acordo com o autor, é de prever que, devido à origem do verbo, as construções progressivas se aproximem da estatividade, transformando processos em estados (Leal, 2001). De facto, o Progressivo não participa em construções progressivas, rejeitando-as, tal como as predicções estativas (cf. (9)). Vlach (1981: 274)

justifica a não ocorrência do Progressivo em construções progressivas, afirmando que “when an apparent stative occurs in the progressive, as in *John is being stupid*, it is said to be use in a nonstative sense. If progressives are statives then there is an explanation for the fact that statives do not take the progressive. The function of the progressive operator is to make stative sentences, and, therefore, there is no reason for the progressive to apply to sentences that are already stative.” Além disso, o Progressivo também não é compatível com a maioria dos testes de agentividade²⁴ (cf. (10)): não aceitam construções com o Imperativo, não ocorrem em orações com verbos do tipo de *obrigar* e *persuadir*, nem admitem estruturas do tipo “o que X fez foi”. Porém, aceitam a comparência de adverbais que remetem para a agentividade (cf. (11))²⁵.

(9) *O João **está a estar a ler** um livro.

(10) a. *João, **está a ler** um livro!

b. *A mãe obrigou o João a **estar a ler** um livro.

c. ?? O que o João fez foi **estar a ler** um livro.

(11) O João **esteve a ler** um livro deliberadamente.

No entanto, estas construções admitem, tal como os estados quando combinados com o Presente do Indicativo, uma leitura de presente-real, ao contrário, como vimos anteriormente, dos eventos que denotam uma leitura de habitualidade. O Progressivo, deste modo, tem uma leitura de presente real e não habitual (cf. Cunha, 2013), nas estruturas com o Presente do Indicativo (cf. O João *está a ler* um livro agora.). Ao mesmo tempo, em estruturas encabeçadas por *quando*, “as frases progressivas comportam-se como os estativos, i.e., “englobam” a oração pontual e são mais “naturais” com o Imperfeito” (Cunha, 1998a: 60) (cf. O João *estava a ler* um livro, quando eu entrei, versus ??O João *esteve a ler* um livro, quando eu entrei.).

Ainda assim, tal como as predicções estativas, o Progressivo parece “obedecer às mesmas restrições típicas no que respeita aos operadores aspectuais” (Cunha, 1998a: 60), não aceitando verbos de operação aspetual como *começar a* (cf. *O João *começou a estar a ler* um livro.), rejeitando, ainda, operadores que limitam a situação (*a x tempo*; *em*

²⁴ No entanto, de acordo com Cunha (2007: 144), “de um modo geral, poderemos afirmar que as estruturas progressivas são compatíveis com elementos portadores de “marcas” ou de “traços” de agentividade.”

²⁵ Exemplos baseados em Cunha (1998a).

x tempo) (cf. ?/*O João *esteve a ler* um livro às duas horas.), contudo, aceitam operadores durativos (*durante x tempo*), típicos dos processos (cf. O João *esteve a ler* um livro durante dois meses.) ou dos estados (cf. O João *esteve doente* durante dois anos).

Na verdade, “tal como os estados, o Progressivo apresenta uma estrutura durativa, homogênea, intrinsecamente atética e não é fácil determinar fases no seu interior” (cf. Leal, 2001: 123), levando a um problema muito estudado na literatura: o fenómeno do Paradoxo do Imperfectivo (cf. Dowty, 1979). O Paradoxo do Imperfectivo “remete-nos para certas assimetrias verificadas ao nível das inferências que se podem estabelecer (ou não) entre as formas progressivas e as suas correspondentes não progressivas” (Cunha, 1998a: 62, 2004, 2007). Segundo Cunha (1998), se um determinado evento é verdadeiro no momento da enunciação, continuará a ser verdadeiro quando é perspectivado no futuro e, logicamente, também o é no passado, mas isto não é possível em construções progressivas, pois “o progressivo é interpretado por eventos incompletos aos quais é possível acrescentar novas fases.” (Oliveira (1994: 180); Meulen (1987)). Isto é, a verdade de ‘O João *está a ler um livro*’ não implica que ‘O João *leu um livro*’ seja necessariamente verdadeiro, ou ainda, em ‘O João *está a morrer*’ não há a implicação de que ‘O João *morreu*’, porém, em enunciados do tipo ‘O João *está a correr*’ é possível retirar que ‘O João *correu*’. De facto, “o paradoxo reside no facto de a verdade das formas progressivas, que se combinam com dados eventos, não implicar necessariamente a verdade das suas correspondentes mais neutras no que diz respeito ao Aspecto” (cf. Cunha, 1998a: 63), podendo estar na base das dissemelhanças comportamentais de determinadas classes aspetuais, relativamente às implicações do Progressivo, a estrutura interna de cada uma delas. Ora, os processos (*correr*) que são homogêneos, isto é, cada parte que o integra é idêntica ao seu todo e, por isso, a verdade de cada parte implica a verdade da ocorrência de um processo do mesmo tipo, pelo contrário, os processos culminados (*ler um livro*) e as culminações (*morrer*) não o são, pois cada parte é “diferente do evento completo: nesse sentido, a verdade de “parte” da realização de tais eventos não pode implicar necessariamente a verdade da concretização do seu “todo”” (cf. Cunha, 1998a: 64). Assim, o Progressivo retira às culminações duas das suas características base: telicidade e instantaneidade e com processos culminados apenas é selecionada uma parte da situação, uma vez que com as construções progressivas, as

eventualidades não só ganham duração como se tornam incompletas (não atingem uma meta) (cf. Cunha, 1998; 2007).

Com efeito, destaca-se que “o facto de o progressivo, apesar de ser um estado, ter uma origem eventiva (mesmo quando tem na origem um estado lexical, esse estado teve que passar a processo (o seu ‘*input*’) antes de transitar para o estado progressivo), justifica a existência de algumas propriedades que são tipicamente de eventos, como um certo dinamismo, a agentividade e a possibilidade de pausas” (cf. Leal, 2001: 126). Assim, verifica-se que a construção progressiva, é, de facto, um operador que induz mudança aspetual, “the eventualities described by progressive forms of a verb *v* are of the type which is represented by that of the schema corresponding to the Aktionsart of *v* which terminates in, but does not include, the culmination point”, de acordo com Kamp & Reyle (1993: 566), sendo capaz de converter processos (*input*) em estados progressivos (*output*) (cf. Moens (1987); Cunha (1998a)). Assim, graças a todas as transformações possíveis (os estados passam a processos, as culminações agregam processos preparatórios (perdendo a culminação), os processos culminados perdem a culminação e os pontos passam a eventos iterativos), é possível que todas as classes aspetuais se combinem com o Progressivo, tal como é possível verificar na Rede Aspetual de Moens (1987).

1.4. Síntese

Neste capítulo, o objetivo de estudo focou-se no esclarecimento de alguns conceitos relacionados com Aspeto e Tempo, correlacionando as duas categorias, tendo em consideração as suas características básicas e alguns pontos de aproximação, como o caso dos tempos gramaticais e o operador aspetual progressivo. Assim, para esta análise, foram consideradas algumas teorias e propostas entendidas como essenciais para este estudo como: Vendler (1967); Dowty (1979); Moens (1987); Parsons (1990); Kamp & Reyle (1993), da literatura linguística inglesa; Cunha (1998, 2007, 2013); Cunha & Cintra (2014); Leal (2001); Oliveira (1994, 1996, 2003, 2013); Vilela (1995); Tavares (2001).

Assim, sistematizando, é possível afirmar que, de acordo com as diversas questões teóricas selecionadas:

- O Aspeto e o Tempo, apesar de apresentarem alguma autonomia, tendo as suas características próprias, entrecruzam-se de diversas maneiras, sendo o

estudo dos tempos gramaticais o caso mais evidente numa língua como o Português Europeu, uma vez que estes, além de comportarem informação temporal, podem, de certa forma, funcionar como operadores de mudança aspetual.

- As classes aspetuais distinguem-se, desde logo, em estados e eventos, considerando o traço *dinamicidade*: enquanto a primeira se caracteriza pela ausência deste traço, a segunda contempla-o, apresentando fases sucessivas.
- O Progressivo caracteriza-se por ser portador de duração e incompletude, comportando-se como operador aspetual capaz de alterar aspectualmente as eventualidades. Alterando qualquer classe aspetual, dado a possibilidade de se associar sem problema a qualquer tempo gramatical (cf. Rede Aspetual de Moens (1987)). É capaz de converter processos (*input*) em estados progressivos (*output*).
- As construções progressivas definem-se por serem próximas dos estados, graças ao comportamento semelhante (rejeição de ocorrência em: construções progressivas, construções imperativas e estruturas com verbos agentivos).

Capítulo 2 – Questões Gerais sobre Adjetivos e Particípios

Dado as construções que são objeto deste estudo contemplarem adjetivos e particípios passados, este capítulo faz uma breve apresentação sobre esta temática.

Como se sabe, os adjetivos e os particípios passados, embora pertençam a categorias distintas, partilham “um número importante de propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas” (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1476). Em geral, podem uns como os outros participar em construções predicativas, como além disso, se posicionar junto ao nome, em posição atributiva, sendo também suscetíveis de graduação. Assim, segue-se uma breve exposição, na secção 2.1., sobre o adjetivo, as características que o definem e as classes em que se pode dividir e em 2.2. serão apresentadas as características dos particípios passados. Já numa secção posterior, em 2.3, esclareceremos designações dadas aos particípios por estes mostrarem uma aproximação dos adjetivos.

2.1. Sobre os Adjetivos

O **adjetivo**, sendo considerado como uma categoria gramatical (Demonte, 1999: 133), possui, segundo Ferreira (2012), uma característica semântica relevante: atribui ao nome uma propriedade²⁶ (ou conjunto de propriedades) ou uma característica, podendo, assim, ser aplicado a vários tipos de objetos, pois apresenta-se como termo geral (cf. Demonte, 1999: 134). Desta forma, Veloso & Raposo (2013: 1359) consideram os adjetivos como “uma classe de palavras que exprimem propriedades caracterizadoras das entidades do universo de discurso, linguisticamente representadas por N”, definindo-se como graduáveis e medíveis, podendo, deste modo, ser modificados por advérbios que indicam graduação²⁷ e comparecer em frases comparativas (cf. Demonte, 1999).

Com efeito, o adjetivo²⁸ “estritamente relacionado com o substantivo por representar propriedades dos objectos que estes denotam” (Fonseca, 1989: 44), caracteriza-se por ser essencialmente um modificador do nome (cf. Cunha & Cintra, 2014: 315), servindo para caracterizar os seres, objetos ou noções, indicando, uma

²⁶ De acordo com Vilela (1995: 244), o adjetivo, por oposição ao verbo que se caracteriza pela processualidade e ao nome que configura a objetividade, foca-se na qualidade ou propriedade, representando “o mundo extralinguístico como “qualidade””.

²⁷ A questão da graduabilidade, característica dos adjetivos qualificativos, será retomada mais tarde.

²⁸ O adjetivo, segundo Fonseca (1989: 45), “atualizado em atribuição recebe também a designação de epíteto”.

qualidade ou defeito²⁹ (cf. o rapaz *atento*; o rapaz *preguiçoso*), um modo de ser (cf. pessoa *honesto*), o aspeto ou aparência (céu *azul*; rapaz *alto*) e, ainda, um estado (cf. menina *doente*). Além disso, de acordo com Cunha & Cintra (2014), pode estabelecer com o nome uma relação³⁰ de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade ou de procedência (cf. nota *mensal*; velho *português*). Havendo, por esse motivo, uma “íntima conexão” (Fonseca, 1989: 44) entre o nome e o adjetivo. Ao comportar-se como modificador ou como atributivo, pode comparecer antes ou à esquerda do nome, em posição pré-nominal (cf. *velho* amigo) ou surgir depois ou à direita do nome, em posição pós-nominal (cf. amigo *velho*)³¹. Todavia, de acordo com Brito (2003a: 378), estas duas posições associam-se a “diferentes interpretações”³², dado que a posição pós-nominal (posposição) desencadeia uma leitura restritiva do adjetivo pois, “induz tipicamente (...) uma leitura na qual se restringe o conjunto denotado pelo nome” (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1360), tendo ainda, um valor especificador e predicativo, consoante Brito (2003a); ao contrário da posição pré-nominal do adjetivo (anteposição) (cf. *velho* amigo) que motiva uma leitura não restritiva. Destaca-se o facto de nem todos os adjetivos poderem ocorrer em posição pré-nominal, ao contrário de outros que só podem ocorrer nesta posição (cf. Ferreira, 2012; Veloso & Raposo, 2013; e.o).

Na verdade, os adjetivos além de se comportarem como atributivos ocorrendo em justaposição (Fonseca, 1989) (cf. (12)), seja numa posição pré ou pós-nominal, podem ocorrer como núcleo de uma predicação, havendo ligação entre o sujeito e o predicativo do sujeito, que é feita através de um verbo copulativo (ou predicativo, de cópula, de ligação) como *ser*, *estar* ou *ficar*, atribuindo, desta forma, uma característica ao nome que está em posição de sujeito (cf. (13)³³) (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1361). Na predicação, segundo Fonseca (1989: 50), o adjetivo “é guindado a um estatuto de particular saliência e relevância, por se constituir em termo integrante de um segmento imprescindível para

²⁹ Os adjetivos em questão denominam-se adjetivos qualificativos (cf. Demonte (1999); Brito (2003); Veloso & Raposo (2013)).

³⁰ A estes adjetivos dá-se o nome de adjetivos relacionais (cf. Demonte (1999); Brito (2003); Veloso & Raposo (2013)).

³¹ O adjetivo posposto restringe o conjunto de indivíduos/amigos em geral àqueles que têm a propriedade adicional de serem *velhos*.

³² Considerando o adjetivo *velho* em ambas as posições, obtemos diferentes interpretações, visto que se consideramos o adjetivo posposto ao nome infere-se algo semelhante a ‘amigo idoso’, em que está evidente a idade. Em contraste, ‘velho amigo’ transmite a interpretação de ‘antigo, que se mantém há algum tempo’. (Exemplos baseados em Brito, 2003b).

³³ Conjunto de exemplos baseado em Veloso & Raposo (2013).

a boa formação dessa unidade linguística básica”, surgindo como uma parte constituinte do predicado. De facto, acrescenta-se que o adjetivo, ao ser uma “classe de palavras de natureza essencialmente gregária, adjuntiva”, associa-se a um nome ou a um verbo (predicativamente) (cf. Rio-Torto, 2006: 104), dado que “são duas as vias por que se realiza a actualização do adjectivo no enunciado: *atribuição* e a *predicação*.” (Fonseca, 1989: 44).

- (12) a. Há livros **interessantes** na livraria do meu tio.
b. O meu **velho** amigo regressa a Portugal já na próxima semana.
- (13) a. Os livros **são** interessantes.
b. A Maria **está** contente.
c. O meu pai **ficou** doente.

Além disso, o adjetivo, do ponto de vista morfológico (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1363), concorda em género e número com o nome que está a ser adjetivado ou com o sintagma nominal sujeito, quando se apresenta com função predicativa. Esta classe, segundo Veloso & Raposo (2013), caracteriza-se por ser aberta e, consequentemente, ampla, dado a existência de inúmeras características e propriedades passíveis de caracterizar e qualificar as entidades pertencentes ao mundo real ou virtual. Por esse motivo, Cunha & Cintra (2014) afirmam que “poucos são os adjetivos que podemos considerar primitivos” (ou morfológicamente simples (cf. Rio-Torto (2006); Veloso & Raposo (2013))) (cf. *triste*, *grande*, entre outros) sendo a maioria composta pelos adjetivos que derivam de nomes (cf. *uropeu* ou *ambiental*, que derivam de Europa e Ambiente, respetivamente), de verbos (cf. *amável* ou *elucidativo*, que provêm de amar e elucidar), de outros adjetivos (cf. *infeliz* e *descontente*, derivados de feliz e contente), e, ainda, que resultam da conversão de participípios passados³⁴ (cf. *chateado* ou *cansado*) ou de nomes (cf. *burro*). Os adjetivos derivados podem, ainda assim, formar palavras compostas (cf. *maldisposto* ou *luso-descendente*). De facto, os adjetivos derivados apresentam, ao contrário dos primitivos (ou simples) “uma estrutura morfológica mais enriquecida” (cf. Rio-Torto, 2006: 109).

Assim, sabendo que várias são as perspetivas de classificação desta categoria, segue-se a exposição de algumas ideias chaves teorizadas por diferentes autores, para o

³⁴ Assunto a ser retomado em 2.2.

Português (cf. Brito (2003), Cunha & Ferreira (2003), Ferreira (2012), Cunha & Cintra (2014) e Veloso & Raposo (2013), mas também para o Espanhol (cf. Demonte (1999)).

2.1.1. As Diferentes Classes de Adjetivos

Como se trata de uma classe de palavras vasta³⁵ e devido às propriedades (ou particularidades (cf. Ferreira, 2012)) que caracterizam esta classe sintático-semântica, diversas são as teorias propostas e as “perspetivas de abordagem” (cf. Ferreira, 2012: 11) para a interpretação e estudo deste tema. Desta forma, diversos autores, como Demonte (1999), Brito (2003a), Cunha & Ferreira (2003), Ferreira (2012), Cunha & Cintra (2014) e Veloso & Raposo (2013), apesar da dificuldade na delimitação, propõem subclasses de adjetivos, sendo considerados os adjetivos qualificativos e os adjetivos relacionais como “subclasses semânticas centrais” (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1362). Brito (2003a) classifica os adjetivos em duas grandes categorias: **adjetivos (modificadores ou) qualificativos** e **adjetivos relacionais**. Os primeiros (cf. *bonito* ou *inteligente*), de acordo com a autora (2003a: 376), “exprimem qualidades, estados, modos de ser de entidades denotadas pelos nomes”; pelo contrário, os adjetivos relacionais (temáticos ou referenciais) (cf. *presidencial* ou *européu*) relacionam-se com os nomes ou provêm deles. Também Cunha & Cintra (2014) já adotavam esta divisão, uma vez que, conforme estes autores, “o adjetivo é essencialmente um modificador do substantivo”, podendo caracterizar seres ou estabelecer uma relação com o nome, tal como mencionado anteriormente. Ainda assim, além das categorias consideradas como centrais, existem outras subclasses de adjetivos, em português europeu, explicitadas por Brito (2003): os **adjetivos modificadores do significado ou intensão de nomes** (cf. *principal* ou *mero*), os **adjetivos negativos e conjeturais** (cf. *falso* e *presumível*), os **adjetivos modais** (cf. *provável* ou *possível*) e os **adjetivos temporais-aspetuais** (cf. *frequente* e *súbito*). Porém, já Demonte (1999), tendo em estudo a língua espanhola, agrupa os adjetivos acima expostos como parte integrante da grande subclasse de adjetivos adverbiais, ou seja, esta subclasse engloba os “adjetivos modificadores del significado o intensión de los nombres” e os “adjetivos circunstanciales o modificadores del evento”, que, ainda assim, agregam os adjetivos circunstanciais temporais, locativos, de maneira e aspetuais,

³⁵ A título de curiosidade, de acordo com Monteiro (2018: 34), “os adjetivos são muito, muito, muito poucos, tendo em conta as infinitas realidades. São uma tentação, porque agrupam, arrumam, ordenam a diferença – numa palavra, eliminam-na.”

caracterizando-os como “sólo sirven para indicar la manera como el concepto o intensidad de un término se aplica a un determinado referente” (1999: 139). Uma das características distintivas entre os adjetivos qualificativos e os demais adjetivos aqui apresentados (adverbiais e relacionais) é a não ocorrência destes últimos em construções predicativas, todavia, ainda assim, os adjetivos adverbiais temporais e adjetivos modais aceitam determinadas construções com o verbo *ser*.

Ainda assim, importa ressaltar a proposta adotada por Veloso & Raposo (2013) para a divisão tipológica dos adjetivos, isto é, estes autores, além de explicitarem uma divisão entre as subclasses de adjetivos qualificativos, relacionais e adverbiais, como Demonte (1999), propõem também uma repartição de classes superiores a estas. Esta divisão concentra-se na distinção entre cinco classes de adjetivos: os **adjetivos denotativos**, os **adjetivos avaliativos**, os **adjetivos modais**, os **adjetivos intensionais** e os **adjetivos adverbiais**. Os **adjetivos denotativos** “atuam sobre o sentido do nome modificado, expressando propriedades que incidem sobre aspetos variados da entidade representada por esse nome” (Veloso & Raposo, 2013: 1368), compreendendo a classe de adjetivos qualificativos e de adjetivos relacionais (cf. mesa *redonda*; ilha *tropical*). Por sua vez, os **adjetivos avaliativos**, ao contrário dos denotativos, não designam características das entidades, “não atuam no sentido do nome” (2013: 1368) e, desta forma, apresentam apenas uma avaliação subjetiva (juízo de valor) expressa por um sujeito/falante (cf. gravata *fantástica*). A classe dos **adjetivos modais** foca-se em critérios particulares da modalidade, veiculando “um juízo do falante num dos cinco domínios em que se articula esta área semântica” (2013: 1369) (cf. *possível* adiamento); já os **adjetivos intensionais** associam-se à expressão de um juízo de valor sobre a forma “como o próprio nome modificado se aplica à entidade designada pelo sintagma nominal que tem o nome como núcleo” (2013: 1369) (cf. *falso* médico). A última subclasse, a dos **adjetivos adverbiais**, caracteriza-se por conter todos os adjetivos acima mencionados, seja qualificativos, relacionais, avaliativos, modais ou intensionais, em que a leitura adverbial se ancora na expressão de características relacionadas com as circunstâncias em que se dá um determinado evento (como a duração, localização temporal, o modo como os sujeitos envolvidos atuam e a forma como se articula a estrutura temporal) (cf. *frequentes* visitas; *próxima* rua). Destaca-se o facto de Veloso & Raposo (2013) agruparem os adjetivos modais e os adjetivos intensionais, considerando que estes tipos de adjetivos se

assemelham devido ao facto de “não introduzirem propriedades novas, constitutivas ou relacionais, no sentido dos nomes que modificam” (2013: 1388).

Definimos a proposta de Classes de Adjetivos, de Veloso & Raposo (2013), como uma abordagem de melhor adequação ao objeto e objetivo de estudo quanto aos adjetivos, uma vez que, como veremos em 2.1.1.1.1, estes autores propõe uma diferente organização na classe dos adjetivos qualificativos. Contudo, também teremos em conta outros estudos, como de Demonte (1999) e Dixon (1982), para a categorização dos adjetivos qualificativos e ainda propostas de Bosque (1993), Brito (2003), Cunha & Ferreira (2003) e Ferreira (2012), e.o, para o estudo das restantes classes de adjetivos e, fundamentalmente, para a apresentação das diferenças (e semelhanças) existentes entre os adjetivos qualificativos e os adjetivos relacionais.

2.1.1.1. Sobre os Adjetivos Denotativos

Os **adjetivos denotativos**, tal como acima explicitamos, “atuam sobre o sentido do nome modificado, expressando propriedades que incidem sobre aspetos variados da entidade representada por esse nome” (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1368). Este tipo de adjetivos caracteriza-se por englobar os que, estando presentes nas diversas línguas, ao se combinarem com um nome, introduzem uma nova característica ou propriedade além daquelas que estão contidas no nome³⁶, “enriquecendo a sua intensão e restringindo a sua extensão” (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1372). Importa acrescentar que, tal como é sobejamente conhecido em semântica, cada nome comum se associa a uma série de características, sendo que essas características correspondem ao sentido ou intensão da palavra³⁷. Informalmente, o sentido corresponde, de facto, à definição de uma palavra no dicionário (cf. Veloso & Raposo, 2013). Além disso, a extensão concentra-se no conjunto de todas as entidades do mundo (passadas, presentes, futuras) a que a intensão se aplica³⁸.

³⁶ Destaca-se o facto de que, porventura, em diversos contextos, poderá surgir nomes agregados a adjetivos que não denotam propriedades novas, como é o exemplo de ‘relva verde’. De acordo com Veloso & Raposo (2013), neste caso apenas existe um realce da propriedade que é inserida junto ao nome.

³⁷ Por exemplo, *livro* – o sentido ou intensão de *livro* é algo como ‘conjunto de folhas de papel, em branco, escritas ou impressas, soltas ou cosidas, em brochura ou encadernadas’.

³⁸ A extensão do nome *livro* será o conjunto de todos os objetos do mundo, portadores das características expressas na intensão do nome.

Esta classe de adjetivos subdivide-se em adjetivos qualificativos e em adjetivos relacionais, de que se vai falar de seguida, explicitando as suas particularidades e o que os distingue.

2.1.1.1.1. *Adjetivos Qualificativos*

Os **adjetivos qualificativos**, ao exprimem qualidades, estados ou modos de ser (Brito, 2003a), comportam a função de atuar sobre o sentido do nome, especificando-o (cf. Veloso & Raposo, 2013). Assim sendo, Veloso & Raposo (2013: 1373) consideram que este tipo de adjetivos “exprimem propriedades “primitivas” das entidades representadas pelo nome modificado, ou seja, propriedades que se aplicam a diversas dimensões pré-determinadas que estruturam os vários tipos de entidades.”

Na verdade, em estudos anteriores, Dixon (1982: 16) classifica os adjetivos, em inglês, em sete tipos, tendo em consideração critérios semânticos, sintáticos e morfológicos: dimensão (‘dimension’) (cf. *big, large*), propriedade física (‘physical property’) (cf. *hot, cold*), cor (‘colour’) (cf. *black, white*), atitudes e (pre)disposições humanas (‘human propensity’) (cf. *happy, kind*), idade (‘age’) (cf. *young, old*), valor (‘value’) (cf. *good, bad*) e velocidade (‘speed’) (cf. *fast, quick*). Contudo, Demonte (1999), seguindo esta tipologia, acrescenta que os adjetivos que denotam propriedades físicas podem, de facto, ainda se subdividir em subclasses específicas que retratam, por exemplo, a forma ou o peso da entidade. Isto é, colocando de parte as classes de adjetivos que retratam a cor, a dimensão e a velocidade que já se encontram como classes “primárias”, é possível encontrar nos adjetivos de propriedade física, adjetivos que denotam forma (cf. *redondo, curvo*), peso (*leve, pesado*), sabor (cf. *doce, amargo*), tato (cf. *duro, suave*), cheiro (cf. *perfumado, fedorento*), temperatura (cf. *quente, frio*) e som (cf. *grave, agudo*). De facto, os adjetivos qualificativos que denotam propriedades de natureza material cobrem diversas áreas, conforme Veloso & Raposo (2013). No entanto, Dixon (1982, 1994) e Demonte (1999) não estabelecem uma diferenciação entre os adjetivos que denotam propriedades materiais e aqueles que caracterizam propriedades associadas as seres vivos. Por isso, considerando necessária a distinção entre essas classes, Veloso & Raposo (2013) dividem os adjetivos qualificativos em dois grupos: (1) adjetivos qualificativos de propriedades de natureza material e (2) adjetivos qualificativos de propriedades físicas, psicológicas, morais e sociais associadas a seres vivos.

Efetivamente, de acordo com os autores acima, os adjetivos qualificativos de propriedades de natureza material agregam todos os adjetivos que denotam: (a) dimensão espacial – nesta subclasse cabem todos os adjetivos que retratem uma das dimensões espaciais seguintes: comprimento, largura, altura, área e volume; (b) peso e densidade; (c) velocidade – caracterizam-se por serem, tal como os que denotam dimensão, relativos e polares (Demonte, 1999); (d) textura, tato e consistência; (e) idade; (f) temperatura; (g) som; (h) sabor; (i) odor; (j) luminosidade e visibilidade; (k) interações físico-químicas e bioquímicas – neste grupo, como iremos verificar, são imensos os adjetivos presentes, dada a possibilidade de se incluir adjetivos de temperatura, densidade, luminosidade ou sabor, pois estes estão associados a propriedades físicas e químicas; (l) cor³⁹ – este tipo de adjetivos constitui “un conjunto relativamente abierto” (cf. Demonte, 1999: 178), no qual estão incluídos adjetivos de termos básicos (*azul, verde, vermelho*), adjetivos derivados dos anteriores (*azulado, esverdeado, avermelhado*)⁴⁰ e adjetivos compostos (*cor-de-rosa, cor de mel*); (m) forma – qualificam objetos unidimensionais, bidimensionais e tridimensionais, estando, assim estes adjetivos ligados à geometria - e, por fim, (n) orientação espacial, que denotam a posição dos objetos em relação a outros ou a um ponto, superfície ou volume no espaço, segundo Veloso & Raposo (2013). Este tipo de adjetivos, na verdade, caracteriza-se por se aplicarem “a dimensões constitutivas dos objetos em geral” (Veloso & Raposo, 2013: 1374), cobrindo diferentes áreas e, portanto, pode, porventura, se inserir o mesmo adjetivo em diferentes classes, devido ao conhecimento interiorizado do falante⁴¹. Por outro lado, os adjetivos qualificativos de propriedades associados a seres vivos integram adjetivos que “denotam diversas características físicas ou mentais atribuíveis especificamente a seres vivos”, sendo que algumas se destinam exclusivamente a seres humanos: (i) propriedades físicas (fisiológicas, fisionómicas ou de constituição), (ii) atitudes mentais e comportamentais,

³⁹ Os adjetivos de cor são “siempre semánticamente intersectivos (categoremáticos o absolutos): no es posible que algo sea un vestido verde y no sea un objeto verde” (Demonte, 1999: 178), tal como os adjetivos de forma.

⁴⁰ Os adjetivos “amarelado” ou “azulado” “não tem a mesma qualidade do que “amarelo” e “azul”, mas, ainda assim, aproximam-se dela, havendo uma fase intermédia entre o estado anterior (azul) e o que se manifesta no adjetivo” (Herculano de Carvalho, 1984: 154). O autor acrescenta participípios adjetivais como “entristecido” a esta consideração.

⁴¹ O adjetivo *fresco* pode fazer parte da subclasse de adjetivos de idade e, ao mesmo tempo, de adjetivos de temperatura. Todavia, destaca-se a interpretação dissemelhante que este adjetivo alcança, isto é, um enunciado do tipo ‘o meu tio ainda está fresco’ tem uma leitura diferente do enunciado ‘o vento é fresco’. Pode ainda, este adjetivo, funcionar como um adjetivo que denota tempo, como em: *notícia fresca* ou *fresca data*.

(iii) estados sociais, religiosos e morais. De forma a que todos as subclasses adjetivos qualificativos aqui mencionados estabeleçam uma correspondência com os seus exemplos prototípicos, apresenta-se uma tabela, com base em Veloso & Raposo (2013: 1374-1377).

Tipos de Adjetivos Qualificativos (cf. Veloso & Raposo (2013: 1374-1377))		Exemplos
(1) Adjetivos Qualificativos de Propriedades de Natureza Material	(a) Dimensão Espacial	alto, amplo, baixo, comprido, curto, delgado, enorme, espaçoso, estreito, fino, grande, grosso, largo, longo, pequeno, profundo, reduzido
	(b) Peso e Densidade	denso, espesso, leve, maciço, oco, pesado, ralo, rarefeito
	(c) Velocidade	célere, lento, lesto, ligeiro, rápido, vagaroso, veloz
	(d) Textura, Tato e Consistência	áspero, consistente, duro, esponjoso, liso, macio, moldável, mole, rígido, rijo, rugoso, sedoso, suave, texturado, viscoso
	(e) Idade	antigo, antiquado, arcaico, cediço, fresco, jovem, maduro, moderno, novo, velho
	(f) Temperatura	escaldante, fresco, frio, gelado, morno, quente, tépido
	(g) Som	abafado, agudo, alto, baixo, brando, cristalino, estridente, estrídulo, grave, límpido
	(h) Sabor	ácido, acre, adocicado, amargo, apaladado, doce, insosso, picante, salgado
	(i) Odor	acre, adocicado, fétido, perfumado, pestilento
	(j) Luminosidade e Visibilidade	baço, brilhante, claro, cristalino, escuro, fluorescente, cosco, fosforescente, invisível, límpido, luminoso, opaco, sombrio, translúcido, transparente, visível
	(k) Interações Físico-Químicas e Bioquímicas	assado, catalisador, coalhado, condensado, condensador, congelado, congelante, corrosivo, cozido, cremado, emulsionante, enferrujado, evaporado, fecundante, fertilizante, fervente, fervido, frito, fundente, fungicida, hidratante, húmido, infetado, infetante, liofilizado, molhado, oxidado, oxidante, pasteurizado, pesticida, poluente, purificante, putrefacto, queimado, seco, solidificado, sublimado, urticante
(2) Adjetivos Qualificativos de Propriedades	(l) Cor	alvo, amarelo, azul, branco, carmesim, castanho, cor de areia, cor de cobre, cor de framboesa, cor de laranja, cor de mel, cor-de-rosa, cor de tijolo, cor de vinho, esverdeado, fulvo, negro, preto, roxo, rubro, ruivo, verde, vermelho, salmão, azul-turquesa, verde-garrafa
	(m) Forma	abaulado, achatado, agudo, amorfo, angular, anguloso, arredondado, chato, circular, côncavo, cónico, convexo, cúbico, curvo, deformado, elíptico, esférico, faviforme, filiforme, hexagonal, hiperbólico, ondulado, oval, parabólico, paraboloide, pentagonal, piramidal, plano, pontiagudo, pontudo, prismático, quadrado, quadrangular, redondo, retilíneo, reto, rombo, torto, triangular, zoomorfo
	(n) Orientação Espacial	ascendente, central, convergente, descendente, direito, enviesado, horizontal, inclinado, lateral, marginal, oblíquo, ortogonal, paralelo, perpendicular, vertical
(2) Adjetivos Qualificativos de Propriedades	(i) Propriedades Físicas (Fisiológicas, Fisionómicas ou de Construção)	barbudo, bêbedo, cabeludo, cansado, cego, coxo, doente, engripado, entroncado, esquelético, estafado, fatigado, gordo, grávida, magro, maldisposto, morto, obeso, pezudo, são, saudável, sóbrio, tonto, virgem, vivo

Físicas, Psicológicas, Morais e Sociais Associadas a Seres Vivos	(ii) Atitudes Mentais e Comportamentais	alegre, arrogante, astuto, atencioso, atento, ativo, autoritário, brilhante, calmo, comilão, competente, complacente, contente, cruel, diligente, discreto, dissimulado, educado, enérgico, esperto, feliz, fiel, firme, gastador, generoso, imbecil, infeliz, ingênuo, inteligente, justo, leal, maldispósito, mandão, mentiroso, nervoso, obediente, persistente, polido, preguiçoso, pretensioso, promíscuo, pudico, puritano, relaxado, simpático, simples, sincero, sovina, teimoso, tenaz, tenso, tolo, tonto, trabalhador, traíçoeiro, triste
	(iii) Estados Sociais, Religiosos e Morais	casado, católico, culpado, divorciado, inocente, judeu, pobre, protestante, rico, solteiro, viúvo

Tabela 1 - Tipos de Adjetivos Qualificativos (cf. Veloso & Raposo, 2013)

Além disso, a subclasse dos adjetivos qualificativos, contrariamente aos adjetivos relacionais, caracteriza-se por maioritariamente estes serem graduáveis, podendo comparecer em construções comparativas e superlativas e ocorrendo em posição predicativa⁴². Segue-se, desta forma, uma pequena explicitação acerca dos adjetivos relacionais (cf. 2.1.1.1.2) e, posteriormente, a exposição de algumas diferenças entre estas subclasses de adjetivos (cf. 2.1.1.1.3).

2.1.1.1.2. Adjetivos Relacionais

Os adjetivos relacionais definem-se como “aquellos que se refieren a un conjunto de propiedades (a una entidade externa) con las cuales el nombre modificado establece una relación semântica determinada, pendiente aún de especificar” (cf. Demonte, 1999: 150). Este tipo de adjetivos, ao se relacionarem semanticamente com um nome e, em diversos casos, morfologicamente, por derivação⁴³ (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1377), são, considerados por Rio-Torto (2006: 121) como adjetivos tipicamente denominais.

Com efeito, tipicamente, a maior parte dos adjetivos relacionais têm “dois tipos de funcionamento semântico, dependendo em parte do nome com o qual se combinam” (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1378), subdividindo-se em adjetivos relacionais classificadores e adjetivos relacionais argumentais (ou temáticos cf. Bosque, 1993). A diferença entre estes dois grupos de adjetivos relacionais “no es léxica, sino sintáctica” (Bosque, 1993: 8). Enquanto os primeiros fornecem uma função de classificação das entidades que são denotas pelo nome (cf. arte *renascentista*; dia *primaveril*), os adjetivos relacionais argumentais, tal como o próprio nome indica, podem representar argumentos

⁴² Segundo Cunha & Ferreira (2003), os adjetivos qualificativos, por constituírem uma classe heterogênea, incluem adjetivos que apenas podem ocorrer com *ser*, adjetivos que aceitam somente *estar* e ainda outros que admitem simultaneamente *ser* e *estar*.

⁴³ Por exemplo, ‘teatral’ deriva de ‘teatro’ e, ainda, ‘campestre’ que deriva de ‘campo’ (cf. Veloso & Raposo, 2013).

dos nomes semanticamente eventivos ou que denotam situações (cf. invasão *romana*; pesca *baleeira*)⁴⁴. Além disso, este último tipo de adjetivos relacionais pode “corresponder a argumentos distintos de um nome, dependendo dos papéis temáticos que o nome seleciona” (Veloso & Raposo, 2013: 1380). Importa salientar, ainda assim, o facto de que os adjetivos relacionais argumentais comportam uma componente classificatória, típica dos adjetivos denotativos, atribuindo, de certa forma, características ao nome modificado, levando, os autores, a considerar que não existe uma “partição estanque dos adjetivos relacionais em classificadores e argumentais”, podendo, o mesmo adjetivo conter as duas funções. Para além disso, também é possível que um mesmo adjetivo possa, em determinados contextos, comportar-se como relacional e noutros, definir-se como qualificativo, como é o caso de sistema *nervoso* (relacional) *versus* pessoa *nervosa* (qualificativo) ou ordem *religiosa* (relacional) *versus* pessoa *religiosa* (qualificativo) (cf. Veloso & Raposo, 2013).

Segue-se, de forma a distinguir “as subclasses semânticas centrais” de adjetivos, a exposição das principais diferenças existentes entre os adjetivos qualificativos e os adjetivos relacionais (cf. 2.1.1.1.3).

2.1.1.1.3. As Principais Diferenças entre Adjetivos Qualificativos e Adjetivos Relacionais

Além da dissemelhança semântica existente entre estas duas classes de adjetivos, que as marca pela primeira ser caracterizada por atribuir características (ou propriedades) aos nomes e pela segunda provir de uma base nominal, possuindo, tipicamente, o valor de agente ou posse (cf. Cunha & Cintra, 2014: 316), segundo Brito (2003a: 377), os adjetivos qualificativos e os adjetivos relacionais “são marcados por alguns comportamentos sintácticos distintos”. De modo a que estas classes sejam diferenciadas, Demonte (1999: 138) apresenta “tres pruebas sintácticas, tres procesos gramaticales” que o permitem: possibilidade (ou não) de ocorrência em posição predicativa; possibilidade de comparecer em construções comparativas ou com advérbios de grau; e capacidade para formar sistemas binários (pares de adjetivos, antónimos), podendo ser,

⁴⁴ Exemplos retirados de Veloso & Raposo (2013).

por isso, capazes de comparecer em escalas de polaridade e, desta forma, ser cada qual constituído como um polo nessa escala⁴⁵.

Assim, de uma forma simples e sintetizada, os adjetivos qualificativos, por oposição aos adjetivos relacionais, “participam em construções predicativas, aceitam modificadores de grau e, em posição atributiva, antepõem-se e pospõem-se ao nome que modificam” (cf. Ferreira, 2012: 2), dando, desta forma, segundo Demonte (1999) resultados positivos às provas expostas pela autora (cf. (14)). Todavia, os adjetivos relacionais ocupam, tendencialmente, a posição atributiva, colocando-se à direita do nome, não podendo, ocorrer em posição predicativa, na sua generalidade, consoante Brito (2003a: 377) (cf. (15)). Contudo, esta consideração não é tão linear como aparenta, pois “nem sempre a função predicativa está vedada aos adjetivos relacionais” (Velo & Raposo, 2013: 1385), isto é, existem certas situações, nas quais é possível encontrar-se um adjetivo relacional em posição que não seja atributiva, mas predicativa: “em contextos de focalização do predicado, de contraste entre sujeitos ou em contextos em que o predicado é usado como explicação de uma dada situação” (cf. Velo & Raposo, 2013; Ferreira, 2012) (cf. (16)). Os autores acrescentam ainda que existem adjetivos relacionais, que, ao construírem-se a partir de outros adjetivos relacionais (cf. *monocromática*, *multirracial*, entre outros), aceitam a predicação (cf. (17))⁴⁶. Vejamos os exemplos que se seguem:

- (14) a. Os **alunos** *são simpáticos*.
b. Uns **alunos** muito *simpáticos*
c. **Alunos** *simpáticos*/ *simpáticos* **alunos**
- (15) a. *O **código** *é laboral*.
b.*Um **consultório** muito *médico*
c. **Código** *laboral*/ **laboral código*
- (16) a. A **decisão foi** *económica*, não *política*.
b. Certas **vitórias são** *socialistas*, outras não.
c. A **sobremesa está** *ótima*. Certamente **é** *caseira*.
- (17) a. Esta **escala é monocromática**. (#Esta **escala é cromática**.)

⁴⁵ Sobre Graduabilidade e Escalas, ver 2.1.2.

⁴⁶ Exemplos (14) e (15) retirados de Ferreira (2012: 2); (16) e (17) retirados de Velo & raposo (2013: 1385).

b. Essas **sociedades são multirraciais**. (#Essas **sociedades são raciais**.)

Além disso, os adjetivos relacionais não ocorrem em construções comparativas, não admitem graduação “nem aceitam ser modificados pelo advérbio *muito*” (cf. Ferreira, 2012: 2), “precisamente porque no denotam cualidades, sino clases o individuos” (Bosque, 1993: 23) (cf. (15b)). Contudo, importa ainda referir que esta subclasse de adjetivos se pode recategorizar, passando a comportar-se como adjetivos qualificativos, quando é possível a sua ocorrência em construções de grau (cf. Bosque, 1993; Costa Ferreira, 2018), (cf. homem muito religioso vs #guerra muito religiosa) ou a sua presença em estruturas predicativas ((Veloso & Raposo, 2013) (cf. a piscina é **municipal**), dando-se uma mudança de categoria (Cunha & Ferreira, 2003). Segundo Bosque (1993: 23), estes adjetivos podem denotar relações com sistemas de normas ou regras, tais como *legal* ou *constitucional*, podendo ainda recategorizar-se (cf. *o tribunal é muito constitucional). No entanto, tendo em consideração a possível mudança de categoria por parte destes adjetivos (adjetivos relacionais → adjetivos qualificativos; adjetivos qualificativos → adjetivos relacionais), Bosque (1993: 24) considera que “el paso de adjs-R a adjs-Q es mucho más frecuente que el contrario”.

Sublinha-se que, além destas diferenças existentes entre os adjetivos qualificativos e os adjetivos relacionais, Demonte (1999: 172), em estudos para a língua espanhola, considera que os primeiros, por oposição aos adjetivos relacionais, “asignan una propiedad que puede ser estable (=individual) o transitoria (=episódica) como ilustran *la joven {buena/ alta/ honesta/ rubia/ rápida}* frente a *la joven {exhausta/ casada/ consumida}*.” Este tipo de leitura (individual ou de estágio), correspondendo os predicados *individual-level* e *stage-level* (Carlson, 1977), pode também advir, em línguas como o Português ou o Espanhol, do uso dos verbos copulativos *ser* e *estar*, tal como iremos explicitar adiante (cf. Capítulo 3).

2.1.1.2. Sobre os Adjetivos Avaliativos, Modais e Intensionais e Adverbiais

Tendo em consideração o que foi dito anteriormente sobre a classe dos adjetivos denotativos, na qual se insere os adjetivos qualificativos e os adjetivos relacionais, segue-se uma pequena abordagem acerca das outras três grande classes propostas por Veloso & Raposo (2013).

Os **adjetivos avaliativos**, tal como o próprio nome indica, caracterizam-se por expressarem uma avaliação por parte do falante acerca da entidade denotada pelo nome, porém, “não especificam uma propriedade da entidade denotada pelo nome nem, inversamente, restringem o conjunto de entidades denotadas a um subconjunto particular que tenha a propriedade expressa pelo adjetivo” (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1387), contrariamente aos adjetivos qualificativos. De acordo com Veloso & Raposo (2013), fazem parte desta subclasse adjetivos como *admirável*, *bom*, *diabólico*, *espantoso*, *fantástico*, *horroroso*, *magnífico*, *maravilhoso*, *mau*, *terrível*. Torna-se assim relevante distinguir “gravata verde” de “gravata fantástica”, sendo possível afirmar, consoante os autores, que no primeiro caso o adjetivo pertence à classe dos *adjetivos qualificativos*, por enriquecer o sentido do nome, especificando o objeto; ao contrário de “fantástica” que é um *adjetivo avaliativo*, dado não adicionar nenhuma propriedade que permita especificar o nome. Este tipo de adjetivos parece poder, além de comparecer em posição predicativa, em certos contextos ocorrer em construções comparativas, apresentando graduação: A gravata do meu pai é *fantástica*; A gravata do meu pai é muito *melhor* do que a minha.

Os **adjetivos modais** e os **adjetivos intensionais** “têm em comum o facto de não introduzirem propriedades novas, constitutivas ou relacionais, no sentido dos nomes que modificam; consequentemente, não restringem a classe denotada pelo nome” (Veloso & Raposo, 2013: 1388). Os primeiros – os adjetivos modais - focam-se em critérios relacionados com a modalidade, veiculando um juízo do falante nos cinco domínios da modalidade (epistémico, deôntico, desiderativo, interno e externo). Já os segundos – os adjetivos intensionais – “atuam sobre o sentido do nome modificado, exprimindo um juízo do falante sobre o modo como o nome se aplica à entidade denotada por ele” (2013: 1393). Considerando os adjetivos *possível* e *falso* em sintagmas do tipo ‘o possível adiamento do exame’ e ‘falso professor’⁴⁷, verifica-se que no caso do adjetivo modal apenas se confere o grau de crença do falante perante a situação e no caso do adjetivo intensional, este “limita-se a exprimir o juízo do falante de que o nome não se aplica à

⁴⁷ Note-se que ‘professor falso’ não tem a mesma interpretação do que ‘falso professor’, remetendo para o sentimento de falsidade ou mentira e, por isso, associa-se a ‘pessoa falsa’.

entidade denotada – que não é, na realidade, um professor” (Veloso & Raposo, 2013: 1388); não havendo, desta forma, a introdução de propriedades novas no sentido do nome.

Os **adjetivos adverbiais**⁴⁸, de acordo com Veloso & Raposo (2013: 1404), “correspondem a adjetivos qualificativos, relacionais, avaliativos, modais e intensionais que exprimem propriedades relacionadas com as circunstâncias em que decorrem os eventos (...), em particular a sua duração, a sua localização temporal, o modo como os participantes neles envolvidos atuam e a maneira como se articula a sua estrutura temporal interna”. Contudo, esta proposta difere daquela que Demonte (1999) apresenta anteriormente, na qual existe uma divisão da categoria adjetival em três subclasses: adjetivos qualificativos, adjetivos relacionais e adjetivos adverbiais. A autora, de forma a explicitar essa divisão, afirma que além dos adjetivos atribuírem propriedades ou características ao nome, como é o caso dos adjetivos qualificativos e relacionais, os adjetivos adverbiais “sólo sirven para indicar la manera como el concepto o intensidad de un término se aplica a un determinado referente” (Demonte, 1999: 139). A autora (1999), ao contrário da proposta de Veloso & Raposo (2013), inclui na classe dos adjetivos adverbiais, apenas os adjetivos modais, considerando a classe dos adjetivos adverbiais como autónoma. Na sua proposta de classificação, Veloso & Raposo (2013) apresentam os diversos valores que os adjetivos adverbiais podem conter (modo, duração, localização temporal, localização espacial, aspeto), todavia, apenas os mencionámos, pois não serão explorados neste trabalho, por não fazerem parte do foco de estudo.

Além disso, importa referir que, além dos qualificativos, os adjetivos modais, os adjetivos avaliativos e os adjetivos adverbiais, normalmente, parecem ocorrer em posição predicativa (Cunha & Ferreira, 2003).

2.1.2. Graduabilidade e escalas: adjetivos graduáveis e não graduáveis

Diversos adjetivos, nomeadamente, na sua maioria, os qualificativos, apresentam como característica a capacidade de serem graduáveis ou escalares, isto é, de acordo com Rio-Torto (2006: 110), “são adjetivos graduáveis os que descrevem propriedades concebidas como ordenadas ou ordenáveis numa escala de valores”. De facto, Kennedy & McNally (2005: 349) consideram que “gradable adjectives map their arguments onto

⁴⁸ Denominados com Adjetivos Temporais/Aspetuais por Brito (2003) e Cunha & Ferreira (2003).

abstract representations of measurement, or DEGREES, which are formalized as points or intervals partially ordered along some DIMENSION”, assumindo, ainda, estes autores, que uma escala se define por ser “the set of ordered degrees” (uma sucessão linear de graus (cf. Veloso & Raposo, 2013)). Leal, Ferreira & Cunha (2015: 154) estendem a definição de escala, afirmando que esta “é concebida como um conjunto de pontos totalmente ordenados (crescente ou decrescentemente) ao longo de uma determinada dimensão (altura, largura, volume, duração, etc).” Uma escala, segundo Ferreira (2012: 40), constituída por graus que correspondem a intervalos, pode apresentar-se como aberta ou fechada. Salientando-se, ainda, que “os adjetivos graduáveis funcionam como uma função de medição, que avalia o grau de mudança, numa relação entre entidades e graus” (Costa Ferreira, 2018: 38), estando, por esse motivo, uma predicação dependente de um *standard* de comparação, que “funciona como uma espécie de grau mínimo necessário para que haja uma mudança na propriedade transmitida pelo adjetivo.”

De facto, segundo Hay (1998: 2), os adjetivos graduáveis podem dividir-se em duas classes “with respect to range of a scale onto which it it may map objects: Bounded Range Adjectives and Unbounded Range Adjectives”, às quais Hay, Kennedy & Levin (1999: 135) atribuem, de uma forma mais clara, os nomes de “closed-range adjectives” (escala fechada) e “open-range adjectives” (escala aberta). Na verdade, o que diferencia estas duas escalas é o facto de, nas escalas fechadas existir um grau considerado como limite máximo da escala e um grau considerado como limite mínimo da escala, ao contrário das escalas abertas onde isso não se verifica. Vejamos as seguintes frases, propostas por Leal, Ferreira & Cunha (2015: 154), nas quais é possível verificar a existência de adjetivos de escala fechada (cf. (18), (20)) e de adjetivos de escala aberta (cf. (19), (21)).

(18) A estrada **está** vazia/limpa/seca.

(19) A estrada **está** cinzenta/feia/perigosa.

Desta forma, graças aos adjetivos poderem projetar escalas abertas ou fechadas, diversos estudos (Hay, 1998; Hay, Kennedy & Levin, 1999; Kennedy & McNally 2005; Kennedy & Levin, 2007, 2008) foram realizados, com vista a encontrar mecanismos que permitissem diferenciar as distintas escalas projetadas. Segundo os autores acima mencionados, um mecanismo que permite identificar o tipo de escala que um adjetivo

projeta é a possibilidade de agregar o adjetivo em causa com um “proportional modifier”, nomeadamente, em português europeu, ‘completamente, totalmente, parcialmente, meio, metade’. Normalmente, se se tratar de um adjetivo que projete uma escala fechada e tenha, conseqüentemente, um limite máximo, aceitará uma construção com este tipo de modificadores, no entanto, o mesmo não acontece com adjetivos de escalas abertas, uma vez que estes não incluem um grau máximo. Por este motivo, de forma a que sejam verificadas as compatibilidades e incompatibilidades dos adjetivos com os “proportional modifiers”, apresenta-se os seguintes exemplos retirados de Leal, Ferreira & Cunha (2015) e Costa Ferreira (2018).

(20) A estrada **está** *vazia/limpa/seca*.

- a. A estrada **está** completamente/totalmente *vazia/limpa/seca*.
- b. A estrada **está** meio/parcialmente *vazia/limpa/seca*.

(21) A estrada está *cinzenta/feia/perigosa*.

- a. *A estrada **está** completamente/totalmente *cinzenta/feia/perigosa*.
- b. *A estrada **está** meio/parcialmente *cinzenta/feia/perigosa*⁴⁹.

Efetivamente, como é possível verificar, o primeiro grupo de frases (cf. (20)) ilustra a compatibilidade com este tipo de modificadores, mostrando, desta forma, que estamos perante adjetivos que projetam escala fechada, tendo um limite máximo. Pelo contrário, em (21) confirma-se a agramaticalidade nas construções em que estão presentes adjetivos de escala aberta e os “proportional modifiers”, visto que, tal como se caracteriza esta escala, não existe um limite (seja mínimo ou máximo). Contudo, Leal, Ferreira & Cunha (2015: 155) advertem para a leitura pretendida ao ser utilizado o modificador *completamente*, isto é, “a interpretação relevante do advérbio *completamente* é aquela que remete para o atingir de um grau máximo, e que não deve ser confundida com leituras em que está em causa não esse grau máximo, mas a afetação da totalidade da(s) entidade(s) a que se aplica a propriedade ou ainda a leitura em que *completamente* corresponde a uma forma de quantificação, semelhante a *muito*” (cf. (22)⁵⁰).

(22) a. A manteiga **está** *completamente* mole. → **toda** a manteiga está mole.

b. A manteiga **está** *completamente* mole! → a manteiga está **muito** mole.

⁴⁹ Oralmente, é possível dizer: A estrada *é/está* meio *perigosa*, significando ‘um pouco perigosa’.

⁵⁰ As frases apresentadas no exemplo (22) foram retiradas de Leal, Ferreira & Cunha (2015: 155).

Na verdade, a graduabilidade está associada aos adjetivos qualificativos, uma vez que “todo adjetivo de esta classe lleva implícito un constituyente de grado que incide en su conducta sintática” (cf. Demonte, 1999: 173). A existência de graduação pode manifestar-se de distintas formas: além da possibilidade de junção de um advérbio de intensidade e da ocorrência em construções comparativas ou de medida, este tipo de adjetivos, conforme Hay (1998: 2) “usually come in pairs consisting of a positive and a negative member”, como por exemplo: *bom-mau*, *velho-novo*, *alto-baixo*. No entanto, a polaridade não tem as mesmas características em todos os pares de adjetivos, como sublinha Demonte (1999), nem todos os adjetivos qualificativos são graduáveis.

Os adjetivos não graduáveis são aqueles que “exprimem nacionalidade, origem, cor, estado, matéria” (cf. Brito, 2003a: 380) (cf. (23), (24)), uma vez que este tipo de adjetivos não pode ser modificado por expressões de grau, não comparecendo, igualmente, em estruturas comparativas. Porém, os adjetivos que exprimem nacionalidade e origem podem ser graduáveis, em certos contextos, por não estarem a ser usados no seu sentido habitual, mas denotarem “propriedades prototípicas de”, segundo Brito (2003a: 360) (cf. (25)). Veloso & Raposo (2013: 1417) acrescentam que os adjetivos que denotam forma ou orientação espacial e os adjetivos que formam séries complementares (*par-ímpar*, *verdadeiro-falso*), em que não existe um elemento que seja meio termo, também não são graduáveis (cf. (26)). No entanto, os adjetivos de cor, em contextos apropriados também podem ser graduáveis, como é o caso de ‘A tua cara está muito vermelha’.

- (23) Um restaurante *português*
- ?Um restaurante muito português
 - ?Este restaurante é mais português do que aquele.
- (24) Uma receita *portuense*
- *Uma receita muito portuense
 - ?/*Esta receita é mais portuense do que aquela.
- (25) Ela é tão *alemã* que faz impressão!
- (26) Este número é *par*.
- *Este número é muito par.
 - *Este número é mais par do que aquele.

No entanto, os adjetivos de cor e de forma apresentam exceções, isto é, podem, em certos contextos, aceitar graduação. De acordo com Veloso & Raposo (2013: 1418), quanto aos adjetivos de cor, “o uso do advérbio relaciona-se ou com a tonalidade da cor ou com a sua intensidade, em termos de brilho” ou pode ainda relacionar-se com uma escala de luminosidade, “em que os advérbios de polaridade representem uma cor de brilho intenso e os de polaridade negativa uma cor baça”. Portanto, assume-se que uma cor pode apresentar diversos tons, podendo, desta forma ser modificada por advérbios de intensidade que denotam polaridade positiva, como *bastante/ demasiado* ou *muito* e por advérbios de polaridade negativa, *pouco* ou *um nada*. Veja-se os exemplos que se seguem:

(27) Um mar muito azul.

(28) Um tecido *vermelho*

a. Um tecido bastante *vermelho*

b. Um tecido um nada *vermelho*⁵¹

c. Este vestido é mais *vermelho* do que aquela saia⁵².

Já os adjetivos de forma, especificamente os adjetivos ‘redondo’ e ‘quadrado’, que tendem a ser, pelos falantes, considerados pares de adjetivos, mas que não o são (Veloso & Raposo, 2013: 1418), são, curiosamente, aqueles que podem ser submetidos a graduação, tendo, assim, dois significados muito próprios, conforme Veloso & Raposo (2013): (1) “o grau pode servir para indicar que determinado objeto apresenta essa forma com grande perfeição”, aparecendo o adjetivo com o sufixo ‘-inho’, tendo um valor avaliativo (cf. (30)); (2) “pode significar que essa forma não é a que se espera do objeto em questão, conferindo geralmente um valor depreciativo” (cf. (31)) Observemos os exemplos seguintes, retirados de Veloso & Raposo (2013: 1418).

(29) *Uma caixa muito *retangular*.

(30) Desenhou uma janela muito *quadradinha*. (1)

(31) Uma televisão muito *quadrada* (espera-se que sejam retangulares). (2)

Quanto aos adjetivos relacionais, embora partilhem da mesma categorização em adjetivos denotativos (cf. Veloso & Raposo, 2013), tipicamente não aceitam graduação,

⁵¹ Alguns falantes aceitam ‘um nadinha *vermelho*’ em vez de ‘um nada *vermelho*’.

⁵² Os falantes neste tipo de construção não assumem que a saia seja de outra cor, mas que o vestido apresenta uma tonalidade que difere daquela que a saia apresenta.

contudo, Bosque (1993) adverte para a possível recategorização destes em adjetivos qualificativos, podendo, somente desta forma, admitir graduação. Tal como estes, os adjetivos intensionais também não se combinam com advérbios de grau, no entanto, note-se que podem admitir graduação, quando ocorrem numa posição pós-nominal. Ao contrário destes, os adjetivos modais e avaliativos, tal como a maioria dos adjetivos qualificativos, são graduáveis “na medida em que a aplicação dos conceitos modais básicos de necessidade e possibilidade, por um lado, e a avaliação subjetiva, por outro, são tipicamente passíveis de variação quantitativa ou de intensidade, consoante o caso” (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1415).

De uma forma sintetizada, pode concluir-se que, de acordo com as propostas teóricas acima mencionadas, os adjetivos qualificativos, por denotarem qualidades, são graduáveis, todavia nem todos apresentam essa característica, de forma geral, como é o caso dos adjetivos de cor, forma, orientação espacial, matéria (que são incluídos nos adjetivos qualificativos de propriedade de natureza material (Veloso & Raposo (2013)) e os de estados (que fazem parte dos adjetivos que denotam propriedades associadas aos seres vivos, de acordo com a classificação de Veloso & Raposo (2013)). Existem, no entanto, exceções quanto aos adjetivos de cor e de forma, que permitem graduação, consoante o contexto, tal como acima se verificou. Aos adjetivos qualificativos não graduáveis, juntam-se os adjetivos relacionais, os adjetivos intensionais e os adjetivos que denotam nacionalidade e origem (tipicamente relacionais), embora estes dois últimos, em determinados contextos, possam ser graduáveis. Todavia, os adjetivos modais e os adjetivos avaliativos são, como a maioria dos qualificativos, graduáveis.

2.1.3. Leitura de Estádio e de Indivíduo

Os adjetivos podem desencadear duas leituras distintas⁵³: uma leitura de estágio (ou episódica) ou uma leitura individual⁵⁴. Têm uma leitura episódica quando “denotam propriedades transitórias, contingentes ou acidentais das entidades, ligadas a situações delimitadas no espaço e no tempo” (Veloso & Raposo, 2013: 1433), sendo essas propriedades suscetíveis de mudança (cf. adjetivos que caracterizam estados físicos,

⁵³ Existem outras possíveis interpretações (como leitura restritiva/não restritiva, que depende da posição do adjetivo; leitura absoluta/relativa, que diz respeito às propriedades do adjetivo em si mesmo), mas não serão aqui estudadas.

⁵⁴ Esta distinção corresponde à distinção de predicados *individual-level* e de predicados *stage-level*, proposta por Carlson (1977).

fisiológicos ou psicológicos e adjetivos físicos de objetos ou de pessoas) (cf. (32)); pelo contrário, os adjetivos que têm leitura individual caracterizam-se por denotarem propriedades não suscetíveis de mudança, que “caracterizam uma entidade na sua individualidade própria e que contribuem para a distinguir de outros seres do mesmo tipo, ao longo da sua existência, ou pelo menos durante uma porção significativa desse período” (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1434) (cf. adjetivos de cor, adjetivos de forma, adjetivos que denotam propriedades materiais de objetos e pessoas, adjetivos que denotam atitudes mentais ou comportamentais, adjetivos que denotam estados sociais e adjetivos de nacionalidade) (ver (33)).

- (32) a. O Pedro **está** bêbado.
b. A Maria **está** cansada/triste.
- (33) a. O Pedro **é** alto/ bonito.
b. A parede **é** branca.

Dado que esta distinção se baseia numa diferenciação de predicados é claro que é “particularmente visível quando o adjetivo tem função predicativa” (Veloso & Raposo, 2013: 1434). No entanto, numa língua como o Português é discutível esta distinção apenas ao nível dos adjetivos, pois é possível usar adjetivos considerados episódicos pelos autores, em construções com leitura individual (cf. Ele **está** doente. /Ele **é** doente.) e vice-versa (cf. Ele **é** inteligente. /Ele **está** inteligente.). Em Português o contraste *ser/estar* é fundamental, como iremos ver no Capítulo 3, em que também apresentamos testes para a sua distinção.

2.2. Sobre os Particípios

O **particípio passado** é um derivado verbal (Bosque, 1999) que apresenta apenas uma forma simples (*comprar-comprado*) e que, de acordo com Oliveira (2013: 552), “não apresenta marcas morfológicas de temporalidade, sendo, pois, incapaz de contribuir por si só para o valor temporal das orações em que ocorre”, tal como o gerúndio e o infinitivo. Apresentando o particípio o resultado do processo verbal, este permite, segundo Cunha & Cintra (2014: 617), a “formação dos tempos compostos que exprimem aspeto conclusivo do processo verbal”, empregando-se de três formas distintas quando surge num complexo verbal, no qual consta um ou mais verbos auxiliares. Assim, o particípio passado pode combinar-se com os auxiliares *ter* e *haver* (*tem escrito, havia escrito*), com

o intuito de formar os tempos compostos da voz ativa; por outro lado, para formar estruturas na voz passiva, agrega-se ao auxiliar *ser* (*foi escrita*); por fim, quando se trata de uma passiva de estado, esta é construída com o auxiliar *estar* e o particípio do verbo principal (*estamos impressionados*). Além disso, este pode surgir noutras construções, tendendo a exprimir o estado resultante de uma situação acabada (*achada a solução*)⁵⁵.

Villalva & Almeida (2004) sublinham a existência de diversos verbos abundantes presentes na língua portuguesa, que se caracterizam, conforme Cunha & Cintra (2014), por possuírem duas ou mais formas participiais. Assim, o particípio, de determinados verbos, apresenta duas formas possíveis: uma forma irregular e forte (ou ainda: reduzida, anormal (Cunha & Cintra, 2014) e rizotónica e curta (cf. Veloso & Raposo, 2013)); e uma regular e fraca (arrizotónica (cf. Veloso & Raposo, 2013)). Efetivamente, existindo duas formas de particípio, existem, consequentemente, dois processos de formação: enquanto a forma fraca, “com acento na vogal temática” (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1477) é formada através da junção de sufixos ao tema verbal, de acordo com a conjugação em causa, agregando o sufixo flexional indicador de tempo, modo e aspeto *-d-*. E apesar do particípio não flexionar em pessoa, pode apresentar género através da desinência *-a* de feminino, podendo ser flexionado em número, com a desinência *-s* de plural (cf. Cunha & Cintra, 2014) (*comprado, bebido, vivido*); a forma forte forma-se através da agregação direta do índice temático ao radical verbal, recaindo o acento no radical (cf. *pago, entregue, escrito*). Estas formas são ainda denominadas participípios duplos (Vázquez Cuesta & Luz (1971) in Cunha & Cintra, 2014), que, a título de exemplo, a seguir se apresentam: *ganhar* (*ganho, ganhado*), *limpar* (*limpo, limpado*), *aceitar* (*aceite, aceitado*), entre outros.

De facto, “a existência de duas formas equivalentes coloca, obviamente, um problema de uso” (Villalva & Almeida, 2004: 283) e, por isso, Cunha & Cintra (2014) indicam que a forma regular (ou forma fraca (cf. Villalva & Almeida, 2004)) se emprega na construção de tempos compostos, da voz ativa, com os auxiliares *ter* e *haver*; pelo contrário, a forma irregular (ou forma forte (cf. Villalva & Almeida, 2004)), em construções de voz passiva, é acompanhada pelo verbo *ser* (e *estar* (cf. Villalva & Almeida, 2004)). De referir que em construções com *ser* ou *estar*, o particípio concorda

⁵⁵ Note-se que se trata de uma construção de particípio absoluto.

em número e gênero com o sujeito da oração, ao contrário das estruturas com *ter* e *haver*, que se consideram invariáveis, de acordo com Cunha & Cintra (2014: 553).

Todavia, Duarte & Oliveira (2010: 402), tendo em conta que “o facto de o português dispor da distinção *ser/estar* e possuir um verbo copulativo usado tipicamente em construções resultativas (*ficar*)” propõem uma tipologia tripartida: participípios eventivos (verbo *ser*), estativos (verbo *estar*) e resultativos (verbo *ficar*). Por esse motivo e sabendo que apenas estes verbos possibilitam a construção de frases na passiva, Duarte (2013) propõe uma distinção entre orações, considerando os três participípios distintos acima mencionados: orações eventivas, orações estativas e orações resultativas. As primeiras orações, construídas com *ser*, por descreverem fundamentalmente situações dinâmicas, nas quais uma das entidades envolvidas sofre alguma mudança (lugar, posse ou estado), comportam uma componente agentiva e uma componente eventiva (cf. (34))⁵⁶; ao passo que as segundas, construídas com *estar*, não têm estas componentes, sendo apenas estativas (cf. (36)); já as orações passivas resultativas (ou passivas adjetivais ou de estado (Duarte, 2003)) contêm componentes eventivas, mas não agentivas, visto descreverem situações dinâmicas perspetivando-as como resultado de uma mudança (lugar, posse ou estado) (cf. (35)).

Acrescenta-se ainda que em orações passivas eventivas, “a natureza aspetual do participípio é irrelevante (...), em que ocorrem participípios eventivos pertencentes a diferentes classes aspetuais básicas” (cf. Duarte & Oliveira, 2010: 403) (cf. (34)), contudo, as passivas resultativas⁵⁷ possuem a capacidade de aceitar a recategorização do participípio irregular em adjetivo⁵⁸ (cf. (35e)), construindo-se, por norma, de acordo com Duarte & Oliveira (2010), a partir de predicados de tipo télico (culminações e processos culminados)⁵⁹, por oposição às anteriores, que não aceitam estruturas com participípios recategorizados nem a sua coordenação; caso aconteça, a frase torna-se agramatical (cf. (35e.ii)). Quanto às passivas estativas (cf. (36)), segundo, Duarte (2013), estas apenas

⁵⁶ Exemplos retirados de Duarte & Oliveira (2010) e Duarte (2013).

⁵⁷ Denominadas, muitas vezes, por determinados autores, tais como Duarte (2013: 442), como passivas adjetivais.

⁵⁸ Ver 2.3. (proposta de Foltran & Crisóstimo (2005)).

⁵⁹ Não se constroem, tipicamente, a partir de predicados atélicos, como processos e raramente através de estados.

aceitam participípios recategorizados em adjetivos, assemelhando-se, de certa forma, às passivas resultativas, como já mencionamos (cf. (35)).

(34) Orações Passivas Eventivas

- a. O carro **foi conduzido** pelo meu pai (processo).
- b. A casa **foi construída** pelos trabalhadores (processo culminado).
- c. A porta **foi fechada** para não entrar frio (culminação).
- d. O bolo **foi apreciado** por todos (estado).

(35) Orações Passivas Resultativas

- a. A casa **ficou destruída** (processo culminado).
 - i. A casa **está destruída**.
- b. A jarra **ficou partida** (culminação).
 - i. A jarra **está partida**.
- c. *O carro **ficou conduzido** (processo).
 - i. ?/*O carro **está conduzido**.
- d. *A Maria **ficou amada** (estado).
 - i. *A Maria **está amada**.
- e. A casa **ficou destruída e irrecuperável**.
 - i. A casa **está destruída e irrecuperável**.
 - ii. *A casa **foi destruída e irrecuperável**.

(36) Orações Passivas Estativas

- a. Este ator **é** muito **conhecido**.
 - i. *Este ator **está** muito **conhecido**.
- b. A secretária da empresa **está irritada**.
 - i. *A secretária da empresa **é irritada**.

De certo modo, as orações passivas resultativas “constroem-se geralmente com o pretérito perfeito porque o operador resultativo típico *ficar* marca a transição do evento para o estado resultante e este tempo, em português, marca exatamente essa transição pela informação terminativa que veicula” (Duarte & Oliveira, 2010: 407). Sublinha-se que, ao contrário das demais, as orações passivas resultativas são predominantemente adjetivais e, por esse motivo, surgem com adjetivos e não com verbos, “formando um processo

morfológico de conversão” (Duarte, 2003: 533). Portanto, de forma a explicitar a recategorização possível quando estamos perante frases do tipo resultativas, segue-se uma exposição acerca dos participípios que tendem a conter propriedades dos verdadeiros adjetivos, afastando-se da sua categoria base, que é, de facto, a verbal.

2.3. Sobre Adjetivos e Participípios Verbais: Adjetivos Participiais

Os participípios não são um grupo lexicalmente uniforme, uma vez que podem ocorrer de diversas formas⁶⁰, comportando-se como verbos, aquando da comparência com tempos compostos, ou como formas genericamente nominais, aquando da ocorrência em construções predicativas ou em posição de adjunto (cf. Foltran & Crisóstimo, 2005: 135). Nestas posições, na predicativa ou na de adjunto, os participípios assumem um carácter nominal, dado que este tipo de construção é típico de comparência dos adjetivos, e, com isto, o participípio, morfologicamente, sujeita-se à flexão própria dos nomes: flexão de número e género, tal como os adjetivos apresentam variação. Veloso & Raposo (2013: 1476) acrescentam que “os participípios verbais e os adjetivos partilham um número importante de propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas” pois, tanto os adjetivos como os participípios podem ocorrer em posição atributiva ou posição predicativa, em particular com os verbos *estar* e *ficar*, apesar de “el adjetivo muestra una propiedad del objeto (...), mientras el participípio denota el estadio del objeto que manifiesta el resultado de cierta acción que se ha ejercido sobre él o de algún proceso que ha experimentado” (Bosque, 1999: 277).

Para isso, Foltran & Crisóstimo (2005) apresentam quatro testes, em que se verifica a flexão de número e género. O primeiro teste centra-se na substituição do participípio por um verdadeiro adjetivo (cf. (37)); o segundo teste figura a ocorrência do participípio como adjunto do nome, flexionando-se em número e género e podendo ocorrer em posição pré ou pós-nominal, tal como os adjetivos (propriedade típica dos adjetivos) (cf. (38)). Quanto ao terceiro teste, ao contrário dos primeiros, avalia a graduação, visto que alguns participípios que rejeitam expressão comparativas do tipo “tão...quanto”, “mais

⁶⁰ Os participípios podem ocorrer de diversas formas (cf. Foltran & Crisóstimo, 2005: 132): a) na formação de tempos compostos (Ele **tem comprado** muitos livros); b) na formação da passiva (Os livros **foram comprados** nessa loja); c) na posição de predicativo (Os alunos **estão preocupados** com a prova); d) na posição de adjunto adnominal, como um adjetivo (Os alunos *preocupados* estudam mais.).

(do) que” e “menos (do) que” (cf. (39)). Vinculado a este teste estão três outros, em que está claro a graduabilidade, isto é, os participípios que seguem as propriedades básicas dos adjetivos tendem a ocorrer em estruturas superlativas relativas com “os mais” ou com “os menos” (cf. 40a)), aceitar formas superlativas absolutas sintéticas (cf. (40b)) e, também, a surgir com modificadores de grau como “muito”, “bem” e “bastante” (cf. (40c)). Por fim, o quarto teste enquadra-se na coordenação de expressões nominais, isto é, “outra propriedade que comprova a familiaridade dos participípios com os adjetivos é a de poderem ocorrer coordenados” (2005: 137), porém, sabe-se que os elementos ao serem coordenados devem estar no mesmo paradigma. Contudo, é possível coordenar um participípio e um adjetivo (cf. (41a)) pois, como é possível verificar, o participípio em causa absorve características típicas dos adjetivos. Pelo contrário, não é possível coordenar participípios a outros verbos (cf. (41b))⁶¹.

- (37) a. A professora estava *cansada*. → A professora estava *exausta*.
 i. As professoras estavam *cansadas*.
 ii. Os estudantes estavam *cansados*.
 b. A perna do gato está *inchada*. → A perna do gato está *suja*.
 i. As pernas do gato estão *inchadas*.
 ii. Os dedos estão *inchados*.
- (38) a. A professora *cansada* dispensou os alunos. → A *cansada* professora dispensou os alunos.
 i. Os alunos *cansados* tiveram baixo aproveitamento.
 b. O autocarro *desaparecido* cruzou a fronteira. → O *desaparecido* candidato entrou inesperadamente na reunião.
 ii. As cartas *desaparecidas* levantaram suspeita.
- (39) a. A perna está tão *inchada* quanto o joelho.
 b. O João está menos *cansado* do que o Paulo.
 c. *O autocarro está mais *desaparecido* do que o camião.
- (40) a. Os rapazes são os mais *crescidos* do grupo.
 i. As meninas são as menos *cansadas* da turma.
 ii. ?Os autocarros são os mais *desaparecidos* dos veículos.

⁶¹ Exemplos de frases baseados em Foltran & Crisóstimo (2005).

- b. Esta família é *evoluidíssima*.
 - iii. A perna está *inchadíssima*.
 - iv. *O autocarro está *desaparecidíssimo*.
 - c. Ele estava bastante *adoecido*.
 - v. Encontrei as crianças muito *crescidas*.
 - vi. *O autocarro está muito *desaparecido*.
- (41) a. Como esta empresa está *confusa e decaída*.
 b. *Como estas crianças correm, gritam e *crescidas*.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Duarte (2003: 534), considerando a proximidade existente entre os participios e os adjetivos e tendo em vista a possível recategorização do participio em adjetivo, propõe também alguns argumentos que mostram isso mesmo. Todavia, neste estudo, apenas nos centraremos em dois deles: a possibilidade de o participio, em construções predicativas, poder surgir com prefixo *-in* e resultar numa frase gramatical, o que não acontece em orações passivas eventivas⁶² (cf. (42)); o segundo argumento relaciona-se com o facto de o participio, tal como os adjetivos, em construções estativas e resultativas, admitir sufixos diminutivos (*-inho*), ao contrário do que se passa em passivas eventivas (cf. (43))⁶³.

- (42) Essa reação revelou-se *inesperada*.
 i. *Essa reação foi *inesperada* por todos.
- (43) O João está *assustadinho* com a notícia.
 i. *O João foi *assustadinho* pela notícia.
 ii. O João ficou *assustadinho*.

Importa ainda referir que os participios, tal como os adjetivos que denotam propriedades individuais ou episódicas, também “denotan propriedades episódicas, pero además designan estádios perfectivos cuya interpretación se obtiene o calcula a partir de la clase sintáctica y semántica de los verbos de los que se derivan” (cf. Bosque, 1999: 277). Deste modo, de acordo Foltran e Crisóstimo, “o comportamento do participio nestes

⁶² Ressaltamos o facto de, por vezes, a possibilidade de o participio aceitar o prefixo *-in* depender, além do tipo de construção (eventiva ou estativa), do tipo de sujeito: “A reivindicação foi *satisfeita* pelo Governo. - *A reivindicação foi *insatisfeita* pelo Governo” versus “A Maria está *satisfeita*. – A Maria está *insatisfeita*.”.

⁶³ Exemplos de Duarte (2003a).

testes nos permite afirmar que ele, quando em posição de predicativo ou de adjunto, possui todas as propriedades apresentadas pelos adjetivos” (2005: 138), funcionando, assim, não como verbo, mas sim como adjetivo e, por esse motivo, o verbo que com ele surge não pode ser um verbo auxiliar, mas antes um verbo copulativo, uma vez que “a estrutura sintática das passivas adjetivais é idêntica à das frases copulativas” (cf. Duarte, 2003: 535). Nestas orações, com *ficar* e *estar*, os participípios, de acordo com Veloso & Raposo (2013: 1485), “perdem muitas das suas características verbais, nomeadamente no domínio do aspeto”, aproximando-se, assim, semanticamente dos adjetivos. Isto é, os participípios perdem o significado eventivo, caracterizador das orações passivas, não podendo ocorrer, com a maioria dos participípios recategorizados, o agente da passiva.

Com a perda da componente eventiva, “participípios e adjetivos neutralizam-se semanticamente” (Veloso & Raposo, 2013: 1485), veiculando, desta forma, “um significado aspectualmente estático, em que se atribui a uma entidade uma propriedade – aspectualmente episódica, nos adjetivos, e com um início temporalmente delimitado, nos participípios”, dado a sua ocorrência como predicadores de orações copulativas (com *estar* e *ficar*⁶⁴). Por isso, segundo Veloso & Raposo (2013), nestes contextos, os participípios denominam-se **participípios adjetivais**, partilhando, como vimos, propriedades com os adjetivos⁶⁵. Muitos desses verbos “têm conjugação pronominal ou reflexa” (2013: 148): *apaixonar-se* (*apaixonado*), *aborrecer-se* (*aborrecido*), *admirar-se* (*admirado*), entre outros. Ainda assim, como anteriormente foi explicitado, existem verbos com duas formas de participípio: a regular e a irregular. Os participípios irregulares ou curtos, aquando de construções copulativas, estão, mais frequentemente, “em vias de se recategorizarem como adjetivos”, uma vez que, para a maioria dos falantes, “estas formas curtas têm unicamente propriedades adjetivais, visto que não podem ser usadas em contextos onde predomina a natureza verbal do participípio” (isto é, em construções passivas e em tempos compostos) e, por este motivo, Veloso & Raposo (2013: 1492) chamam a estes participípios de **adjetivos de participípio**. A título de exemplo, apresentam-se alguns dos participípios que funcionam como adjetivos de participípio, em que a forma curta contextualmente,

⁶⁴ “As orações copulativas com *ficar* conservam uma parte da componente eventiva das orações passivas, já que representam um processo dinâmico de mudança de estado” (Veloso & Raposo, 2013: 1485), por oposição às orações introduzidas por *estar*.

⁶⁵ De ter em atenção que, conforme Veloso & Raposo (2013: 1486), os participípios adjetivais não são recategorizados completamente em adjetivos, possuindo, sempre, implicitamente, uma propriedade semântica ligada à sua base verbal.

desencadeia leitura e interpretações distintas da forma regular: *correto vs corrigido*, *distinto vs distinguido*, *tinto vs tingido*. Além destes, é de mencionar que existe uma relação semelhante entre certos participípios regulares (formados por parassíntese) e adjetivos, como *doido e endoidecido*, porém, continuam a preferir o adjetivo em contextos predicativos, já os participípios regulares usam-se nos tempos compostos⁶⁶ (cf. Veloso & Raposo, 2013). Porém, de acordo com Duarte & Oliveira (2010: 403), “em frases copulativas, com verbos não estativos que têm participípios duplos, o verbo copulativo *ser* apenas se pode combinar com as formas irregulares, recategorizadas como adjetivos, e que correspondem a participípios estativos”: ‘O teste **é** *correto*’ versus ‘O teste **está** *corrigido*’.

Importa ainda ressaltar que Herculano de Carvalho (1984: 149) alude à existência de, na classe de adjetivos participiais, adjetivos puros ou quase puros, mostrando que o adjetivo participial é um verdadeiro adjetivo e já não é uma forma verbal, dado a graduação possível: O Luís *desanimou*. → O Luís ficou muito *desanimado*. Todavia, como vimos, o que acontece é uma possível recategorização.

2.4. Síntese

Neste capítulo, procedeu-se a uma breve apresentação sobre adjetivos e participípios passados, na medida em que tal é relevante para o estudo deste trabalho. Assim, é possível considerar alguns aspetos pertinentes a ter em conta, seguindo propostas de Bosque (1993), Brito (2003a), Demonte (1999), Cunha & Cintra (2014), Cunha & Ferreira (2003), Ferreira (2012), Fonseca (1989, 1993), Rio-Torto (2006), e Veloso & Raposo (2013), quanto à caracterização dos adjetivos:

- O adjetivo reconhece-se por evidenciar determinadas características de diferentes entidades, podendo, desta forma, ramificar-se em quatro classes distintas (cf. Veloso & Raposo, 2013): adjetivos denotativos, adjetivos avaliativos, adjetivos adverbiais, adjetivos modais e intensionais.

⁶⁶ Os participípios que apenas contém forma curta (cf. escrever → escrito) são usados, claramente, em tempos compostos (Veloso & Raposo, 2013).

- Os adjetivos denotativos dividem-se em qualificativos e relacionais, tomadas estas classes como as centrais, estando em constante oscilação entre semelhanças e diferenças.

Além disso, verificou-se que os adjetivos qualificativos são adjetivos caracterizados por serem, na sua grande maioria, graduáveis, podendo participar em escalas (aberta ou fechada), consoante as suas propriedades, (cf. Hay (1998); Hay, Kennedy & Levin (1999); Kennedy & McNally (2005), Kennedy & Levin (2007, 2008), Leal, Ferreira & Cunha (2015)):

- Uma escala fechada (Hay, Kennedy & Levin, 1999), distingue-se de uma escala aberta por a primeira apresentar um limite máximo e um limite mínimo, conjugando-se com “proportional modifiers”, de forma a medir a proporção ou intensidade, seja negativa ou positivamente, de um entidade. A segunda não apresenta qualquer tipo de limite.

Por fim, neste capítulo, considera-se que os participípios passados (seguindo as propostas teóricas de Bosque (1999); Cunha & Cintra (2014); Duarte (2003, 2013); Duarte & Oliveira (2010); Herculano de Carvalho (1984) e Villalva & Almeida (2004)), apesar de apresentarem uma base verbal, em construções predicativas, aproximam-se dos adjetivos absorvendo algumas das suas propriedades, possibilitando, deste modo, ocorrências em construções comparativas, coordenação a verdadeiros adjetivos e, além disso, podem ter, em alguns casos, graduação. Assim, ao conjugar as características de cada categoria, os participípios “ganham” o nome de participípios adjetivais (Duarte (2003); Duarte & Oliveira (2010); Foltran & Crisóstimo (2005); Veloso & Raposo (2013)).

Capítulo 3 – Os verbos *Ser*, *Estar* e *Ficar*

Os verbos *ser*, *estar* e *ficar* comportam-se quer como auxiliares quer como copulativos (cf. Raposo, 2013). Para além disso, *estar* pode ocorrer na construção progressiva *estar a + infinitivo*.

Os **verbos auxiliares** e os **verbos copulativos**, ao formar uma classe mais geral de “verbos de apoio”, são semelhantes quanto à função gramatical e às propriedades semânticas, uma vez que, de acordo com Raposo (2013b: 1298), os auxiliares, tal como os copulativos, “não contribuem para a predicação propriamente dita – não são predicadores, contribuem lexicalmente com significados nas áreas do tempo, da modalidade e do aspeto e, em orações, finitas, são o suporte das marcas morfológicas obrigatórias de TMA e de concordância com o sujeito.” No entanto, os **verbos auxiliares** caracterizam-se, segundo Cunha & Cintra (2014: 485), por precederem o verbo principal (ou pleno (cf. Vilela (1995); Raposo, (2013a))) ou o verbo copulativo, originando com ele um complexo verbal. Segundo Duarte & Oliveira (2010) e Duarte (2013), além de somente *ser* funcionar como um auxiliar passivo, que se faz acompanhar pelo participio passado do verbo principal (ou pleno) (cf. Raposo, 2013a), *ficar* e *estar* também se apresentam como auxiliares passivos (resultativo e estativo, respetivamente)⁶⁷.

Quanto aos **verbos copulativos**⁶⁸ (ou predicativos (cf. Brito (2003b); Duarte (2003)), de cópula (cf. Duarte (2003); Raposo (2013b)) de ligação (Vilela (1995); Raposo, (2013b))), estes somente selecionam, a nível semântico, um argumento interno, que, de acordo com Duarte (2003: 302), é uma oração pequena, cujo núcleo pode ser adjetival (cf. O edifício *é antigo.*), nominal (cf. O meu irmão *é paleontólogo.*), preposicional (cf. A Casa do Barco *está com problemas na construção.*) ou adverbial (cf. A Nau Quinhentista de Vila do Conde *fica junto à Alfândega Régia.*)⁶⁹. Este tipo de verbos caracteriza-se por na sua construção existir um constituinte com a função sintática de sujeito e outro que desempenha a função sintática de predicativo do sujeito, havendo, assim, ligações entre eles (cf. Cunha & Cintra, 2014: 485).

⁶⁷ Sobre esta temática (frases passivas) consultar Capítulo 2, ponto 2.2.

⁶⁸ Os verbos copulativos, segundo Vilela (1995: 69), “verbalizam os chamados predicados nominais: *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *continuar*”. Acrescenta-se a estes os verbos *parecer*, *revelar-se*, *tornar-se* (cf. Duarte, 2003; Cunha & Cintra, 2014) e *andar* (Brito, 2003b; Duarte, 2003).

⁶⁹ Exemplos com base em Duarte (2003).

De acordo com Raposo (2013b: 1304), os verbos copulativos podem dividir-se em dois tipos: aqueles que são usados para atribuir uma propriedade ou característica ao sujeito ou descrever um estado em que o sujeito se encontra (*ser*, *estar*, *andar*, *continuar*, *revelar-se* e *parecer*) e aqueles que denotam uma mudança de estado do sujeito (*ficar* e *tornar-se*). Na verdade, como se verificou, nas frases, onde constam predicções copulativas, podem ocorrer predicadores adjetivais ou participais, sendo que estes exprimem um estado resultativo “decorrente de uma ação que afeta uma entidade e que tem como resultado uma mudança de estado dessa entidade” (Raposo, 2013b: 1291). Esse estado resultativo caracteriza-se por ser o novo estado que caracteriza a frase⁷⁰.

3.1. Sobre o verbos *Ser* e *Estar*: Semelhanças e Diferenças

Ser e *Estar* em Português Europeu, como vimos, podem adotar um valor auxiliar (*ser* é associado a frases passivas eventivas e *estar* é associado a frases estativas ou a construções progressivas que contam com a estrutura “*estar a* + infinitivo do verbo) ou um valor copulativo (surgindo com um predicativo do sujeito).

Na verdade, segundo Raposo (2013b: 1304), “as línguas ibéricas caracterizam-se por terem dois verbos de cópula, *ser* e *estar*, usados produtivamente em orações copulativas com características aspetuais distintas”. O uso destes verbos liga-se à diferenciação semântica entre predicados estáveis (cf. Gumiel-Molina (2011); Oliveira (2013); Raposo (2013)) (ou de indivíduo (cf. Cunha (2007); Gumiel-Molina (2011); Gumiel-Molina & Pérez Jiménez (2012); Oliveira & Cunha (2003))) e predicados episódicos (cf. Oliveira (2013); Raposo (2013)) (ou de fase (cf. Oliveira, 2003) ou de estágio (cf. Cunha (2007); Gumiel-Molina (2011); Gumiel-Molina & Pérez Jiménez (2012); Oliveira & Cunha (2003))) e à natureza das propriedades, das características e dos estados que são denotados por estes predicados⁷¹. Assim, Gumiel-Molina (2011: 2) afirma que “durante décadas, los criterios para distinguir aquellos predicados que se

⁷⁰ Típico da construção com *ficar*.

⁷¹ De uma forma sintetizada, os predicados de indivíduo (ou estáveis) caracterizam-se, ao contrário dos predicados de estágio (ou de fase ou episódicos), por denotarem características ou propriedades como estáveis nos indivíduos, não transitórias, que não implicam mudança, sendo considerados permanentes, combinando-se com *ser*. Os predicados de estágio (ou fase ou episódicos) são caracterizados por demonstrar características ou propriedades transitórias dos indivíduos que, normalmente, podem implicar mudança, sendo considerados como estados passageiros, delimitados temporalmente. Estes combinam-se com *estar* (cf. Raposo, 2013b: 1305). Verificar Capítulo 1 para uma melhor explicitação acerca deste tema.

combinan con *ser* y aquellos predicados que se combinan con *estar* han resultado un problema clásico”.

Ser, de acordo com Raposo (2013b: 1305) associa-se “a propriedades estáveis que caracterizam uma pessoa durante um largo período da sua existência, sendo, pois, de certo modo, consideradas como essenciais”, ou seja, ao selecionar *ser*, o falante pretende realizar uma classificação, atribuindo uma qualidade ao sujeito da frase, expressa pelo adjetivo (Porroche, 1988). Desta forma, este verbo admite adjetivos qualificativos⁷², uma vez que estes denotam características, atributos ou propriedades de tipo aspetual estável dos indivíduos, que podem ser repartidos em diferentes grupos: adjetivos que representam propriedades materiais ou físicas (*alto, baixo, leve, pesado, magro, bonito, feio, careca, jovem, velho*, entre outros) (cf. (44), (45)); adjetivos de cor (*azul, vermelho, verde*, por exemplo) (cf. (46)); adjetivos de forma (a título de exemplo: *redondo, quadrado, retangular*) (cf. (47)); adjetivos que denotam atitudes mentais ou comportamentais (*esperto, inteligente, estúpido, parvo*, entre outros) (cf. (48)); e, por fim, adjetivos que descrevem estados sociais (*solteiro, casado, divorciado*)⁷³ (cf. (49)). De facto, se alterarmos *ser* por *estar* podemos, conforme o autor, encontrar dois tipos de situações: ou encontramos um enunciado agramatical ou um enunciado com uma interpretação distinta, no qual é perdido o conteúdo “caracterizador do adjetivo”, e, desta forma, este passa a ser limitado temporalmente. Salienta-se o facto de a alteração de *ser* para *estar* com os adjetivos dos exemplos (44), (48) e (49) se dar sem qualquer tipo de problema, alterando apenas o significado, uma vez que *estar* restringe o tempo do estado, limitando-o (cf. Raposo, 2013b; Cunha, 2007; Ferreira, 2012, e.o).

(44) A caixa **é** *pesada/leve*.

a. A caixa **está** *pesada/leve*.

(45) A minha irmã **é** *alta/baixa/jovem*⁷⁴.

a. ?A minha irmã **está** *alta/baixa*⁷⁵/*jovem*.

⁷² Ver Capítulo 2 acerca das diferentes classes de adjetivos.

⁷³ Acrescenta-se que *casado* e *divorciado* tipicamente são considerados como participípios passados dos verbos *casar* (-se) e *divorciar* (-se), respetivamente.

⁷⁴ Dizer “A Maria **é** *jovem*” é diferente de “A Maria **é** *uma jovem*”, uma vez que no primeiro caso, o adjetivo denota a idade; já no segundo, o adjetivo funciona como um veículo de que o sujeito apresenta características físicas ou psicológicas próprias da juventude.

⁷⁵ Em determinados contextos, é possível afirmar ‘A minha irmã **está** *alta/baixa*’, considerando a estatura média de uma sociedade.

- (46) A parede **é** *verde/vermelha/branca*.
 - a. ?A parede **está** *verde/vermelha/branca*.
- (47) A mesa **é** *redonda/quadrada*.
 - a. ?A mesa **está** *redonda/quadrada*.
- (48) O Rui **é** *inteligente/esperto/parvo*.
 - a. O Rui **está** *inteligente/esperto/parvo* (mas não é habitual).
- (49) A Sofia **é** *divorciada/solteira/casada*.
 - a. A Sofia **está** *divorciada/solteira/casada*.

Ainda assim, tal como Raposo (2013) argumenta, Porroche (1988: 62) considera que, além dos adjetivos qualificativos acima explicitados, também os adjetivos que indicam *nacionalidade, lugar de nascimento, religião, partido político, classe social* ou *filiação a uma instituição/escola/tendência* (cf. (50)), ocorrem exclusivamente com *ser*, desencadeando a leitura de classificação. Todavia, no que diz respeito aos adjetivos modais (*provável, possível*) (cf. Veloso & Raposo, 2013; Costa Ferreira, 2018), estes, como estão ligados a propriedades e qualidades do indivíduo, comparecem somente em construções predicativas com o verbo *ser* (cf. (52)). O mesmo acontece com os adjetivos adverbiais temporais (*frequente, súbito*), que apenas aceitam construções com *ser*, uma vez que marcam a ideia de repetição (cf. (53)). Quanto aos adjetivos relacionais (cf. (51)), normalmente não podem ocorrer em posição predicativa, de acordo com Cunha & Ferreira (2003: 427). Por outro lado, os adjetivos intensionais (Veloso & Raposo, 2013), na sua grande maioria, não aceitam construções predicativas, conforme Cunha & Ferreira (2003). Todavia quando estes participam neste tipo de estruturas, o que existe, de facto, é uma mudança de categoria (recategorizando-se em adjetivos qualificativos), aceitando apenas *ser* e atribuindo, desta forma, propriedades que remetem para o indivíduo (cf. (54)).

- (50) Adjetivos que exigem o uso exclusivo de *ser*
 - a. Nacionalidade: Ele **é** *português*.
 - b. Lugar de Nascimento: Ele **é** *portuense*.
 - c. Religião: Nós **somos** *evangélicos*.
 - d. Partido Político: O João **é** *socialista*.
 - e. Classe Social: Ela **é** *nobre*.
- (51) Adjetivos Relacionais:
 - i. Uma medida política → A medida **é** *política*

- ii. Uma medida política → *A medida **está** política
- iii. Um clima tropical → O clima (deste país) **é** tropical
- iv. Um clima tropical → ?O clima (deste país) **está** tropical⁷⁶

(52) Adjetivos Modais:

- i. A vitória **é** possível/provável.
- ii. *A vitória **está** possível/provável.

(53) Adjetivos Adverbiais Temporais

- i. As visitas da Maria **são** frequentes.
- ii. *As visitas da Maria **estão** frequentes.

(54) Adjetivos Intensionais:

- i. Um falso médico → O médico **é** falso
- ii. Um falso médico → *O médico **está** falso

Quanto a *estar*, “usa-se com predicados episódicos que denotam propriedades transitórias dos indivíduos e estados temporalmente limitados, nos quais estes se encontram suscetíveis de mudança frequente” (Raposo, 2013: 1309). De facto, quando o falante opta por *estar*, não tem como objetivo atribuir uma qualidade ao sujeito da frase, mas apresenta antes um estado, expresso por um adjetivo (Porroche, 1988). Este verbo surge em estruturas com adjetivos como *triste*, *contente*, *furioso*, *grávida*, *nervoso*, *seco*, *maduro* (cf. (55)-(56)). Conforme Porroche (1988: 63), em estruturas com adjetivos sensoriais, de medida e de avaliação, *estar* não expressa, como é normal, um estado, mas sim o resultado de uma experiência (cf. O vestido **está** apertado.). Além de se combinar com estes adjetivos, combina-se também com alguns participípios verbais usados adjetivamente (que se tornam episódicos), tais como *aberto*, *fechado*, *arranjado*, *caído*, *abandonado*, *desmaiado*, *ferido*, *preso*, *pago*, *morto*⁷⁷ (cf. (58)-(60)) e ainda *cansado* e *descalço*⁷⁸ (cf. (57)). Porém, apenas os participípios verbais que denotam situações télicas

⁷⁶ Porém, em construções como ‘O clima deste país **está a ficar** tropical’ é aceitável.

⁷⁷ O adjetivo/participípio ‘morto’ denota, de acordo com Raposo (2013b), a mais estável (e permanente) de todas as situações possíveis, ocorrendo com *estar* por este participípio se caracterizar por ser aspectualmente télico (apresenta um valor resultativo (cf. Herculano de Carvalho, 1984)). Pelo contrário, ‘vivo’ não é aspectualmente télico, mas assume a sua correspondência com o verbo *estar* (descartando *ser*), devido ao paralelismo existente entre *vivo/morto* (situações irrepitíveis (cf. Cunha, 2007: 125)), do qual os falantes instauraram desde logo tanto a nível semântico como o do ponto de vista do uso (*vivo* apresenta, segundo Herculano de Carvalho (1984), um valor permansivo).

⁷⁸ A autora considera ‘cansado’ e ‘descalço’ como adjetivos, mas em Português Europeu são tipicamente participípios dos verbos *cansar* (-se) e *descalçar* (-se), respetivamente.

se podem combinar com *estar*, dado que uma situação ao ser télica, caminha para um fim, sofrendo, desta forma, uma mudança. Ao sofrer essa mudança, gera-se um resultado, do qual nasce um novo estado, denominado como resultativo ou consequente, tal como já foi mencionado anteriormente. Os participios em questão por surgirem em construções com *estar*, representam o estado resultativo, isto é, apresentam “o novo estado da entidade que sofre mudança descrita na oração ativa que tem esse verbo como predicator” (2013: 1309).

(55) O Rui **está** triste/contente/furioso/nervoso.

(56) A minha irmã **está** grávida.

(57) **Estou** cansado/descalço.

(58) O animal **está** abandonado/ferido.

(59) A janela **está** aberta/fechada.

(60) O vaso **está** caído.

No entanto, além dos adjetivos que apenas aceitam *ser* ou *estar*, existem ainda aqueles que se combinam com ambos, admitindo a dualidade (Raposo, 2013b: 1310): *bonito, doente, inteligente, alto, chato, simpático, gordo, magro e alegre*⁷⁹. Os adjetivos que admitem *ser* e *estar* “têm o mesmo significado lexical quando se combinam com os dois verbos”, apenas se altera a interpretação aspetual do predicado, entre estável e episódica⁸⁰ (cf. (61), (62)). Marín (2004: 317) considera este tipo de adjetivos como “ambivalent”, uma vez que “they are underspecified with respect to IL/SL feature”, acrescentando outros adjetivos, além dos acima mencionados (repetidos aqui), capazes de ocorrer tanto com *ser* como com *estar*: “alegre (‘happy’), alto (‘tall’), amplo (‘wide’), (a)normal (‘ab)normal’), bajo (‘short’), estrecho (‘narrow’), feliz (‘happy’), feo (‘ugly’), flaco (‘thin’), gordo (‘fat’), grande (‘big’), hermoso (‘beautiful’), inquieto (‘restless’), intranquilo (‘worried’), joven (‘young’), libre (‘free’), nervioso (‘nervous’), pequeño (‘small’), orgulloso (‘proud’), tranquilo (‘tranquil’), viejo (‘old’), vivo (‘alive’). ”.

⁷⁹ A este grupo pode-se acrescentar ainda um outro adjetivo: preguiçoso. Vejamos: A Maria *é* preguiçosa. / A Maria hoje **está** preguiçosa.

⁸⁰ “Para alguns falantes a recategorização de um adjetivo de episódico em estável é menos aceitável do que a recategorização inversa” (Raposo, 2013: 1312): Ela **está** alegre (episódico) → Ela *é* alegre (estável) versus Ela *é* bonita (estável) → Ela **está** bonita (episódico). Leva-nos a afirmar que como é algo que se dá temporariamente e se atribui a propriedade com um limite de tempo, de certa forma, não pode defini-la como sendo parte permanente do indivíduo.

- (61) A minha irmã **é** *bonita*.
 a. A minha irmã **está** *bonita* hoje.
- (62) O professor de artes **é** *simpático*.
 a. O professor de artes **está** *simpático* esta semana connosco.

Raposo (2013b: 1311), seguindo Fernández Leborans (1999), considera ainda que existem adjetivos que alteram o seu significado metaforicamente, devido não só à distinção entre *ser* e *estar*, como também ao tipo de sujeito ser [$\pm$ humano]: *cego*, *bom*, *mau*, *decente*, *seco* e *maduro*. Deste modo, estes adjetivos podem ter diferentes significados ocorrendo em distintos contextos, como por exemplo, no caso do adjetivo ‘seco’, que pode denotar o estado físico, associado a ‘não molhado’ (O solo **está** *seco*), mas também pode associar-se a um estado psicológico de um sujeito (pessoa não agradável) (A Sofia **é** sempre *seca* comigo); ou ainda, com o adjetivo ‘maduro’: ‘ser maduro’ (O meu irmão **é** muito *maduro*) *versus* ‘estar maduro’ (A banana **está** *madura*).

No entanto, como vimos, “en el caso de los participios empieza a ser ligeramente más complicada, dado que estos pueden combinarse tanto con *ser* como con *estar*.” Gumiel-Molina (2011: 7). A autora considera que uma das diferenças mais evidentes entre estes verbos é o facto de *estar* impor restrições aspetuais mais fortes sobre os seus possíveis participípios do que *ser*. Estas restrições por parte de *estar* fazem com que haja rejeição aquando da ocorrência de participípios de verbos que são estados (verbos que não estão ancorados temporalmente) e de verbos que são aspectualmente processos, isto é, verbos que apresentam duração, mas não um fim (não são télicos: não apresentam um estado resultativo, nem culminação). Tendencialmente, *estar* combina-se com eventos télicos (cf. Gumiel-Molina (2011); Duarte & Oliveira (2010); e.o).

	<i>Ser + Participípio</i>	<i>Estar + Participípio</i>
<i>Estados</i>	A tua mulher é <i>amada</i> por outro homem.	*A tua mulher está <i>amada</i> por outro homem.
<i>Processos</i>	O cão foi <i>acariciado</i> .	*O cão está <i>acariciado</i> .
<i>Eventos</i>	A porta foi <i>aberta</i> .	A porta está <i>aberta</i> .

Tabela 2 - *Ser e Estar com Participípios* (cf. Gumiel-Molina (2011: 7))

De facto, *ser* e *estar* admitem adjetivos e participípios, contudo, de acordo com Porroche (1988: 37), este facto é “uno de los problemas más difíciles de la gramática”, seja na língua espanhola como em português europeu, devido aos diversos tipos de

adjetivos e participípios e, além disso, a ocorrência destes últimos, em construções predicativas e passivas. Quanto à construção com adjetivos, alguns destes surgem obrigatoriamente com *ser* e outros obrigatoriamente com *estar*, porém determinados adjetivos aceitam ambos os verbos, podendo, de certa forma, variar a sua interpretação, uma vez que “as possibilidades combinatórias dos Adjetivos são bastante díspares” (cf. Cunha & Ferreira, 2003: 428): os adjetivos qualificativos e de certos adverbiais podem ocorrer com *ser* e/ou *estar*; já os adjetivos relacionais aceitam, tipicamente, apenas *ser*, como mencionado anteriormente.

3.2. O verbo *Ficar* em Português Europeu

O verbo *ficar*, em Português Europeu, apresenta mais o que uma funcionalidade, pois por um lado comporta-se como verbo principal, assumindo a significação básica de ‘permanecer, não se mover’ (significado básico de “x fica P” é “x permanece P” (cf. Lehmann, 2008: 9))⁸¹; mas, por outro, apresenta-se como um verbo copulativo, intimamente relacionado com *estar*, que indica uma mudança de estado ou um evento do qual permanece um resultado físico ou moral (cf. Herculano de Carvalho, 1984: 131). Este verbo assume-se como um verbo indicador de mudança (Brito, 2003; Correia, 2010), no qual há a indicação do fim de um evento e início de um estado resultativo ou consequente (Duarte & Oliveira, 2010), partilhando com *ser* e *estar* o potencial semântico-sintático, considerado por Lehmann (2008: 9), de, ao mesmo tempo, conseguir ser “um verbo existencial e uma cópula”. Descreve, de facto, um estado em que o sujeito se encontra, mas é perspectivado como um resultado de uma mudança a partir de um estado anterior (cf. Raposo, 2013b: 1315), apresentando, deste modo, “uma componente semântica dinâmica” que é partilhada por *revelar-se* e *tornar-se*.

Com efeito, conforme Correia (2010: 153), “a análise dos diferentes valores semânticos atribuídos a *ficar*, resultam, necessariamente, dos valores das formas linguísticas presentes em configurações sintático-semânticas em que este verbo ocorre”, em Português Europeu contemporâneo. A nível sintático *ficar* pode, eventualmente, ocorrer nas seguintes construções (cf. Lejeune, 2011: 48)⁸²: com complemento de lugar implícito (“x ficar” (cf. O João sai. A Maria **fica**.)), com advérbios (“x ficar ADV” (cf. O

⁸¹ Quando este denota uma localização permanente, retratada no presente, pode ser substituído por *ser*: A minha casa de praia **fica** em Angeiras. → A minha casa de praia **é** em Angeiras.

⁸² Exemplos baseados em Lejeune (2011: 48).

caderno de artes **ficou ali.**)), com sintagmas preposicionais (“x ficar SP” (cf. O Tomás **ficou em casa.**)), com sintagmas nominais (“x ficar SN” (cf. **Ficou rei de Portugal.**)), com sintagma adjetival (“x ficar SAdj” (cf. O Rui **ficou triste.**)), com participípios passados (“ficar PP” (cf. O problema **ficou resolvido.**)), em construções progressivas (“x ficar a INF” (cf. **Ficou a olhar** para mim.)), com o gerúndio (“ficar Gerúndio⁸³” (cf. **Ficou olhando.**)) e, por fim, em construções pronominais (cf. A seleção feminina de Portugal, **ficou-se** pelo quarto lugar na sua categoria, ao ser derrotada pela Austrália.). Em construções “ficar + SN/SAdj/Particípio Passado” é possível verificar, consoante Correia (2010: 158), que “sob o ponto de vista aspetual, todas elas manifestam tendencialmente uma passagem de fronteira, podendo ser parafraseadas como ‘*passar a estar/ passar a ser*’”.

De facto, *ficar* “combina-se sobretudo com constituintes predicativos de natureza episódica” (Raposo, 2013b: 1315), sendo que todos os constituintes que se combinam com *estar*, também se combinam maioritariamente com *ficar*, “incluindo os participípios de verbos que denotam situações télicas” (2013: 1316). Contudo, a diferença entre *estar* e *ficar* deve-se ao facto de que este último apresenta o estado resultativo num enquadramento temporal durativo⁸⁴, sendo a duração desse novo estado diretamente perspectivada como o resultado da mudança. Esse resultado de mudança pode, eventualmente, “ser encarado como uma qualidade adquirida permanentemente” (Herculano de Carvalho, 1984: 146). Deste modo, devido às semelhanças partilhadas por estes verbos, ao colocar *ficar* no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo, de forma a representar o evento simples da mudança de estado e a duratividade do novo estado (cf. Raposo, 2013b: 1317), mantendo *estar* no Presente do Indicativo, Herculano de Carvalho afirma que é “possível a correspondência – não a equivalência – de “está triste” com “ficou triste”” (cf. (63)), uma vez que a construção com *ficar* pode iniciar-se no passado, mas prolongar-se até ao presente.

(63) A Maria **está doente.** → A Maria **ficou doente.**

⁸³ Em Português Europeu, a construção semelhante a ‘ficar gerúndio’ é a construção perifrástica progressiva ‘ficou a V’: Ficou a olhar.

⁸⁴ O componente aspetual durativo de *ficar* pode ser reforçado através do uso de adverbiais temporais ou de adverbiais que marcam o limite temporal: A Maria **ficou** doente durante 2 dias.; A porta **ficou** aberta enquanto o sol raiava.

Isto deve-se ao facto de as estruturas com *ficar* se apresentarem no passado, quando já existe um novo estado, estando a mudança completa, de acordo com Raposo (2013). Além disso, este verbo também pode ser utilizado para assinalar uma mudança de grau dentro de uma propriedade que se considera estável (cf. (64), (65)).

(64) A Maria **ficou** mais *alta*.

(65) Com o passar do tempo, a Ariana **ficou** mais *preguiçosa*.

Cunha (2007: 136) considera que o comportamento linguístico de *ficar* “oscila entre o dos eventos e o dos estados”, dado a compatibilidade em estruturas com *quando*, no Pretérito Perfeito, aproximando-se da estatividade (cf. (66)); da não atribuição de uma leitura de “presente real” às construções em causa (característica dos estativos), podendo desencadear uma leitura habitual (cf. (67)); a incapacidade de ocorrência em construções com *quando* no Pretérito Imperfeito (cf. (68)); a aceitação de adverbiais durativos (cf. (69)) e a incompatibilidade de ocorrência de adverbiais pontuais em contextos semelhantes a (70), nos quais *ficar* assume a interpretação de “permanecer sentado”. Porém, quando existe uma mudança de estado como “ficar furioso”, é possível, na maioria dos casos, a ocorrência com adverbiais pontuais (cf. (71))⁸⁵.

(66) Quando o João **ficou** *doente*, levaram-no para o hospital.

(67) O João **fica** *furioso* ?agora/ habitualmente.

(68) * Quando o João **ficava** *furioso*, o pai deu-lhe um presente.

(69) O João **ficou** *furioso* durante toda a tarde.

(70) ?? O João **ficou** *sentado* às 5 da tarde.

(71) O João **ficou** *furioso* às 5 da tarde.

Todavia, ainda assim, de acordo com aquele autor (2007), as construções predicativas com *ficar* parecem caracterizar-se por possuírem ambiguidade interpretativa, dado que esta se torna visivelmente evidente quando se altera o tempo gramatical que acompanha essas estruturas. Por exemplo, ao enunciarmos algo no futuro como ‘O João **vai ficar** *irritado*’, pode desencadear a leitura como evento pontual ‘O João **vai ficar** *irritado* às 2 horas, quando souber que o pai regressou.’ ou remeter para um estado consequente ‘O João **vai ficar** *irritado* durante o fim de semana, enquanto o pai cá

⁸⁵ Exemplos baseados em Cunha (2007).

estiver’. Assume-se então que *ficar*, “no contexto de predicadores adjetivais, nominais e preposicionais, tanto poderá dar conta de um evento pontual quanto do estado consequente que dele resulta” (cf. Cunha, 2007: 136), sendo portador de valor aspetual de culminação com estado resultante expresso (Cunha, 1998a: 146)

Quanto a estruturas do tipo *estar a ficar*, que são, de facto, as estudadas neste trabalho, Herculano de Carvalho (1984: 147) afirma que em construções deste tipo (com adjetivos), “o ingresso no novo estado é visto como um processo gradual”, uma vez que *ficar* é caracterizado semanticamente por ser durativo, admitindo a fase de decurso, de progressão, impulsionada pelo Progressivo. Ao contrário de outros verbos operadores de mudança aspetual, como *começar a* e *acabar de*, que indicam o início ou o fim de uma eventualidade, respetivamente (cf. (72), (73)). Destaca-se que apesar de *acabar de* denotar um final, em construções progressivas com *ficar* não existe um limite temporal, estando a situação em progresso, por mais que exista, tendencialmente, um estado consequente, devido à mudança implicada pelo verbo.

(72) As coisas **estão a ficar** claras. (par=ext129839-des-95b-2)

- a. As coisas **começam a ficar** claras.
- b. As coisas **acabam de ficar** claras.

(73) Ora, o clima **está a ficar** turvo. (par=ext145258-opi-96b-2)

- a. O clima **começou a ficar** turvo.
- b. O clima **acabou de ficar** turvo

3.3. Síntese

Neste capítulo, abordamos as semelhanças e diferenças entre os verbos copulativos *ser* e *estar*, tendo em consideração, além disso, a diferença entre verbos auxiliares e copulativos, uma vez que este tipo de verbos pode assumir as duas posições. Por isso, baseamo-nos em algumas propostas de, fundamentalmente, Brito (2003), Cunha & Cintra (2014), Duarte (2013), Duarte & Oliveira (2010), Raposo (2013), Vilela (1995). Posteriormente, ao serem estudadas as dissemelhanças entre *ser* e *estar* (cf. Cunha & Ferreira (2003); Gumiel-Molina (2011, 2012); Oliveira (2013), Porroche (1988); Raposo (2013) e Veloso & Raposo (2013); verificou-se que *ser* por se conjugar com predicados de indivíduo, e *estar* com predicados episódicos, não aceitam o mesmo tipo de adjetivos:

- *Ser* admite adjetivos qualificativos que denotem propriedades materiais ou físicas cor, forma, atitudes mentais ou comportamentais e, ainda, que descrevam estados sociais; adjetivos indicadores de nacionalidade, lugar de nascimento, religião, partido político, classe social ou filiação a uma instituição/escola/tendência; e certos adjetivos relacionais (cf. *tropical*), adverbiais temporais (*frequente*), modais (*possível*) e intensionais (cf. *falso*).
- *Estar* funciona em construções com adjetivos portadores de significado episódico como *triste, contente, furioso, grávida, nervoso, seco, maduro*; alguns participípios verbais usados adjetivamente (que se tornam episódicos), tais como *aberto, fechado, arranjado, caído, abandonado, desmaiado, ferido, preso, pago, morto* e ainda *descalço* e *cansado*.

Todavia, certos adjetivos aceitam ambos os verbos, como o caso de adjetivos que denotam propriedades materiais, atitudes mentais e estados, contudo, se substituirmos *ser* por *estar* podemos encontrar dois tipos de situações: ou encontramos uma frase agramatical ou uma frase com uma interpretação distinta, no qual é perdido o conteúdo “caracterizador do adjetivo”, e, desta forma, este passa a ser limitado temporalmente (cf. Raposo, 2013).

Além disso, neste capítulo, analisámos alguns estudos sobre *ficar* (cf. Correia (2010); Cunha (2004/ 2007); Duarte & Oliveira (2010); Herculano de Carvalho (1984); Lehmann (2008); Raposo (2013), podendo, assim, apontar algumas características relevantes:

- *Ficar* apresenta mais do que uma funcionalidade: comporta-se como verbo principal, assumindo a significação básica de ‘permanecer, não se mover’ ou como um verbo copulativo, que indica uma mudança de estado resultativo de uma situação tipicamente télica. Pode ainda ocorrer em passivas resultativas ou como verbo de operação aspetual (*ficar a + infinitivo*).
- Pode ocorrer em distintas construções, não somente com adjetivos e participípios, mas também com advérbios, nomes, sintagmas preposicionais.
- “Combina-se sobretudo com constituintes predicativos de natureza episódica” (Raposo, 2013: 1315), sendo que todos os constituintes que se combinam com

estar, também se combinam maioritariamente com *ficar*, “incluindo os participípios de verbos que denotam situações télicas” (2013: 1316).

- Herculano de Carvalho (1984) defende a possibilidade da “correspondência – não a equivalência – de “está triste” com “ficou triste””, uma vez que a construção com *ficar* pode iniciar-se no passado, mas prolongar-se até ao presente.
- A diferença entre *estar* e *ficar* deve-se ao facto de que este último apresenta o estado resultativo num enquadramento temporal durativo, sendo a duração desse novo estado diretamente perspectivada como o resultado da mudança.
- *Ficar* “oscila entre os o dos eventos e o dos estados”, devido à aceitação de diversas construções típicas de eventos (cf. Cunha, 2007).

Desta forma, associando este verbo, considerado por alguns estudiosos como durativo, que apresenta um estado consequente, a construções progressivas, “o ingresso no novo estado é visto como um processo gradual”, uma vez que *ficar* é caracterizado semanticamente por ser durativo, admitindo a fase de decurso, de progressão, impulsionada pelo Progressivo (cf. Herculano de Carvalho, 1984).

Capítulo 4 – Para uma Caracterização das Construções

Progressivas com *Ficar*

As construções progressivas, tipicamente realizadas, em Português Europeu, pela construção *estar (a) + infinitivo*, caracterizam-se por “perspetivar a fase intermédia de uma situação, focalizando-a na progressão ou decurso” (Cunha, 2013: 608), apresentando a situação como durativa e incompleta. Esta construção pode comparecer em diversos contextos, combinando-se com diferentes tempos gramaticais, podendo, ainda, desencadear distintas interpretações consoante o tempo conjugado (cf. (74), retomado de (7)). Além disso, como anteriormente referimos, o Progressivo parece ocorrer com maior parte das classes aspetuais das predicções, todavia rejeita construções com estados não faseáveis (cf. (75)), retomado de (8)).

- (74) a. O João **está a ler** um livro.
b. O João **esteve a ler** um livro.
c. O João **estava a ler** um livro.
d. A esta hora, o João **estará a ler** um livro.
e. O João **estaria a ler** um livro, se não estivesse a importuná-lo.
- (75) a. O João **está a gostar** do filme.
i. *O João **está a ser** alto.
b. O João **está a correr**.
c. O João **está a ler** um poema.
d. O gato **está a morrer**.
e. O João **está a tossir**.

No entanto, como foco deste trabalho, as construções progressivas quando se combinam com *ficar*, construções com estados não faseáveis passam a ser possíveis (cf. (76)), tal como as com estados faseáveis (cf. (77)), devido ao carácter típico de *ficar* que descreve uma mudança, apresentando um estado resultativo de uma determinada situação. Neste caso, dado a construção no Progressivo, essa mudança de estado apresenta-se em progressão e, por isso, não existe, de facto, um estado resultativo, ao contrário do que acontece, tipicamente, em construções em que *ficar* ocorre no Pretérito Perfeito (cf. (78)).

- (76) O João **está a ficar** alto.

(77) O João **está a ficar** doente.

(78) O João **ficou** doente.

Assim, de forma a caracterizar as construções progressivas com *ficar*, segue-se a descrição do *corpus* e a apresentação da metodologia de análise e, posteriormente, a análise dos dados.

4.1. Sobre o *Corpus* e a Metodologia de Análise

Neste subcapítulo, tal como o título indica, numa primeira fase, é feita uma descrição da constituição do *corpus* (4.1.1.) e, posteriormente, é apresentada a metodologia usada para a análise dos dados recolhidos (4.1.2.).

4.1.1. Descrição do *Corpus*

Para a caracterização das construções progressivas com *ficar* realizámos uma recolha de amostras de dois *corpora* distintos: CETEMPúblico (*Corpus* de Extratos de Textos Eletrónicos MCT/Público) e CRPC (*Corpus* de Referência do Português Europeu), considerando que o primeiro abrange apenas textos jornalísticos e o segundo, além de textos jornalísticos, também abrange textos literários e técnicos, revistas e, ainda, registos orais (formais e informais), entre outros.

O *corpus* deste estudo reúne oitocentos (800) exemplos, de um total inicial de mil e duzentos e dezanove (1219) recolhidos: quatrocentos e sessenta (460) ocorrências extraídos do CETEMPúblico (57,5% das ocorrências) e trezentas e quarenta (340) do CRPC (42,5% das ocorrências). A seleção dos exemplos centrou-se no objetivo principal deste trabalho e, por isso, somente foram objeto de análise as ocorrências que apresentassem um dos seguintes tempos gramaticais: Presente do Indicativo, Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo, Futuro do Indicativo e Condicional e que, na predicação, contivessem adjetivos ou participípios.

A recolha das amostras foi feita de forma distinta nos *corpora* selecionados, uma vez que no *corpus* CETEMPúblico foi possível fazer a procura de uma forma mais simples, adicionando o radical do verbo *estar* (*a*) (*est-*) a *ficar* e, desta forma, a expressão de procura foi [*lema="estar"*] "*a*" [*lema="ficar"*]. Por outro lado, no *corpus* CRPC, como não nos foi possível criar uma expressão de procura, a pesquisa foi feita caso a caso, introduzindo todas as pessoas gramaticais dos tempos considerados (cf. “estou a ficar”,

“estás a ficar” e assim sucessivamente). Como as ocorrências presentes nos *corpora* não eram em número suficiente, optou-se por fazer a seleção de cada com os elementos relevantes em ambos os *corpora* sendo, por isso, o número total de exemplos retirados de cada um pouco diferente.

Depois da seleção dos exemplos que reuniam as condições necessárias para serem objeto de estudo, observámos o tempo gramatical e, conseqüentemente, pessoa e número, agrupando os exemplos.

4.1.2. Metodologia de Análise

Antes de procedermos à análise dos adjetivos e dos participípios, começámos por estudar os tempos gramaticais selecionados na construção progressiva, sabendo que esta se caracteriza por apresentar termos relacionados com o decurso ou progressão de uma situação. Assim, para verificar a compatibilidade do Progressivo com os tempos gramaticais selecionados (Presente, Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito, Futuro (do Indicativo) e Condicional), baseamo-nos em Cunha (1998), Raposo (2013) e em alguns conceitos relevantes de Herculano de Carvalho (1984). De forma a perceber qual o tempo gramatical que mais apresentava ocorrências no *corpus* foi realizada uma análise quantitativa dos dados, tendo também em conta, posteriormente, a pessoa e número de cada tempo gramatical.

Seguidamente, na sequência da análise realizada sobre os tempos gramaticais nas construções progressivas, observámos os adjetivos e participípios presentes nos exemplos, agrupando-os separadamente. Em primeiro lugar, selecionámos e analisámos os exemplos que continham adjetivos. Para o estudo destes, realizamos uma análise, em ambos os *corpora*, relativamente ao tipo de adjetivo que aparecia nos exemplos, recorrendo a autores como Brito (2003a), Cunha & Ferreira (2003), Demonte (1999), Ferreira (2012) e Veloso & Raposo (2013), e.o. Além disso, sabendo que estamos perante uma construção predicativa, avaliámos a possível graduação e conseqüente escala de cada adjetivo, baseando-nos em propostas de Hay, Kennedy & Levin (1999), Kennedy & Levin (1999, 2007, 2008), Leal, Ferreira & Cunha (2015) e Costa Ferreira (2018), e.o. Contudo, como na maioria dos exemplos, os adjetivos predominantes são os qualificativos, tentamos encontrar uma categorização simples e não exaustiva, dentro

daquelas que já haviam sido feitas por outros autores, utilizando autores como Demonte (1999), Dixon (1982, 1994) e Veloso & Raposo (2013).

Posteriormente, passamos à análise dos participípios passados presentes nos exemplos dos *corpora* selecionados, tendo em conta que muitos deles se podem aproximar das características típicas de adjetivos. De forma a diferenciar aqueles que se comportam exclusivamente como participípios e os que se assemelham a adjetivos, testamos, numa primeira fase, a possibilidade de determinado participípio verbal ocorrer, sem problemas, na formação de tempos compostos e na formação da passiva (eventiva) e, além disso, tivemos em consideração se o verbo era pronominal ou reflexo. Depois, numa segunda parte, para verificar se o participípio se comporta como participípio adjetival, aplicamos diferentes testes propostos por Foltran & Crisóstimo (2005): 1. substituição do participípio passado por um verdadeiro adjetivo; 2. capacidade do participípio ocorrer como adjunto do nome em posição pré e pós-nominal; 3. possibilidade de graduação, através de estruturas comparativas e superlativas (relativas e sintéticas) e introdução de modificadores de grau (como *muito*); 4. possível coordenação entre um adjetivo e um participípio. Além disso, aplicamos ainda outros dois testes de Duarte (2003): possibilidade de o participípio: 5. em construções predicativas, poder surgir com prefixo *-in* e resultar numa frase gramatical; 6. admitir sufixos diminutivos, tal como os adjetivos, em construções estativas e resultativas.

Finalmente, após a análise de adjetivos e de participípios fizemos uma análise quantitativa dos exemplos selecionados, procurando perceber qual a classe gramatical que é preferencial ou tem um maior número de ocorrências, em geral e particularmente em cada pessoa de cada tempo gramatical, comparando, de uma forma simplificada, o número de ocorrências que apresenta cada *corpus*, sabendo que inicialmente a quantidade de exemplos extraídos não é a mesma.

4.2. Caracterização das Construções Progressivas com *Ficar*

Este capítulo conta com a análise dos exemplos extraídos e, posteriormente, selecionados dos *corpora* CETEMPúblico (CCP) e CRPC. O primeiro aspeto que analisámos foi a presença dos tempos gramaticais⁸⁶ nas construções progressivas com *ficar* (4.2.1.), seguindo-se da análise dos diferentes adjetivos presentes nestas construções (4.2.2.) e dos participípios (4.2.3.).

4.2.1. Tempos Gramaticais em Construções Progressivas

O auxiliar progressivo, *estar* (*a*), adquire “um valor temporal próprio que, embora relacionado com a sua dimensão aspetual, lhe dá uma importância particular” (Raposo, 2013: 1268). Este verbo pode conjugar-se em diferentes tempos, alterando, de certa forma, a interpretação temporal da construção progressiva. Desta forma, tendo como objetivo observar a presença dos tempos gramaticais (e as respetivas pessoas gramaticais) no *corpus*, elaborámos uma análise quantitativa manual das ocorrências (cf. Tabela 3).

Nº de Ocorrências de Tempos Gramaticais (pessoa e número) ⁸⁷				
		CRPC	CCP	Total
Presente do Indicativo	<i>Estou a ficar</i>	28	40	68
	<i>Estás a ficar</i>	4	1	5
	<i>Está a ficar</i>	130	194	324
	<i>Estamos a ficar</i>	17	17	34
	<i>Estais a ficar</i>	0	0	0
	<i>Estão a ficar</i>	93	125	218
		272	377	649
Pretérito Imperfeito do Indicativo	<i>Estava a ficar*</i>	17	26	42
	<i>Estavas a ficar</i>	0	0	0
	<i>Estava a ficar**</i>	35	38	74
	<i>Estávamos a ficar</i>	3	0	3
	<i>Estáveis a ficar</i>	0	0	0
	<i>Estavam a ficar</i>	7	11	18
		62	75	137
Futuro do Indicativo	<i>Estarei a ficar</i>	1	1	2
	<i>Estarás a ficar</i>	0	0	0
	<i>Estará a ficar</i>	1	4	5
	<i>Estaremos a ficar</i>	0	0	0
	<i>Estareis a ficar</i>	0	0	0
	<i>Estarão a ficar</i>	1	0	1
		3	5	8
Condicional	<i>Estaria a ficar*</i>	1	1	2
	<i>Estarias a ficar</i>	0	0	0
	<i>Estaria a ficar**</i>	0	2	2
	<i>Estariamos a ficar</i>	0	0	0
	<i>Estaríeis a ficar</i>	0	0	0
	<i>Estariam a ficar</i>	2	0	2
		3	3	6
Total		340	460	800

Tabela 3 – Nº de Ocorrências de Tempos Gramaticais (pessoa e número) no *Corpus*

⁸⁶ Realçamos que não analisámos todos os tempos gramaticais, focando-nos nos seguintes: Presente do Indicativo, Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo, Futuro do Indicativo e Condicional.

⁸⁷ (*): Primeira pessoa do singular; (**): Terceira pessoa do singular.

Neste contexto, verifica-se que a combinação do Progressivo com o Presente do Indicativo apresenta uma maior e significativa ocorrência em ambos os *corpora* comparativamente à presença dos outros tempos gramaticais. O Progressivo, ao indicar uma situação em progresso, não limitada temporalmente e que inclui o momento de enunciação, fornece à construção com o Presente, uma leitura de presente real da situação e, por isso, tem “o seu ponto de interesse central no facto de não ser uma leitura preferencialmente habitual (...), o que sugere fortemente o seu carácter originalmente estativo” (cf. Cunha (1998a: 93)), tal como observamos em (79). Enquanto (79a) apresenta um estado em desenvolvimento, isto é, no momento de enunciação, o “nível de cansado” ainda não atingiu o seu limite, apresentando um processo⁸⁸ gradual, por outro lado, em (79b), estamos perante uma estado habitual, desencadeado pelo uso do Presente do Indicativo. Já em (79c), *ficar* no Pretérito Perfeito, indica uma situação, na qual o sujeito esteve num determinado tempo do passado ‘cansado’, atingindo o nível máximo de ‘cansaço’, todavia isso não quer dizer que a situação não se prolongue posteriormente (cf. (79c.i.)).

- (79) a. O curandeiro **está a ficar** cansado. (*par=ext1516515-soc-96a-1*, nº 457⁸⁹)
 b. O curandeiro **fica** cansado, sempre que sobe a montanha.
 c. O curandeiro **ficou** cansado.
 i. O curandeiro **ficou** cansado e ainda está.

Assim, tal como explicamos anteriormente, estamos perante uma construção progressiva com *ficar* que, ao se comportar como verbo copulativo, se caracteriza por ser um indicador de mudança, na qual há a indicação do fim de um evento e início de um estado resultativo e, deste modo, como vimos, veicula uma componente semântica dinâmica. Contudo, o facto de as construções progressivas se caracterizarem por descreverem uma situação em desenvolvimento, perspetivando-a numa fase intermédia, que ainda é mais realçada com a combinação com o Presente do Indicativo, retiram a *ficar* a sua capacidade de apresentar um novo estado perspetivado como o resultado de mudança. Assim, devido à incompletude caracterizadora do Progressivo, não existe apresentação de um estado resultativo, estando a mudança em curso. Isto é, considerando

⁸⁸ Neste caso, o significado de ‘processo’ assemelha-se a ‘desenvolvimento’.

⁸⁹ O número que se segue à expressão pertencente a cada exemplo extraído dos *corpora*, identifica-o perante os demais exemplos e, por esse motivo, pareceu-nos pertinente indicar o número do exemplo.

os exemplos abaixo, ‘está a’ retira a ideia de completude característica de *ficar*, não chegando ao limite máximo de um adjetivo como ‘quente’ em (80) nem de ‘difícil’ em (81), mas, ainda assim, apresenta o início e o desenvolvimento da situação.

(80) a. Os cientistas confirmaram que o planeta **está a ficar** mais *quente*, que os níveis do mar estão a subir... (J89805, nº 43)

b. O planeta **ficou** mais *quente*.

(81) a. Segundo o promotor, a situação do bispo **está a ficar** cada vez mais *difícil*. (par=ext1199028-soc-92b-2, nº 366)

b. A situação do bispo **ficou** *difícil*.

Tal como é observável na Tabela 3, o Presente do Progressivo apresenta exemplos em todas as pessoas (singular e plural), à exceção da segunda pessoa do plural, reproduzida por “*estais a ficar*”, contando 649 ocorrências dos 800 exemplos selecionados (mais de metade das ocorrências da totalidade do *corpus*). A terceira pessoa do singular e a do plural (“*está a ficar*”; “*estão a ficar*”) são aquelas que mais ocorrências apresentam no *corpus*: 323 e 219 ocorrências, respetivamente, contrapondo-se a “*estás a ficar*” e “*estamos a ficar*” que somente apresentam 5 e 34 ocorrências, respetivamente.

A abundante ocorrência da terceira pessoa do singular e do plural poderá estar relacionada com o facto de muitas das ocorrências extraídas de *corpus* serem, tipicamente, de textos jornalísticos. Normalmente, neste contexto, para a descrição de factos e informações atuais, os enunciados jornalísticos surgem na terceira pessoa do singular (cf. (84)) e do plural (cf. (86)). Por outro lado, na transcrição de discursos orais, na presença de diálogos entre personagens em textos literários ou em exclamações e perguntas retóricas dirigidas para o próprio sujeito, as pessoas gramaticais utilizadas são as restantes (cf. (82), (83) e (85)).

(82) “Faz uma pausa e pede desculpa.” **Estou a ficar** um pedaço *nervoso*. Estamos à porta da casa número 595... (J0035, nº 22)

(83) Ela responde: Isso eu não sei, parece-me que tu **estás a ficar** *maior*». (par=ext263796-nd-91b-2, nº 87)

(84) O Alentejo **está a ficar** *velho e deserto*, asseguram, e isso é que é grave. (par=ext335331-clt-94b-2; nº 111)

(85) O gerente provavelmente não tem culpa, mas (...) **Estamos a ficar perturbados** com o silêncio e o escuro. (L0256, nº 183)

(86) As escolas do primeiro ciclo do ensino básico da cidade de Viseu **estão a ficar sobrelotadas**, devido à movimentação de crianças de escolas de fora da cidade para o seu interior, levando a câmara a exigir que «alguém faça alguma coisa de imediato». (par=ext34317-soc-97b-2, nº 109)

O Imperfeito do Indicativo caracteriza-se por ser um tempo gramatical alargado, que apresenta as situações como passadas, sem qualquer restrição em relação ao seu final (Cunha, 1998a). Por este motivo, o Imperfeito combina-se com o Progressivo sem suscitar problemas, uma vez que este último apresenta algumas características paralelas ao anterior. Isto é, ambos remetem para a não ‘completude’ de uma determinada situação, retirando, tal como o Presente do Progressivo, o efeito ‘resultativo’ de *ficar*, tal como nos mostra o exemplo (87).

(87) a. Há cinco anos que não faço rádio e já **estava a ficar doente**. Foi na rádio que fui muito feliz. (J87140, nº 297)

b. **Fiquei doente**.

Contudo, este tempo gramatical, apesar de estar presente no *corpus*, a quantidade de ocorrências é bastante menor do que a do Presente, apresentando, assim, uma totalidade de 137 exemplos. Além disso, tal como acontece com o Presente do Progressivo, a terceira pessoa do singular (“*estava a ficar*”), com 74 ocorrências, destaca-se relativamente às demais (cf. (89)). Ainda assim, a primeira pessoa do singular (“*estava a ficar*”) (cf. (88)) apresenta algumas ocorrências em número significativo (42 exemplos), ao contrário da primeira pessoa do plural, que ocorre somente no *corpus* CETEMPúblico, (cf. (90)) e terceira pessoa do plural (cf. (91)), que reúnem, respetivamente, 3 e 18 ocorrências. Os exemplos apresentam uma situação em mudança que ocorreram no passado, mas que é incompleta. Note-se, no entanto, que ambos os *corpora* não se encontraram a segunda pessoa do singular “*estavas a ficar*” nem a segunda do plural “*estáveis a ficar*”.

(88) Eu estive lá três dias e já **estava a ficar cansada**», diz Fernanda, recordando o tempo que passou em Atlanta por causa da cerimónia de abertura dos Jogos, onde foi a porta-estandarte portuguesa. (par=ext814873-des-96b-2, nº 259)

- (89) Não era vida, o meu filho já **estava a ficar** *agressivo* com a mãe, falava comigo e chorava. (*noCOD_1050322*, nº 306)
- (90) Montalvão Machado , ouvimos com uma enorme atenção a sua intervenção e **estávamos a ficar** bastante *surpreendidos* , pois V. Ex.^a estava praticamente a terminar a sua (*noCOD_1019209*, nº 337)
- (91) Os negócios com Espanha **estavam a ficar** *complicados*. (*par=ext221573-nd-95a-1*, nº 69)

Pelo contrário, a construção progressiva combinada com o Pretérito Perfeito do Indicativo não apresenta ocorrências em ambos os *corpora* consultados, uma vez que este tempo gramatical, apesar de ser aspectualmente neutro, confere às situações a impossibilidade de continuação, apresentando, desta forma, um estado progressivo no passado (cf. Cunha, 1998a). Por apresentar um intervalo de tempo necessariamente fechado (Raposo, 2013), a combinação com *ficar* torna-se pouco aceitável, dado a necessidade de existência de uma mudança, que não é observável aquando da estrutura progressiva com o Perfeito.

- (92) O futebol **está a ficar** *desumano e monstruoso*. (*par=ext1124523-nd-94b-2*, nº 350)
- a. O futebol **ficou** *desumano e monstruoso*.
 - b. ??O futebol **esteve a ficar** *desumano e monstruoso*.
- (93) Embora não seja um especialista da área ambiental, de ano para ano, noto que a lagoa **está a ficar** mais *reduzida* e que as suas águas, por falta do canal que as ligava ao mar, evidenciam um fenómeno semelhante ao que sucede nas lagoas de água doce de São Miguel. (*par=ext44832-soc-93a-2*, nº 13)
- a. A lagoa **ficou** mais *reduzida*.
 - b. ??A lagoa **esteve a ficar** mais *reduzida*.

O Futuro do Indicativo, em português europeu, localiza situações num tempo que é posterior ao da enunciação, contudo, quando combinado com o Progressivo, parece apresentar uma leitura com valor modal de incerteza ou probabilidade. De facto, o Futuro do Progressivo perspetiva a probabilidade de uma dada situação, que se encontra em desenvolvimento. Assim, pode, na verdade, como em (94) e (96), a ideia de probabilidade ser reforçada através de construções interrogativas ou ainda, através do uso comum do discurso indireto, tal como vemos em (95). Também, em (97), a ideia de probabilidade parece estar evidente, uma vez que, além da combinação com do Progressivo com o

Futuro, a construção com *ficar* faz com que adjetivos como ‘velho’ ou ‘mole’ e participípios como ‘reservado’ ou ‘cansado’ não atinjam o nível máximo que cada um é capaz de atingir.

(94) **Estarei a ficar** velho? (*par=ext186695-des-97a-1*, nº 59)

(95) A mais recente metamorfose do megamatulão austríaco é numa figura paternal, a quem uma colega polícia pergunta se não **estará a ficar** mole, mas que, quando provocado, proporciona, como sempre, à assistência que aprecia a agressividade no cinema a violência que associamos a um filme de Schwarzenegger. (*par=ext387756-nd-91a-1*, nº 135)

(96) O Campeonato do Mundo não **estará a ficar** cada vez mais *reservado* a um reduzido número de grandes países superiormente equipados? (*par=ext1286332-des-91b-1*, nº 388)

(97) As bases do partido, e mesmo alguns dos dirigentes nacionais, **estarão a ficar** «cansados» de Marcelo. (*J58299*, nº 348)

Tal como o Futuro do Progressivo, o Condicional apresenta, neste contexto, um valor modal de incerteza ou probabilidade. Como sabemos, o Condicional, como tempo gramatical, exprime a ideia de realização de uma situação posterior ao momento da enunciação, marcando uma localização temporal relativamente a uma situação passada (cf. A Sofia disse que *estudaria* para o exame, toda a noite.). Todavia, este tempo gramatical pode, em certos contextos, exprimir uma probabilidade ou incerteza, adquirindo um valor modal, tal como é observável nos exemplos (98) e (99), em que esta construção surge com adjetivos e em (100) e (101) com participípios. Assim, parece que o Condicional combinado com o Progressivo adquire uma leitura de probabilidade, mais uma vez reforçada pelo discurso indireto, em (99) e (101), que com *ficar* apresenta a interpretação de que é possível que a mudança esteja em decurso.

(98) Antes, tinha um comportamento de que não entendia a causa. **Estaria a ficar** maluco. Por que sou assim? (*V0299*, nº 349)

(99) Em resposta à carta da leitora que se perguntava, a si mesma, se o humor do Herman José não **estaria a ficar** «racista e xenófobo», resta-me concluir que escreveu a carta antes do programa de Joaquim Letria, *Conversa Afiada*, do passado dia 6 de Abril, onde precisamente o mesmo Herman José explicou que todo o seu

humor é feito de certa maneira inocentemente e de um modo infantil. (*par=ext662603-pol-92a-1*, nº 221)

(100) Por essa ordem de ideias, **estaria a ficar depravado, pervertido, ateu e**, principalmente, na oposição, declaradamente contra o Governo. (*par=ext1466035-pol-92a-1*, nº 449)

(101) A Reylon diz que as críticas da rival apenas visam proteger as marcas Cover Girl e Max Factor, que **estariam a ficar prejudicadas** com esta concorrências. (*J64397*, nº 350)

O Futuro do Progressivo e Condicional apresentam poucas ocorrências em ambos os *corpora* e, conseqüentemente, no total do *corpus* de estudo. Ou seja, os dois tempos gramaticais juntos apresentam somente 14 exemplos: 8 e 6, respetivamente. Quanto ao Futuro do Progressivo, as pessoas que surgem nos *corpora* são: a primeira pessoa do singular com 2 ocorrências; a terceira pessoa do singular com 5 exemplos e a terceira do plural com 1 ocorrência apenas. O Condicional, não se distancia muito do Futuro, uma vez que as pessoas gramaticais são as mesmas: primeira e terceira pessoas do singular e a terceira pessoa do plural com, cada uma, 2 ocorrências.

Deste modo, é verificável que a combinação do Progressivo⁹⁰ com *ficar*, retira a este o efeito resultativo e, por isso, o limite máximo de uma situação, como ‘estar cansado’ (cf. (103)) ou ‘estar doente’ (cf. (102)), nunca é atingido, ao contrário da construção de *ficar* no Pretérito Perfeito.

(102) a. Por isso, lembra -se de alertar pais e filhos que **estão a ficar doentes** por falta de mimos. Usa marionetas e uma máscara para... (*J100530*, nº 213)

b. Pais e filhos **ficaram doentes** por falta de mimos.

(103) a. António Murta assinala que «os consumidores **estão a ficar** cada vez mais *cansados* da publicidade. (*par=ext913830-eco-95a-2*, nº 289)

b. Os consumidores **ficaram cansados** da publicidade.

⁹⁰ Nos tempos gramaticais estudados.

4.2.2. A presença de Adjetivos

Os adjetivos têm sido objeto de estudo por parte de diferentes autores, não só na língua portuguesa, como em outras, como a língua espanhola ou a inglesa, devido à sua categorização. Assim, este subcapítulo trata a análise dos adjetivos que ocorrem nas construções consideradas, estudando aspetos semânticos como: o tipo de adjetivo, numa tentativa de organização; aspetos relacionados com a graduação e escalaridade e a sua possível combinação com os verbos copulativos *ser* e/ou *estar*.

Assim, sabendo que como estamos perante uma construção com um verbo copulativo, os adjetivos analisados aparecem sempre em posição predicativa, sendo esta ocupada, em estruturas adjetivais, na sua maioria, por adjetivos qualificativos (cf. (104)), avaliativos (cf. (105)), modais (cf. (106)) e adverbiais (cf. (107)).

(104) O BRITANNIA, o iate da família real, **está a ficar** *velho* de mais e vai ser substituído por outro. (*par=ext783633-soc-94b-1*, nº 248)

(105) Duarte Jorge não teoriza, mas sabe que «isto **está a ficar** *mau*». (*par=ext502789-soc-93b-1*, nº 171)

(106) A situação **está a ficar** rapidamente *impossível* de controlar. Até agora, o número de casos... (*J8107*, nº 59)

(107) Lá vai a qualidade de vida de Viana do Castelo para o nível da de Lisboa, porque a do Porto também já **está a ficar** muito *próxima* da de Lisboa a de Lisboa ainda consegue ser pior. (*A0058*, nº 117)

Todavia, a possibilidade de participar em construções predicativas não está vedada aos adjetivos relacionais, uma vez que estes se podem recategorizar, passando a comportar-se como adjetivos qualificativos, quando é possível a sua ocorrência em construções de grau (cf. Bosque, 1993; Costa Ferreira, 2018), dando-se uma mudança de categoria (Cunha & Ferreira, 2003), tal como é possível observar em (108).

(108) Ambiente que **está a ficar** cada vez mais *tropical*: depois das palmeiras na Avenida Fontes Pereira de Melo, Lisboa tem agora, até final de Julho, bananas e ananás em tamanho familiar. (*par=ext961792-soc-96a-1*, nº 301)

Deste modo, o que nos propusemos a analisar relativamente aos adjetivos nestas construções, foi, num primeiro momento, os tipos de adjetivos presentes e, em cada conjunto de adjetivos, verificar a graduabilidade e a sua compatibilidade com os verbos

copulativos *ser* e/ou *estar*. E, assim, começamos por observar os dados dos adjetivos qualificativos, para posteriormente, analisar os exemplos em que constem adjetivos relacionais e adjetivos avaliativos, modais (e intensionais) e adverbiais.

4.2.2.1. Os adjetivos qualificativos

Muitos foram os adjetivos qualificativos encontrados no *corpus* e, deste modo, começamos por estudar esta classe. Os adjetivos qualificativos caracterizam-se por exprimirem qualidades, estados ou modos de ser (Brito, 2003a) e, desta forma, segundo Veloso & Raposo (2013), comportam a função de atuar sobre o sentido do nome, especificando-o. Estes, na sua maioria, podem participar em construções predicativas, ocupando, assim uma posição predicativa, além da possibilidade da comparência em posição atributiva a não ser estudada neste trabalho. Além disso, são suscetíveis de graduação, aceitando modificadores de grau (intensificadores ou atenuadores) ou ocorrendo em construções graduais, podendo projetar uma escala (aberta (“open-range adjectives”) ou fechada (“closed-range adjectives”))⁹¹, consoante Hay (1998), Hay, Kennedy & Levin (1999), Kennedy & McNally (2005), Leal, Cunha & Ferreira (2015), e.o., através da possível ou não combinação com “proportional modifiers”.

No entanto, este tipo de adjetivos é objeto de estudo de vários trabalhos, devido à sua organização. De acordo com Dixon (1982), na língua inglesa, os adjetivos qualificativos podem dividir-se em sete classes distintas, que denotam propriedades diferentes, tendo em conta critérios semânticos, sintáticos e morfológicos: dimensão (‘dimension’), propriedade física (‘physical property’), cor (‘colour’), atitudes e (pre) disposições humanas (‘human propensity’), idade (‘age’), valor (‘value’) e velocidade (‘speed’). A esta categorização, Demonte (1999) adiciona aos adjetivos que denotam propriedades físicas: forma, peso, sabor, tato, cheiro, temperatura e som. Tendo em consideração estas propostas de organização, os autores Veloso & Raposo (2013), para o português europeu, subdividem os adjetivos qualificativos em: adjetivos qualificativos de propriedades de natureza material e adjetivos qualificativos de propriedades físicas, psicológicas, morais e sociais associadas a seres vivos (cf. Tabela 1). Contudo, como

⁹¹ Relembrámos que nas escalas fechadas existe um grau considerado como limite máximo da escala e um grau considerado como limite mínimo da escala, ao contrário das escalas abertas, onde isso não se verifica. Um adjetivo que projete uma escala fechada aceita construções com “proportional modifiers”, todavia, um adjetivo de escala aberta, que não inclui um grau máximo, não funciona com estes modificadores.

iremos verificar, determinados adjetivos, que são por estes autores classificados como adjetivos que denotam propriedades de natureza material, também podem, de facto, aplicar-se a construções associadas a seres vivos e vice-versa. Repare-se nos exemplos retirados dos *corpora* CETEMPúblico e CRPC.

(109) Mas as tábuas dos barris **estão a ficar velhas**. (*par=ext140070-nd-91a-1*, nº 42)

(110) «As últimas informações mostram que a central de Barsebäck **está a ficar tão velha** que se verificam problemas permanentes. (*par=ext1329679-clt-soc-93b-2*, nº 402)

(111) «As pessoas que travaram essas lutas **estão a ficar velhas**, pelo que é preciso explicar às gerações actuais o verdadeiro sentido da autonomia e os perigos do centralismo e do colonialismo português», justifica o deputado social-democrata Gabriel Drumond, promotor deste movimento e outrora ligado à Flama.» (*par=ext1057801-pol-97b-2*, nº 330)

(112) “Nomeadamente nos conservatórios nacionais, onde os professores **estão a ficar velhos** e não são substituídos”. (*jpub_970829_b01*, nº 245)

O adjetivo *velho*, que se caracteriza por ser um adjetivo qualificativo de idade, pode aplicar-se a construções com entidades que denotam, tipicamente, propriedades de natureza material, como observámos em (109) e (110), contudo, são capazes de surgir em construções, nas quais o sujeito é [+humano], como em (111) e (112). Este como vemos apresenta graduação, dado a sua ocorrência em orações consecutivas (110), com modificadores lexicais de intensificação como *mais* em (113) ou ainda com construções com ‘cada vez’ e o advérbio de intensidade *mais* (cf. 114). Tendo a possibilidade de apresentar graduação, ao aplicar o ‘teste’ da inserção de um “proportional modifier”, o adjetivo *velho*, apresenta compatibilidade com estes, projetando uma escala fechada (cf. (115).

(113) «**Estou a ficar mais velha** e por isso, penso mais na minha saúde». (*par=ext904579-com-98b-2*, nº 284)

(114) A Alemanha **está a ficar cada vez mais velha**. (*par=ext252344-soc-96b-1*, nº 78)

(115) As tábuas dos barris **estão completamente/totalmente/parcialmente/meio velhas**.

O mesmo acontece com o adjetivo *novo*, que também denota idade, porém, no *corpus*, apenas ocorre em construções associadas a seres vivos (sujeito [+humano]), sendo igualmente passível de graduação, como vemos em (116) e (117). Este, apesar de

ser graduável, apresenta alguns problemas quanto ao tipo de sujeito selecionado em estruturas com “proportional modifiers”, projetando, no entanto, para uma escala fechada (cf. (118)). *Novo*, como vemos em (118), aquando de construções com modificadores indicadores de proporção, não apresenta dúvidas com sujeitos [-humanos], ao contrário do que acontece com sujeitos com a característica [+humana]. No entanto, em (118a.i.), o adjetivo *novo* ocorre em construções com ‘completamente’, uma vez que, remete para uma extensão metafórica que nada tem a ver com idade, mas com as características associadas a jovialidade: ‘Fui à aula de yoga e estou completamente nova’. De notar que neste caso, o adjetivo *novo* apresenta um significado próximo de ‘renovado’.

(116) Os homicidas e as suas vítimas **estão a ficar** cada vez mais *novos* nos Estados Unidos. (*par=ext479804-soc-95a-1*, nº 164)

(117) A entrada é livre. Os portugueses não **estão a ficar** mais *novos*, antes pelo contrário. O envelhecimento da população coloca muitos e variados problemas... (*J46797*, nº 221)

(118) a. ?Os portugueses **estão** completamente/totalmente/parcialmente/meio *novos*.

i. Estou completamente *nova*.

b. As tábuas dos barris **estão** completamente/totalmente/parcialmente/meio *novas*.

No caso dos adjetivos *jovem*⁹², *caquético*, *senil*, *maduro*, *entradote* e *obsoleto* (cf. (119), (120), (121), (122), (123), respetivamente) que apresentam poucas ocorrências no *corpus*, estes apenas surgem com sujeitos com a propriedade [+humana]. Todavia, no caso do adjetivo *maduro*, no *corpus* foi possível encontrar exemplos que mostram que este pode, na verdade, surgir em construções com sujeito [+humano] (cf. (122a) e com outros [-humanos] (cf. (122b))). Estes apresentam, tal como *velho* e *novo*, a capacidade de graduabilidade.

(119) Pintar o cabelo. Não **estás a ficar** mais *jovem*. O que acontece aqui, primeiro, vai chatear. (*J104259*, nº 29)

(120) «Lógico que já **estou a ficar** *caquético*, mas, se surgisse a oportunidade, tinha que ser com alguém como o `Guga`, uma pessoa de que gosto imenso e é um grande jogador, e o Larry, que é o treinador muito dedicado. (*par=ext792847-des-98a-2*, nº 251)

⁹² *Jovem* pode assumir duas diferentes aceções, isto é, este adjetivo pode, como é habitual, descrever a idade de um indivíduo, mas também pode, de facto, comparecer em estruturas, nas quais está associado às características da jovialidade.

- (121) É perceber se a falha é normal ou não. Será que **estou a ficar senil**? Ou demente? Ou tenho algo de errado? (noCOD_1065330, nº 21)
- (122) a. JAIME PACHECO -- Tenho a convicção de que **estou a ficar mais maduro**, mais experiente. (par=ext1153281-des-98b-2, nº 357)
- b. É apenas lógico que Paulo Portas se proponha agora jogar com a demagogia dos tachos, quando pressente que os frutos de oito anos de trabalho **estão a ficar maduros**. (par=ext935067-nd-95b-2, nº 296)
- (123) A dangerous obsession da função psicológica de Jung quando já **estava a ficar entradote**. De notar que é no cachaço do animal que se apoia a canga de trabalho. (J77920, nº 332)
- (124) «Há muitas infra-estruturas no continentes europeu, mas **estão a ficar cada vez mais obsoletas**», considerou Umberto Agnelli, depois de afirmar que o desenvolvimento das redes transeuropeias constituía uma prioridade da ERT. (par=ext1004233-eco-92a-1, nº 317)

Estes adjetivos, como vemos nos exemplos, são passíveis de graduação e desta forma, tal como menciona Rio-Torto (2006: 110), “são adjetivos graduáveis os que descrevem propriedades concebidas como ordenadas ou ordenáveis numa escala de valores”. Assim, sendo, numa estrutura com o adjetivo em causa, verificamos que os adjetivos *caquético*, *senil*, *entradote* e *obsoleto* projetam escala fechada, devido à possível combinação com os “proportional modifiers”, contudo no caso de *maduro*⁹³ e *jovem* o indicador de proporção ‘meio’ é pouco aceitável⁹⁴.

- (125) **Estás completamente/ totalmente/ parcialmente/ ??meio jovem**.
- (126) **Estou/ Estava completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio caquético/ senil/ entradote**.
- (127) As infra-estruturas **estão completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio obsoletas**.
- (128) **Estou/ Estava completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio maduro**.

⁹³ Em (122a), *maduro* assume a interpretação de ‘maturidade’, distanciando-se do significado base que é ‘o fruto atingir o último grau de desenvolvimento’ como em: A banana **está madura**. Neste contexto, o adjetivo em questão apenas ocorre em construções com *estar*, denotando um estado num intervalo de tempo curto.

⁹⁴ De referir que *maduro* somente não aceita ‘meio’ em construções com sujeito [-humano].

- (129) Os frutos de oito anos de trabalho **estão** completamente/ totalmente/ parcialmente/ ??meio maduros.

Tal como *velho*, os adjetivos *roxo* e *branco*, considerados como adjetivos qualificativos de cor, em (130) e (131), não se relacionam com uma entidade com propriedades de natureza material, mas sim com uma entidade [+humana] (corpo humano). Apesar de, normalmente, os adjetivos de cor serem considerados não graduáveis⁹⁵, em determinados contextos a sua graduação é possível. Nos exemplos, retirados do CETEMPúblico, perante uma construção progressiva com um verbo tipicamente indicador de mudança (*ficar*), adicionando a construção ‘cada vez mais’ ou o advérbio de intensidade ‘muito’, o que acontece é um processo de intensificação da cor, tendo em consideração as várias tonalidades que a cor pode compreender. Sendo possível combinar-se com os modificadores de proporção (completamente, totalmente, parcialmente, meio), projetando, deste modo, uma escala fechada (cf. (132)).

- (130) Agora a cara **está a ficar** cada vez mais roxa, à medida que as horas passam.

(par=ext16850-soc-92b-1, nº 4)

- (131) «**Está a ficar** muito branco», comentava de forma desaprovadora uma fã, a propósito das numerosas fotografias de Jackson publicadas pela imprensa local.

(par=ext655807-clt-93b-1, nº 218)

- (132) a. A cara **está** completamente/totalmente/parcialmente/meio roxa.⁹⁶

b. Ele **está** completamente/totalmente/parcialmente/meio branco.

Quanto aos adjetivos *verde* (cf. (134)) *azul* (cf. (135)) e *cor-de-rosa* (cf. (133)), estes ocorrem, no *corpus*, em construções com sujeitos de propriedades de natureza material, sendo passíveis de graduação. Contudo, o adjetivo *azul* apresenta ainda a possibilidade de ocorrer em construções com um sujeito denotador de ser vivo (os peixes) (cf. (136)), ou seja, com este exemplo observámos, uma vez mais, que os adjetivos de cor não se focam apenas em construções com entidades que denotam propriedades de natureza material, podendo, desta forma, surgir em estruturas com entidades associadas a seres vivos. Note-se que Veloso & Raposo (2013), ao selecionar os distintos adjetivos e

⁹⁵ Segundo Brito (2003a: 380), os adjetivos não graduáveis são aqueles que “exprimem nacionalidade, origem, cor, estado, matéria”.

⁹⁶ Neste caso, perante um adjetivo de cor, pode-se verificar que não existe, de facto, um limite de cor a atingir, mas o que acontece é que, com o uso dos modificadores ‘completamente/ totalmente’, a cor ocupa toda a matéria, ou seja, no caso da cara, o que mostra é que toda a cara ficou roxa.

ao organizá-los em subgrupos, apenas consideram ‘seres vivos’ como entidades tipicamente com o traço [+humano]. Estes projetam escala fechada graças à sua compatibilidade com os ‘modificadores de proporção’.

(133) a. (...) Relativamente ao voto do PCP V Ex.^a, apesar da proximidade, está menos vermelho, **está a ficar** *cor-de-rosa*. (A174088, nº 82)

b. O voto **está** completamente/totalmente/parcialmente/meio *cor-de-rosa*.

(134) a. Há também boas notícias. Como a que indica que o planeta **está a ficar** mais verde. (noCOD_1046090, nº 42)

b. O planeta **está** completamente/totalmente/parcialmente/meio *verde*.

(135) a. Com o sol, o mar **estava a ficar** *azul* a nascente, no ponto onde as ilhas pareciam flutuar à tona da água. (par=ext1034280-clt-92a-2, nº 326)

b. O mar **estava** completamente/totalmente/parcialmente/meio *azul*.

(136) a. «Os peixes até já **estavam a ficar** *azuis*». (par=ext941877-soc-91b-1, nº 298)

b. Os peixes **estavam** completamente/totalmente/parcialmente/meio *azuis*.

De notar que perante adjetivos de cor, os ‘proportional modifiers’ fornecem uma leitura de completude, não associada ao atingir de um estado superior de cor, mas sim a totalidade da entidade compreender a cor: os peixe estão todos azuis (cf. (136b)).

O adjetivo *preto*, presente em (137), normalmente, na sua significação base, é considerado um adjetivo qualificativo de cor, todavia associa-se ao significado de ‘complicado’ ou ‘difícil’, não denotando, portanto, cor. Além deste, que se aproxima do significado de ‘complicado’, em determinadas construções, o mesmo acontece com o adjetivo *negro* (cf. 138). Contudo, *negro* ocorre em exemplos no *corpus*, nos quais o seu significado base é distinto daquele que é apresentado, comportando significados relacionados com ‘sujidade’, em (139) e, ainda, com a quantidade de pessoas de cor negra, em (140).

(137) Já as coisas **estavam a ficar** «pretas» para os madeirenses quando Vado voltou a empunhar a batuta, e a solicitar a cabeça de Jorge Andrade, que não se fez rogado. (par=ext1326490-des-93a-1, nº 399)

(138) «Às 6h25 faltavam 13 degraus, às 8h30 oito, agora 13h30 só faltam seis; estamos a mudar rapidamente o resto das coisas, porque isto **está a ficar** *negro*». (par=ext884871-soc-96a-1, nº 279)

(139) Como exemplo aponta o caso da fachada da Estação do Rossio, que «foi limpa recentemente e já **está a ficar** toda *negra*, devido à poluição dos automóveis».

(*par=ext392342-soc-93a-1*, nº 137)

(140) A Europa **está a ficar** *negra*, reggae, brasileira (...) (*J106758*, nº 115)

Estes adjetivos (*preto* e *negro*) são, tais como os demais acima apresentados, graduáveis, projetando a escala fechada, dado a aceitação da ocorrência de “proportional modifiers”.

(141) A fachada da Estação do Rossio **está** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio *negra/preta*. (reprodução do exemplo (139)).

Além destes adjetivos qualificativos que denotam idade e (maioritariamente) cor, neste tipo de construções é possível encontrar os seguintes adjetivos (qualificativos de propriedades materiais (cf. Veloso & Raposo)): *salgado* (cf. (142)), que tipicamente, segundo Veloso & Raposo (2013), pertence ao conjunto dos adjetivos que denotam sabor, todavia neste contexto não é essa a aceção que denota, ou seja, neste exemplo, *salgado* relaciona-se com o grau de salinidade presente no mar; *grave*, *agudo*, *estridente* e *silenciosa* (cf. (143)) que denotam propriedades relacionadas com som; e *quente*⁹⁷, *frio*, *morno*⁹⁸ (cf. (144)) e adjetivos relacionados, frequentemente, com o clima: *turvo*⁹⁹ (cf. (145)).

(142) Alguns mares que se tornaram interiores **estão a ficar** tão salgados que quase nenhuma forma de vida pode suportar habitá-los. (*J38189*, nº 217)

⁹⁷ No *corpus*, o adjetivo *quente* apenas está relacionado com a temperatura ambiente, que é ainda mais evidenciada nos exemplos que se seguem: 1. Fui até à cozinha arranjar gelo e água. Impressão minha, ou a noite **estava a ficar** incrivelmente quente? Lembrei-me do boletim meteorológico da TV. (*L0101*, nº 303); 2. Começando a sentir os efeitos dos 30 graus que voltaram a fazer-se sentir em Melbourne, o jogador norte-americano pediu um “toilet break”. **Estava a ficar** muito quente, mas senti que iria ser difícil para ele recuperar dois “sets” com aquele calor, justificou o campeão de 1994. (*noCOD_1078931*, nº 298)

⁹⁸ O adjetivo *morno*, no exemplo do *corpus*, não contém o seu significado preferencial que está ligado a temperatura, mas sim relacionado com o adjetivo ‘calmo’: Que se levantem questões e que se peçam esclarecimentos, porque o debate **estava a ficar** um pouco *morno*. (*noCOD_1003911*, nº 285)

⁹⁹ O adjetivo *denso* também seria considerado como um adjetivo denotador de clima (estado de tempo meteorológico) (ou então associado a peso e densidade (Veloso & Raposo)). Todavia, neste contexto: O clima de suspeição à volta de Xavier Xufre, **está a ficar** cada vez mais *denso*. (*par=ext777543-soc-94b-1*, nº 246), o adjetivo em questão, surge numa construção em que existe um ‘jogo de palavras’, sendo o sujeito ‘o clima’, mas, de facto, não tem a ver com aspetos meteorológicos, havendo uma extensão metafórica. Assim, neste caso, *denso* significa ‘pesado’.

- (143) a. P. -- Numa entrevista recente a este jornal June Tabor afirmou que a ligação Silly Sisters se tornou impossível porque a sua voz **estava a ficar** cada vez mais aguda enquanto a dela **estava a ficar** mais grave... (par=ext458025-clt-94a-2, nº 156)
- b. Mas **está a ficar** *estridente*, a ponto de ter perdido aquela «gravitas» misteriosa que atraía os incautos. (par=ext1394125-nd-95a-1, nº 421)
- c. Ontem pareceu-me que a bancada do Partido Comunista **estava a ficar** *silenciosa*. Hoje confirmei o facto , quando todos desistiram , talvez... (A163420, nº 323)
- (144) a. «Os cientistas confirmaram que o planeta **está a ficar** mais quente, que os níveis do mar estão a subir e que estas mudanças são influenciadas pela actividade humana». (par=ext365851-nd-97b-2, nº 128)
- b. Em Motown, os dias **estão a ficar** mais frios -- e não se trata apenas da chegada do Inverno. (par=ext1202666-nd-91b-1, nº 367)
- c. Ora, o clima **está a ficar** *turvo*. (par=ext145258-opi-96b-2, nº 47)

Estes adjetivos, como vimos, apresentam graduação, sendo esta explicitada através do uso de maximizadores como ‘mais’, de construções como ‘cada vez mais’ e, ainda, por participarem em orações consecutivas. Assim, ao apresentarem graduação estão propensos a projetar uma escala. Como estes integram em estruturas com “proportional modifiers”, projetam, desta forma, uma escala fechada, como é possível verificar nos exemplos que se seguem (cf. (145)-(148)). Realçamos o facto de ao aplicar estes testes, manipulamos as frases com o objetivo de tornar os exemplos menos massudos.

- (145) Os mares **estão** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio *salgados*.
- (146) Os dias **estão** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio *quentes/ frios*.
- (147) A voz **está** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio *aguda/ grave/ estridente/ silenciosa*.
- (148) O clima **está** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio *denso/ turvo*.

Note-se, no entanto, que os adjetivos de temperatura, os adjetivos de som e entre outros são relativos, isto é, apesar de os considerarmos como adjetivos que projetam escala fechada, estes podem apresentar um nível máximo ou mínimo distinto consoante a perspetiva do falante e do contexto em que é dito. Considerando o adjetivo *quente* como

exemplo, verifica-se que em afirmações do tipo ‘Em Portugal, os dias estão muito *quentes*’ e ‘No Brasil, os dias estão muito *quentes*’, a temperatura representada pelo adjetivo *quente*, não é considerada a mesma, sabendo, *a priori*, os fatores meteorológicos que diferenciam os dois países em questão. Quanto aos adjetivos de cor, apesar de neste estudo, ser aplicado o teste da inserção dos modificadores de proporção, este tipo de adjetivos apresenta um comportamento particular, visto que, quando é inserido um modificador como ‘completamente’, o que se verifica, não é um atingir de um nível máximo de cor, mas sim um preenchimento da cor na superfície (que está a adjetivar) (cf. A cara está a ficar completamente *roxa*). O mesmo se passa com adjetivos que denotam, por exemplo, dimensão espacial como *alto* ou *baixo*, no entanto, segue-se uma explicitação acerca da presença desta classe de adjetivos qualificativos nos exemplos analisados e, além disso, a avaliação da sua possível graduabilidade (e projeção de escala).

Os adjetivos *estreito*, *longo*, *comprido/curto*, *alto/baixo*, *maior*¹⁰⁰/*grande/pequeno* e *grosso/fino* em (149) a (154), tipicamente inseridos nos adjetivos de dimensão espacial e, ainda, os adjetivos *rápido* e *ligeiro* (cf. (155)), que denotam velocidade, fazem parte também do leque de adjetivos estudados do *corpus*. Nestes exemplos observa-se que todos os adjetivos, apesar de serem identificados como graduáveis, apresentam anteposto um modificador de intensidade como ‘mais’, ‘muito’ ou ‘demasiado’ e, ainda, construções que evidenciam essa intensidade como ‘cada vez mais’. É curioso afirmar que em todos exemplos, os adjetivos com este tipo de modificadores caminham para um valor máximo de uma escala, não apresentando nenhum um atenuador (como ‘pouco’).

(149) Isto é uma vergonha, a estrada **está a ficar** (dia após dia) mais *estreita*, pois (...) não está preparada para estes transportes e não há uma autoridade que possa ver este problema. (*par=ext464168-soc-96b-2*, nº 160)

(150) «O que ele me disse foi que o filme **estava a ficar** muito *longo*, e que algumas coisas tinham que desaparecer». (*par=ext303199-clt-93a-2*, nº 97)

¹⁰⁰ O adjetivo *maior* é o grau comparativo de superioridade do adjetivo *grande*.

- (151) a. Os dois doutorandos tinham esperado acabar as suas teses este ano antes de decidir o que fazer com a sua lista, que **está a ficar** cada vez mais *comprida*. (*par=ext700392-clt-soc-95a-1*, nº 227)
- b. Ontem, Javier Solana adiantou que «todas as opções continuam em aberto» e que «a estrada entre Haia e Pale **está a ficar** cada vez mais *curta*». (*par=ext864980-pol-96b-1*, nº 276)
- (152) «Devo confessar que um dia vinha a chegar à Câmara e, quando olhei para o edifício, pensei para mim mesmo: isto já vai com 13 andares e **está a ficar** muito *alto*. (*par=ext237686-soc-96a-2*, nº 72)
- (153) a. Parece que as balizas em Alvalade **estão a ficar** mais *pequenas*. (*par=ext748493-des-95a-2*, nº 241)
- b. Isto apenas porque os computadores **estão a ficar** *maiores* e os seus modelos estão a tornar-se mais sofisticados. (*par=ext779087-clt-98a-2*, nº 247)
- (154) a. O problema é que, sobretudo devido à queima de combustíveis fósseis -- petróleo e carvão --, essa preciosa protecção da Terra **está a ficar** cada vez mais *grossa*, aprisionando o calor junto ao chão. (*par=ext988900-soc-97b-2*, nº 311)
- b. «A camada de ozono **está a ficar** cada vez mais *fin*a e os riscos de cancro da pele aumentam de ano para ano. (*par=ext157864-soc-92a-1*, nº 49)
- (155) Os carros **estão a ficar** demasiado *rápidos*. (*par=ext345304-des-95a-1*, nº 117)

No entanto, esta organização não é assim tão linear, dado os possíveis significados que cada adjetivo pode conter, devido ao contexto em que ocorre, como é o caso dos adjetivos *estreito*, *comprido*, *alto*, *baixo*, *pequeno* e *grande*. O adjetivo *estreito*, além de retratar dimensão, como no exemplo (149), numa extensão metafórica, assume outro significado associado a ‘próximo’ (156), quanto ao adjetivo *comprido*, este em maior parte dos exemplos do *corpus*, apresenta como significado ‘longo’, aplicado a entidades sem a propriedade material, como em (157). Os adjetivos *alto* e *baixo*, que ao invés de se aplicarem a propriedades de natureza material, tal como propõem Veloso & Raposo (2013), assumem uma aceção [+humana], associando-se a ‘altura’ de um indivíduo (cf. (158)). Quanto aos adjetivos *pequeno*, *grande* e *maior*, apesar de realmente denotarem leitura associadas a dimensão, no conjunto de exemplos de (159), observa-se uma extensão metafórica, uma vez que em (159a), *pequeno* remete para a quantidade de indivíduos integrantes de uma família e em (159b), *grande* aproxima-se do significado de ‘espaçoso’, dado o contexto em que se encontra e *maior*, em (159c), remete para ‘altura’.

Ainda em (160), o adjetivo *ligeiro* não denota o seu significado principal, ou seja, normalmente insere-se na subclasse de adjetivos qualificativos que denotam velocidade (Veloso & Raposo, 2013), no entanto, no contexto em que surge aproxima-se mais de ‘leve’.

(156) As noções tradicionais do lugar da mulher estão a desaparecer e os fossos entre os dois sexos **estão a ficar mais estreitos**. (*par=ext413943-clt-soc-94b-2*, nº 145)

(157) A guerra na Guiné era já uma guerra que **estava a ficar muito comprida**. (*J59919*, nº 282)

(158) a. Os Jovens japoneses **estão a ficar mais altos e mais fortes** do que os seus pais, avós e mas a sua visão está a deteriorar-se. (*par=ext708626-soc-92a-1*, nº 230)

b. Portanto estava a crescer. O que se passava é que **estava a ficar cada vez mais baixo** em vez de ficar cada vez mais alto... (*noCOD_1070945*, nº 300)

(159) a. «As famílias chinesas **estão a ficar mais pequenas** e um cão é sempre uma companhia», diz também Chen Shisong. (*par=ext13286-clt-94b-1*, nº 3)

b. “Eu gosto do Senhor de Matosinhos e de viver no meio dele. Mas esta festa **está a ficar grande de mais** para o centro de Matosinhos. (*noCOD_1070070*, nº 123)

c. Ela responde Isso eu não sei, parece-me que tu **estás a ficar maior**». (*par=ext263796-nd-91b-2*, nº 87)

(160) O jornalista da RDP mostra-se, sobretudo, apreensivo com as «as condições de exercício do jornalismo», nomeadamente do radiofónico, que «**está a ficar demasiado ligeiro**» e a sofrer de uma certa americanização» (*par=ext911578-clt-98a-1*, nº 286)

Além disso, sobre este conjunto de adjetivos, realçamos a rejeição da combinação com os “proportional modifiers”, projetando todos eles uma escala aberta, à exceção do par complementar *grosso/fino*. Vejamos os exemplos (cf. (161)-(167)):

(161) */??A estrada **está completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio curta/ comprida**.

(162) O filme **está ??completamente/ ??totalmente/ ??parcialmente/ meio longo**.

(163) a. */??As famílias chinesas **estão completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio pequenas/ grandes**.

(164) b. */??Os computadores **estão completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio maiores**.

(165) */??**Estou completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio alto/ baixo**.

(166) A camada do ozono **está** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio fina/grossa.

(167) */?? Os carros **estão** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio rápidos/ ligeiros.¹⁰¹

Constando, ainda, no *corpus* adjetivos relacionados com a luminosidade e visibilidade (cf. Veloso & Raposo, 2013), tais como: *escuro*, *transparente*, *visível* e *claro* e pares complementares de adjetivos como *barato/caro* e *vazio/cheio*. Contudo, ao contrário dos adjetivos *escuro*, *transparente* e *visível*, que denotam o seu significado preferencial, *claro*, pelo contrário, nos exemplos analisados, aproxima-se de ‘evidente’ (cf. (168)). Este adjetivo apresenta, ainda assim, graduação, projetando uma escala fechada, tal como *escuro* e *visível*. *Transparente*, por outro lado, projeta escala aberta, não admitindo a construção com ‘modificadores de proporção’. Sublinha-se que apesar do adjetivo *claro* admitir construções com ‘proportional modifiers’, ao assumir o significado de ‘evidente’ apresenta-se numa oração completiva e, por esse motivo, necessita de um complemento de modo a que a frase seja gramatical, mas quando ocorre como adjetivo de luminosidade, como em (168b), não é necessário nenhum complemento.

(168) a. O funcionamento das infra-estruturas e dos serviços públicos essenciais à satisfação das necessidades básicas da população. Cada vez **está a ficar mais claro** que são falsos os argumentos governamentais que visam apresentar... (A133056, nº 73)

b. O quarto **está a ficar claro**.

(169) a. ??**Está completamente/totalmente/parcialmente/meio claro**.

b. O quarto está completamente/totalmente/parcialmente/meio claro.

Quanto aos pares complementares *vazio/cheio* e *barato/caro*¹⁰², aos quais adicionámos, nesta análise, os adjetivos *deserto* e *repleto*¹⁰³, estes apresentam diferentes tipo de escalas, sendo passíveis de graduação. Isto é, enquanto *vazio/cheio* projetam escalas fechadas, combinando-se com os ‘proportional modifiers’ (cf. (170)), *barato/caro*, (cf. (171)), ao não admitirem estes modificadores, projetam escala aberta.

¹⁰¹ Em construções semelhantes a esta é possível a combinação de *ligeiro* com os modificadores de proporção: O exercício radiofónico **está** completamente/ totalmente/ parcialmente/ ?meio ligeiro.

¹⁰² O adjetivo *careiro* também pode ser encontrado no *corpus* analisado, estando na análise quantitativa contabilizado com o adjetivo *caro*.

¹⁰³ Realça-se que o adjetivo *deserto* diz respeito ao significado ‘sem nada/ ninguém’ e o adjetivo ‘repleto’ no exemplo encontrado tem o significado de ‘cheio de’, não associado a ‘farto de comida’.

Quanto a *deserto e repleto*, estes parecem ser adjetivos graduáveis de escala fechada e de escala aberta, respetivamente (cf. (172), (173)).

(170) a. Mas estes números reflectem também aquilo que as estatísticas de espectadores mostram: o futebol está a perder adeptos, os estádios **estão a ficar vazios**.
(par=ext277316-nd-96b-2, nº 89)

b. Pouco antes, o piloto tinha pedido para fazer um a aterragem de emergência no aeroporto de Halifax, informando que o «cockpit» **estava a ficar cheio** de fumo e que tinha acabado de deitar ao mar as reservas de combustível do aparelho.
(par=ext1469136-nd-98b-1, nº 450)

i. Os estádios **estão** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio vazios.

ii. O “cockpit” **está** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio cheio de fumo.

(171) a. É a oportunidade para lhe referir que para além de algumas experiências, que **estão a ficar bastante caras** e cujos resultados duvidamos muito. (A143597, nº 195)

b. Como consequência da valorização do escudo até há pouco tempo, não só os produtos predominantemente importados estão a conhecer aumentos muito fracos este ano como também **está a ficar muito mais barato** o turismo no exterior.
(par=ext319172-eco-93a-2, nº 105)

i. *Os produtos **estão** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio baratos/ caros.

(172) «A freguesia **está a ficar deserta** e, para inverter a situação, eu tinha que arranjar dinheiro para criar condições para que os que partiram aqui queiram voltar, nem que seja para férias» (par=ext709016-soc-95a-1, nº 231)

i. A freguesia **está** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio deserta.

(173) Também as despesas **estão a ficar repletas**. (par=ext1164272-soc-97b-2, nº 359)

i. ??As despesas **estão** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio repletas.

Antes de nos referirmos aos adjetivos que, tipicamente, comportam propriedades associadas a seres vivos, mencionamos aqui os pares de adjetivos *duro/mole*, que integram no grupo de adjetivos qualificativos de textura, tato e consistência da proposta

de Veloso & Raposo (2013), e *igual/semelhante/diferente* e aos adjetivos *rígido*¹⁰⁴, *seco*, *podre*, *raro*, *resistente* e *submerso*.

(174) Segundo a sua neta Maria Isabel de Abreu, residente no Porto, Maria de Jesus “cuida sozinha da sua higiene pessoal e não deixa por mãos alheias certas tarefas. Ninguém sabe como ela, por exemplo, pregar um botão, sem óculos nem nada. Os ouvidos, esses, **estão a ficar** *duros* e o coração já se sente um pouco cansado” (J52998, nº 225)

(175) A mais recente metamorfose do megamatulão austríaco é numa figura paternal, a quem uma colega polícia pergunta se não **estará a ficar** *mole*, mas que, quando provocado, proporciona, como sempre, à assistência que aprecia a agressividade no cinema a violência que associamos a um filme de Schwarzenegger. (par=ext387756-nd-91a-1, nº 135)

Os adjetivos qualificativos complementares *mole/duro*, estes, ao contrário dos acima (*igual/ semelhante/ diferente, roto, seco, podre, raro, resistente* e *submerso*), por extensão semântica adquirem diferentes significados devido ao contexto, tal como observámos nos exemplos (174) e (175). *Duro* apresenta um significado figurado próximo de ‘penoso’ e *mole* associa-se a ‘brando’. Quanto à escala de graduabilidade, os adjetivos parecem projetar uma escala fechada, à exceção de *resistente* que é um adjetivo de escala aberta. Vejamos a possibilidade ou não de ocorrência com os modificadores de proporção, tomando como exemplos, duas frases retirada do CETEMPúblico, nas quais consta o adjetivo *seco* e, curiosamente, o advérbio ‘completamente’, o adjetivo *rígido*, *roto*, *semelhante* (cf. (176)-(179)).

(176) Mas os terrenos **estão a ficar** completamente *secos* e as barragens vão ser insuficientes para o Verão que se aproxima. (par=ext1396302-eco-95a-1, nº 422)

a. Os terrenos estão completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio *secos/ podres/ ??resistentes/ submersos*.

(177) Os meus dedos **estão a ficar** *rígidos* e estou a ter dificuldade em acertar nas teclas desde que comecei. (par=ext552292-des-94a-1, nº 186)

¹⁰⁴ Este adjetivo também se insere, tal como *duro/mole*, nos grupo de adjetivos qualificativos de textura, tato e consistência que denotam propriedades de natureza material. Contudo, apesar de no exemplo do *corpus* representar consistência, esta não se associa a uma entidade material, mas sim a uma entidade com o traço [+humano] (cf. (174)).

- a. Os meu dedos estão completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio rígidos.

(178) «**Está a ficar rota**, mas não me quero desfazer dela nem por nada», diz.

(par=ext371144-soc-97^a-1, n° 130)

- a. (A camisa) **está** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio rota.

(179) Contudo, no universo dos programas de gráficos de apresentação, os produtos **estão a ficar tão semelhantes** que é difícil apontar uma vantagem determinante deste Hg face a alternativas como o Freelance, da Lotus, ou o Presentations, da WordPerfect. (par=ext1189206-clt-soc-94^a-2, n° 364)

- a. Os produtos (da loja 1) **estão** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio iguais/ semelhantes/ diferentes (aos/dos produtos da loja 2).

Quanto aos adjetivos que, frequentemente, se aplicam a entidades que denotam propriedades associadas a seres vivos (cf. Veloso & Raposo): adjetivos qualificativos de propriedades físicas que se encontram nos exemplos analisados (*adulto, autista, bonito, calvo, careca, cego, doente, estéril, exausto, feio, giro, gordo, grisalho, lindo, lívido (e mudo), magro, manco, míope, obeso, surdo*) e adjetivos qualificativos que denotam estados sociais, morais e religiosos (*ateu, descrente, famoso, forreta, livre, machista, pobre, prisioneiro*¹⁰⁵, *racista, rico, só, solteirona, sozinho*). Todavia, muitos deles apresentam extensões metafóricas, tendo o adjetivo uma diferente aceção daquela que é a primordial, no contexto em que ocorre. Assim, tomamos como exemplo os adjetivos *estéril* (cf. (180)) e *magro* (cf. (181)).

(180) Tenho dificuldade em responder porque, às vezes, uma pessoa encontra-se perante esta espécie de paradoxo, em que muitos elementos indicam que há ainda algum caminho estimulante a percorrer e outros soam num tom diferente e dão uma mensagem global de que este percurso **está a ficar estéril**. (par=ext336291-eco-92b-2, n° 112)

(181) Por outro lado, as empresas **estão a ficar mais** «magras», menos hierarquizadas, funcionando por equipas e concentradas em actividades. (par=ext743045-eco-93a-1, n° 237)

Estes dois adjetivos projetam diferentes escalas: por um lado, *estéril* projeta uma escala aberta, não participando em construções com os ‘modificadores de proporção’, por

¹⁰⁵ Este adjetivo aproxima-se do significado figurado de ‘impedido’.

outro lado, *magro* projeta uma escala fechada, quando apresenta um sujeito [+humano], sendo possível mencionar algo como (182).

(182) A Sofia **está** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio
magra/gorda/careca.

(183) *A Sofia **está** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio
estéril/adulta/autista.

No caso dos adjetivos *forreta*, *pobre/rico*, *racista* ou *solteirona*, estes nos exemplos em que constam, apresentam o seu significado habitual, não havendo, de facto, uma extensão metafórica ou um comportamento distinto. Projetando estes uma escala tendencialmente fechada.

(184) a. Os consumidores portugueses **estão a ficar** *forretas*. (*par=ext1564543-eco-94b-1*, nº 468)

(185) b. Os consumidores **estão** completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio
forretas/ ricos/ pobres/ ??racistas.

Além destes, é possível encontrar, em grande número, nestas construções adjetivos que denotam, essencialmente, predisposições humanas (Dixon, 1982) e atitudes mentais e comportamentais (cf. Veloso & Raposo), como *feliz*, *impaciente*, *maluco*, e.o.¹⁰⁶, contudo, devido à enorme quantidade de adjetivos, apenas apresentamos alguns exemplos ilustrativos, nesta fase, mas, mais tarde (cf. (4.2.2.5.)) é apresentada uma tabela (Tabela 6), onde constam todas as propriedades de cada adjetivo. Assim, tomando como exemplo o adjetivo *farto*, numa aceção primária associa-se a ‘cansado’, contudo, pode ainda denotar o significado de ‘cheio’, relativamente, a por exemplo, ‘riqueza’ (cf. O Pedro é uma pessoa *farta*.). Todavia, no *corpus* apenas encontramos ocorrências relacionadas com a aceção comum de *farto* (cf. (186)). Além deste, os adjetivos *calmo* e

¹⁰⁶ *Calmo, convicto, farto, maluco, louco, forte, apreensivo, nervoso, perigoso, impaciente, dependente, cético, estúpido, exigente, confuso, obsoleto, aflito, inquieto, amigável, rígido, atento, cauteloso, paranoico, sorrateiro (com sentido de matreiro no exemplo), egoísta, inteligente, solidário, apático, otimista, difícil, esperto, sensaborão, seletivo, chato, violento, insuportável, desumano, irritável, triste, furioso, acessível, divertido, disponível, histérico, recetivo, caleidoscópica, subserviente, tênue, ignorante, atrativo, conservador, problemático, retrógrado, incaracterística/desinteressante, credível, coeso, trágico, competitivo, estranho, desesperante, extravagante, tonto, cansativo, anedótico, sensível, romântico, perplexo, flexível, romântico, incontrollável, interessante, agressivo, feliz, indulgente.*

Realçamos que, por mais que estes adjetivos tendam para uma aceção com o traço [+humano], muitos deles associam-se a contextos, nos quais o sujeito da frase é, na maioria dos casos, ‘situação’ ou ‘isto’.

sério, nos exemplos do *corpus* não se aproximam de um significado relacionado com os seres vivos, mas sim com situações. Realça-se o facto de que *calmo* ocorre também em construções com sujeito [+humano] (cf. (187)).

(186) Pedro Chaves **está a ficar farto** da Fórmula 1. (*par=ext658512-des-91b-1*, nº 220)

(187) Verdade seja dita, as pessoas **estão a ficar mais calmas** e, de certa forma, começam a acreditar que os acidentes não têm nada que ver com o pobre do morgado, de quem já nem os ossos restam. (*par=ext1141019-soc-96a-1*, nº 354)

(188) Na véspera, quando ía ser entrevistado pelo Público, as notícias que o primeiro administrador apostólico de Baucau estava a receber por telemóvel, eram mais animadoras: a situação **estava a ficar mais calma**, depois dos tumultos verificados na altura do Natal e da vaga de prisões que lhe sucedeu. (*par=ext684128-pol-97a-1*, nº 223)

(189) A situação humanitária no Huambo **está a ficar muito séria**». (*par=ext519565-pol-93a-2*, nº 175)

Os adjetivos qualificativos associados a predisposições humanas ou atitudes mentais e comportamentais dividem-se aquando da projecção da escala de graduabilidade, parecendo ser os adjetivos na sua maioria de escala aberta, à exceção, de *calmo*, *maluco*, *louco*, *nervoso*, *impaciente*, *dependente*, *confuso*, *consciente*, *atento*, *farto*, *solidário*, *apático*, *difícil*, *insuportável*, *triste*, *estranho*, *interessante*, *agressivo*, *feliz*, e.o, que projetam uma escala fechada, aceitando estruturas com os ‘proportional modifiers’. Importa ainda ressaltar a existência dos seguintes adjetivos, cujo não nos foi possível atribuir uma categorização devido ao seu significado e a serem adjetivos que não se enquadravam nas propostas de organização dos autores estudados: *abstrato*, *emocionante*, *insustentável*, *liberto*, *literário*, *notório*, *pronto* e *relativo*.

Na verdade, o verbo *ficar* em construções progressivas perde o seu efeito resultativo que o caracteriza, uma vez que o progressivo foca-se na parte intermédia de uma situação, perspectivando-a em desenvolvimento (Cunha, 1998, 2004/ 2007). Em construções com adjetivos qualificativos (e na maior parte dos casos), o que acontece é que determinada situação não atinge o seu limite máximo. Isto é, tomando como exemplo, o adjetivo *inquieto* em (190), mostra que com o progressivo, que ‘ficar inquieta’ está em decurso, uma vez que numa frase como (190i), em que *ficar* se apresenta no Pretérito Perfeito do Indicativo, ‘inquieta’ é o estado resultativo da mudança. Ou ainda no caso de

(191) que demonstra o mesmo efeito conseguido pela construção progressiva combinada com *ficar*, embora o auxiliar *estar a* se encontre no Pretérito Imperfeito do Indicativo. A diferença é que este tempo gramatical somente retrata o desenvolvimento da situação no passado.

(190) Entretanto, os trabalhos de implantação do aterro já se iniciaram, e a população **está a ficar inquieta**. (*par=ext1264457-soc-98a-2*, nº 384)

a. A população **ficou inquieta**.

(191) Este disco foi uma necessidade física e eu já **estava a ficar maluco** de ter de cantar sempre as mesmas canções. (*par=ext751752-clt-98a-1*, nº 242)

a. Eu **fiquei maluco**.

4.2.2.2. Os adjetivos relacionais

Os adjetivos relacionais relacionam-se com os nomes ou provêm deles e, normalmente, além de não participarem em construções predicativas, não aceitam graduação com advérbios de intensidade ou não ocorrem em estruturas comparativas. Contudo, na sua maioria o que encontramos nos exemplos apresenta o contrário, isto é, os adjetivos relacionais são antecidos de modificadores de grau, como ‘muito’ ou ‘mais’, ou de construções que representem a graduabilidade como ‘cada vez mais’.

(192) LONDRES **está a ficar** uma cidade americana. Não **está a ficar** toda *americana*, e restará sempre uma Londres europeia, outra asiática... (*J49049*, nº 77)

(193) Estamos na Quaresma, parece que o dr. Pinto Balsemão **está a ficar mais religioso** e menos depravado. (*par=ext1525204-clt-96a-1*, nº 458)

(194) Os lugares de férias **estão a ficar muito comerciais**. Mas seja o que for que Portugal faça... (*R2383*, nº 267)

(195) Ambiente que **está a ficar cada vez mais tropical**: depois das palmeiras na Avenida Fontes Pereira de Melo, Lisboa tem agora, até final de Julho, bananas e ananases em tamanho familiar. (*par=ext961792-soc-96a-1*, nº 301)

(196) Espanha -- Dois dos actores espanhóis preferidos de Almodovar **estão a ficar cada vez mais internacionais**. (*par=ext1256011-clt-93b-1*, nº 380)

(197) O Sr. Paulo Portas (CDS-PP): - **Está a ficar «cavaquista»!** Tem a mania que tem a verdade nas (mãos)... (*noCOD_1018026*, nº 111)

Assim, verifica-se que estes adjetivos, tipicamente classificados como relacionais, podem, de facto, comparecer em posição predicativa e serem passíveis de graduação, havendo, desta forma, possivelmente uma recategorização. Isto é, em construções como estas, os adjetivos relacionais passam a comportar-se como adjetivos qualificativos e, por esse motivo, apresentam propriedades típicas dos últimos. Adicionámos também a este tipo de adjetivos os adjetivos *permeável*, *cosmopolita*, *burocrático*, *cético* e *cavaquista* (cf. (197)).

A estes adjetivos, juntamos os adjetivos presentes no *corpus* que indicam partidos políticos como *comunista*, *populista* e *nazi*. Estes surgem sem qualquer advérbio ou construção intensificadora, como podemos ver nos exemplos que se seguem (cf. (198)-(200)).

(198) P. -- O emprego dessa linguagem não significa que os Sitiados **estão a ficar** *populistas*, como dizia Fernando Magalhães no Público, a propósito da vossa actuação no «Avante! " (em 6/9). (*par=ext1306614-clt-93b-2*, nº 392)

(199) O Governo **está a ficar** cada vez mais *comunista*! (*par=ext1233795-soc-93a-2*, nº 373)

(200) A dizer mal de Bush porque achou que a atmosfera **estava a ficar** *nazi*. Nunca fui activista , mas era preciso fazer qualquer... (*noCOD_1056318*, nº 319)

Uma vez mais, a construção progressiva com *ficar*, neste caso com adjetivos relacionais, comporta-se de forma semelhante aos adjetivos qualificativos, ou seja, a combinação do progressivo com *ficar* apresenta o desenvolvimento de uma situação que se caracteriza por ser resultativa. Deste modo, numa construção com um adjetivo como *comunista*, é apresentado um desenvolvimento que indica que o nível máximo de ‘ser comunista’ ainda não foi atingindo. Salienta-se que adjetivos como *comunista* diferenciam-se de adjetivos como *quente*, uma vez que este último apresenta, de facto, um limite máximo (‘tórrido’), ao contrário de *comunista* que não tem um nível máximo. Ainda assim, considera-se que adjetivos relacionais não apresentam uma escala, em que possa existir um limite máximo e um limite mínimo, porque estes, globalmente, não apresentam graduação e, desta forma, não se associam a escalas.

4.2.2.3. Os adjetivos avaliativos, modais (e intensionais¹⁰⁷) e adverbiais

Os adjetivos qualificativos que participam nas construções em estudo apresentam um grande número de ocorrências e, além disso, ocorrem distintos adjetivos que são capazes de se inserir nos subgrupos propostos pelos autores estudados. Todavia, no *corpus* é possível encontrar, além dos adjetivos qualificativos e relacionais, adjetivos avaliativos, modais e adverbiais. Estes possuem a capacidade de ocorrerem em posição predicativa e, tal como os qualificativos, podem aceitar graduação.

Deste modo, os adjetivos avaliativos, que se caracterizam por expressarem uma avaliação por parte do falante acerca da entidade denotada, presentes no *corpus* são em pouca quantidade: *bom*, *mau*, *melhor*, *pior* e *impecável*, em (201) a (205), respetivamente. *Melhor* e *pior* denotam os graus de comparativos de superioridade de *bom* e *mau*, respetivamente, sendo pouco aceitável realizar algo como ‘mais bom’ ou ‘mais mau’. Ressaltamos para o facto de que em todas as ocorrências encontradas destes adjetivos, nenhuma delas apresentava a anteposição do intensificador ‘muito’ relativamente ao adjetivo, capaz de ocorrer, sem problemas, com todos os adjetivos avaliativos aqui estudados. Configurando-os quanto à escala de graduabilidade, parece-nos que projetam uma escala aberta. Contudo, *impecável* não funciona em estruturas com o intensificador ‘muito’, mas, ainda assim, parece projetar uma escala fechada, graças à possível combinação com os “proportional modifiers”.

(201) «Isto não está nada o que estava, mas cada dia **está a ficar pior**. (par=ext515393-soc-96b-1, nº 174)

(202) Em contraste com os tétricos avisos dos últimos dias sobre fome maciça na Coreia do Norte, Namanga Ngongi disse que a situação no país **está a ficar** visivelmente *melhor*, como resultado dos carregamentos externos de alimentos. (par=ext1132937-pol-97b-1, nº 352)

(203) «Isto **estava a ficar**¹⁰⁸ *bom*. (par=ext1169530-soc-92b-2, nº 361)

(204) Duarte Jorge não teoriza, mas sabe que «isto **está a ficar mau**». (par=ext502789-soc-93b-1, nº 171)

¹⁰⁷ No *corpus* analisado não existe nenhum exemplo que contenha um adjetivo intensional.

¹⁰⁸ Indica, como vimos em (4.2.1.), uma situação passada que, devido à construção progressiva, apresentava uma mudança em curso.

(205) BP (Banco de Portugal): Os seus serviços **estão a ficar** *impecáveis*.
(par=ext599434-soc-93a-1, nº 203)

(206) a. *Isto está completamente/ totalmente/ parcialmente/ meio pior/ melhor/ bom/ mau.

b. Os serviços **estão** completamente/ totalmente/ parcialmente/ ??meio *impecáveis*.

Quanto aos adjetivos modais, estes focam-se em critérios relacionados com a modalidade, veiculando um juízo do falante, podendo ocorrer em posição predicativa. No entanto, no *corpus* somente existe uma ocorrência deste tipo de adjetivo: *impossível*. *Impossível*, que denota um adjetivo modal de negação, em (207), ao surgir numa construção progressiva com *ficar*, perde a capacidade de noção de limite, em relação a uma escala onde se encontra *possível* e *impossível*, marcando um grau alto na escala negativa. Além disso, neste exemplo, o adjetivo modal retrata uma situação que tem como finalidade a impossibilidade, todavia isso não é visível no exemplo, uma vez que estamos perante uma construção progressiva, que marca o desenvolvimento.

(207) A situação **está a ficar** rapidamente *impossível* de controlar. Até agora , o número de casos... (J8107, nº 59)

Por fim, a presença de adjetivos adverbiais no *corpus* revela-se em quantidade insuficiente para analisar as características que este tipo de adjetivo apresenta nas construções estudadas, tal como acontece com os adjetivos modais, avaliativos e relacionais. Desta forma, não é possível generalizar os casos, contudo, pode-se ainda verificar os exemplos em que estão presentes adjetivos adverbiais. Os adjetivos adverbiais que ocorrem no *corpus* são: *próximo* (cf. (208)), *distante* (cf. (209)) e *longínquo* (cf. (210)). Como é possível verificar, os adjetivos, nos exemplos, são anteceditos de modificadores ou construções intensificadoras, mostrando, o seu carácter gradual. Sublinhámos que a construção progressiva combinada com *ficar* apresenta uma situação, da qual não é possível retirar um estado resultativo, uma vez que se encontra em decurso. Assim, é possível afirmar que não se atingiu o nível máximo de proximidade entre duas entidades, no caso do adjetivo *próximo* ou, ainda, de distância entre duas entidades, no caso do adjetivo *distante*. É interessante considerar que os adjetivos *próximo* e *distante* são complementares.

- (208) Lá vai a qualidade de vida de Viana do Castelo para o nível da de Lisboa, porque a do Porto também já **está a ficar** muito *próxima* da de Lisboa a de Lisboa ainda consegue ser pior... (A0058, nº 117)
- (209) Quando muito, produz algumas afirmações triunfalistas que se tornam cada vez mais ridículas, tão *distantes* **estão a ficar** das realidades que as estatísticas e a prática diária mostram. (*par=ext796136-nd-93a-2*, nº 253)
- (210) O apuramento para o Mundial 98, em França, **está a ficar** cada vez mais *longínquo*: a selecção nacional de futebol voltou a... (R4873, nº 69)

Efetivamente, nos exemplos (208)-(210) observa-se uma estrutura, na qual está presente o verbo *ficar* em construção progressiva com um adjetivo antecedido de intensificadores que promovem a capacidade desses adjetivos apresentarem graduabilidade. Assim sendo, os adjetivos *próximo* e *longínquo* parecem ser adjetivos de escala aberta, já *distante* projeta uma escala fechada.

4.2.2.4. A ocorrência com *Ser* e *Estar*

Ser e *estar*, nestas construções como verbo copulativos, admitem diferentes adjetivos. Tipicamente, de acordo com questões teóricas estudadas, *ser* admite adjetivos qualificativos que denotem propriedades materiais ou físicas, cor, forma, atitudes mentais ou comportamentais e, ainda, que descrevam estados sociais; adjetivos indicadores de nacionalidade, lugar de nascimento, religião, partido político, classe social ou filiação a uma instituição/escola/tendência; e certos adjetivos relacionais (cf. *tropical*), adverbiais temporais (*frequente*), modais (*possível*) e intensionais (cf. *falso*). Pelo contrário, *estar* funciona em construções com adjetivos portadores de significado episódico como *triste*, *contente*, *furioso*, *grávida*, *nervoso*, *seco*, *maduro*, entre outros.

Retomando Veloso & Raposo (2013: 1433), os adjetivos têm uma leitura episódica quando “denotam propriedades transitórias, contingentes ou acidentais das entidades, ligadas a situações delimitadas no espaço e no tempo”. Estes são: adjetivos que caracterizam estados físicos, fisiológicos ou psicológicos e adjetivos físicos de objetos ou de pessoas. Por outro lado, os adjetivos que comportam leitura individual caracterizam-se por denotarem propriedades não suscetíveis de mudança, por oposição à leitura episódica, caracterizando uma entidade na sua individualidade própria. Os adjetivos que

podem denotar leitura individual são, segundo Veloso & Raposo (2013): adjetivos de cor, adjetivos de forma, adjetivos que denotam propriedades materiais de objetos e pessoas, adjetivos que denotam atitudes mentais ou comportamentais, adjetivos que denotam estados sociais e adjetivos de nacionalidade.

Na sua maioria, os adjetivos estudados ocorrem com ambos os verbos, denotando distintas interpretações. Assim, os adjetivos que se conjugarem com *ser*, apresentam propriedades de natureza estável ou permanente, uma vez que *ser* seleciona predicados de indivíduo (*individual-level predicates* (Carlson, 1977)) (leitura individual), ao contrário daqueles que se combinam com *estar*, pois este seleciona predicados episódicos (*stage-level predicates* (Carlson, 1977)) (leitura episódica).

Desta forma, considerando os adjetivos que constam nos exemplos do *corpus* analisados e as propostas sobre classificação anteriormente mencionadas, seguem-se três pequenas listas distintas, não tendo o intuito de apresentar uma lista exaustiva dos adjetivos que ocorrem com estes verbos. Na primeira lista observa-se os adjetivos que se combinam com *ser* e com *estar*, na segunda lista apresentámos aqueles que apenas se combinam com *ser* e, por fim, na terceira lista, expomos os que somente aceitam a ocorrência com *estar*.

(211) Adjetivos que se combinam com *ser* e com *estar*:

- adjetivos de idade (*velho, novo, caquético, entradote, maduro, jovem, senil, obsoleto*);
- adjetivos de dimensão (*alto, baixo, pequeno, grande, maior¹⁰⁹, comprido, curto*),
- adjetivos de temperatura (e clima) (*quente, frio, morno, turvo, denso*);
- adjetivos de som (*grave, aguda, silenciosa*);
- adjetivos de sabor (*salgado*);
- adjetivos de cor (*verde, negro, azul, verde, preto, cor-de-rosa, roxo, branco*);
adjetivos associados a luminosidade e visibilidade (*visível, claro, escuro, transparente*);
- adjetivos relacionados com espessura (*fino, espesso*) e com textura, tato e consistência (*mole, duro, rígido*);

¹⁰⁹ Em construções com *estar*, o adjetivo *maior* necessita de estar numa construção comparativa: Ele **está** *maior* do que tu.

- adjetivos de propriedades físicas associadas a seres vivos (*surdo, obeso, magro, gordo, feio, bonito, giro, lindo, careca, calvo, cego, doente, manco*);
- adjetivos de estados sociais, morais e religiosos (*sozinho, rico, pobre, famoso, forreta*)
- adjetivos associados a predisposições e atitudes e comportamentos humanos (ou a situações) (*calmo, farto, maluco, louco, forte, fraco, perigoso, impaciente, dependente, estúpido, exigente, confuso, tenso, inquieto, atento, cauteloso, paranoico, inteligente, solidário, otimista, difícil, sério, violento, insuportável, doido, indulgente, triste, feliz, acessível, divertido, disponível, histérico, recetivo, ténue, ignorante, atrativo, subserviente, incaracterístico/desinteressante, credível, estranho, desesperante, tonto, sensível, extravagante, agressivo, romântico, anedótico, perplexo, trágico*)
- entre outros: *seco, barato, caro, igual, semelhante, diferente, insustentável, emocionante, incontrolável*;
- adjetivos avaliativos (*impecável, mau, bom, melhor, pior*)
- adjetivos adverbiais (*próximo, distante, longínquo*)
- adjetivos modais (*impossível*).

Realçamos que embora estes adjetivos possam ocorrer em construções com *ser* e com *estar* apresentam distintas interpretações, uma vez que *ser* seleciona predicados de indivíduo, tipicamente caracterizados por serem estáveis, por oposição a *estar* que surge com predicados de estágio.

(212) Adjetivos que (somente) se combinam com *ser*:

- adjetivos relacionais (*permeável, burocrático, comercial, tropical, cosmopolita, internacional, religioso, cavaquista, cético*);
- adjetivos de partidos políticos (*populista, comunista, nazi*);
- adjetivos relacionados com a origem e nacionalidade (*americano*);
- adjetivos associados a estados sociais, mentais e religiosos (*adulto, descrente, estéril, racista, ateu, solteirona, machista, prisioneiro*);
- adjetivos que denotam propriedades físicas (*grisalho, autista*);
- adjetivos de velocidade (*rápido, ligeiro*);

- adjetivos associados a predisposições e atitudes e comportamentos humanos (*seletivo, desumano, irritável, corrupto, conservador, retrógrado, amigável, sorrateiro*¹¹⁰, *egoísta, sensaborão, conservador, lívido, caleidoscópica, cansativo*);
- entre outros: *estridente, coeso, literário, notório, abstrato, raro, resistente, relativo*.

(213) Adjetivos que (somente) se combinam com *estar*:

- *convicto, deserto, aflito, consciente, repleto, liberto, apático, pronto, podre, exausto, submerso, só, apreensivo, roto, furioso, cheio*¹¹¹, *vazio*.

Na verdade, esta tentativa de organização dos adjetivos, que constavam nos exemplos analisados do *corpus*, é baseada no juízo de gramaticalidade (e de alguns informantes). Acrescentamos que, como é possível verificar, os adjetivos por mais que compareçam de igual forma na construção progressiva com *ficar*, quando são avaliados quanto à compatibilidade com *ser e/estar* assumem as suas propriedades intrínsecas (relacionadas com predicados de indivíduo ou predicados episódicos).

4.2.3. A presença de Particípios Passados

Os particípios não são um grupo lexicalmente uniforme, uma vez que podem ocorrer de diversas formas: na formação de tempos compostos (cf. (214)); na formação de passiva (cf. (215)); na posição de predicativo (cf. (216)) e na posição de adjunto adnominal, como um adjetivo (cf. (217)) (Foltran & Crisóstimo, 2005).

(214) Ele **tem** *comprado* muitos livros.

(215) Os livros **foram** *comprados* nessa loja.

(216) Os alunos **estão** *preocupados* com o teste.

(217) Os alunos *preocupados* estudam mais.

Comportam-se como verbos, aquando da comparência com tempos compostos, ou como formas genericamente nominais, aquando da ocorrência em construções predicativas ou em posição de adjunto. Nas posições predicativa ou de adjunto, os

¹¹⁰ O adjetivo *sorrateiro* denota no contexto em que aparece o significado de ‘matreiro’.

¹¹¹ Realça-se que este adjetivo pode, em determinados contextos, funcionar com o verbo *ser*, devido à sua construção, como: Ele é *cheio* de manias.

particípios sujeitam-se à flexão própria dos nomes: flexão de número e género e tal como os adjetivos apresentam variação.

4.2.3.1. Particípios Verbais ou Particípios Adjetivais?

Efetivamente, os particípios estudados¹¹² neste trabalho apresentam-se em posição predicativa e, por isso, aproximam-se dos adjetivos, absorvendo algumas das características destes, como a possibilidade de comparecerem em estruturas com graduabilidade, além de apresentarem flexão de número e género, tal como podemos observar nos exemplos (218)-(220). Realça-se que por mais que o particípio absorva as características do adjetivo, passando a comportar-se como um particípio adjetival ou adjetivo participial, a sua base é verbal.

(218) À medida que os ingleses se concentram cada vez mais na princesa Diana e nas suas exigências para o acordo do divórcio, um crescente número de observadores da monarquia **está a ficar preocupado** com a força psicológica do príncipe Carlos.
(par=ext1318744-soc-96a-2, nº 396)

(219) **Estamos a ficar** um pouco *preocupados* com a incidência crescente de cancro nestas espécies e com as perturbações imunitárias em mamíferos marinhos.
(par=ext65490-clt-soc-93a-1, nº 22)

(220) P. -- E toda a gente **estava a ficar preocupada** por a rodagem começar, continuar e não haver ainda um final? (par=ext692844-clt-92b-2, nº 225)

Antes de perceber se o comportamento dos particípios nestas construções se aproximam ainda mais das propriedades caracterizadoras dos adjetivos, destaca-se que muitos dos verbos de que derivam os particípios passados têm conjugação pronominal ou reflexa, tais como os verbos: *apaixonar-se* (*apaixonado*), *aborrecer-se* (*aborrecido*), *admirar-se* (*admirado*), entre outros. Deste modo, além dessa consideração que se revelou ao longo do estudo como essencial para a descrição dos exemplos, tivemos em conta diferentes testes propostos por Foltran & Cristóstimo (2005):

1. substituição do particípio passado por um verdadeiro adjetivo;

¹¹² Antes de qualquer análise, procedemos à procura dos verbos a que os particípios pertenciam, em Dicionários (*Houaiss da Língua Portuguesa*, Porto Editora e ainda dicionários online como Priberam e Infopédia) com o intuito de verificar se todos eles derivavam imediatamente do verbo. À exceção do particípio *inadaptado*, todos os verbos apareciam nos dicionários. *Inadaptado* deriva do verbo *adaptar*.

2. capacidade de o particípio ocorrer como adjunto do nome em posição pré e pós-nominal;

3. possibilidade de graduação, através de estruturas comparativas e superlativas (relativas e sintéticas) e introdução de modificadores de grau (como *muito*);

4. possível coordenação entre um adjetivo e um particípio.

Além disso, consideramos ainda outros dois testes de Duarte (2003):

5. a possibilidade do particípio, em construções predicativas, poder surgir com prefixo *-in* e resultar numa frase gramatical;

6. o particípio admitir sufixos diminutivos, tal como os adjetivos, em construções estativas e resultativas.

Deste modo, realça-se o facto de nos exemplos do *corpus*, na grande maioria, os particípios estarem associados a um sujeito com o traço [+humano] ou a um sujeito bastante específico, dado serem extraídos de *corpora* fundamentalmente jornalístico.

A substituição do particípio por um verdadeiro adjetivo (teste número 1) levantou algumas dúvidas, pois, tendencialmente, tentamos ocupar o lugar do particípio por um adjetivo que o represente bem, como o caso de *exausto* e *cansado*. Contudo, não havendo nenhuma especificidade na escolha do verdadeiro adjetivo pode, de facto, ser qualquer um, alterando a frase. E além disso, como vimos quanto aos adjetivos, os particípios podem denotar diferentes aceções, dependendo do contexto ou do sujeito da frase. Assim, em (221) observámos um exemplo, no qual consta o particípio *cansado*, que apresenta o seu significado base (que revela cansaço físico), sendo, por isso, capaz de existir uma substituição clara através do uso do adjetivo *exausto*. No entanto, em (222), *cansado* pode assumir o significado figurado de ‘que se aborreceu’, não podendo ser substituído por *exausto*, mas sim por *farto*. No caso do exemplo (223) o significado de *adormecidas* não indica que ‘as pessoas adormeceram’ na aceção de dormir, mas sim que ‘estão *serenas*’.

(221) Menos indiferente, o agricultor marroquino parece invejar a capacidade de carga do jipe -- tanto desperdício para andar em correrias, logo quando o animal **está a ficar cansado** e as cestas a precisar de ser substituídas. (*par=ext1042698-des-94a-1*, nº 327)

a. O animal **está a ficar exausto**.

(222) A escolha do local do desfile, segundo Marta Fontarra, do Departamento de Marketing e Publicidade da Morgan, foi determinada pelo facto de «o público **está a ficar cansado** do habitual desfile e agora há que tentar criar um show de moda», sendo essencial encontrar espaços eventualmente menos clássicos. (*par=ext983475-soc-98b-1*, nº 308)

a. O público **está a ficar farto** do habitual desfile.

(223) «As pessoas **estão a ficar adormecidas** e está na hora de fazer a redefinição da academia nesta matéria», adiantou um elemento da associação, lembrando que, na UTAD nunca se chegou a fazer um referendo sobre as propinas. (*par=ext1547061-soc-93b-1*, nº 465)

a. As pessoas **estão a ficar serenas**.

Assim sendo, participípios como *cansado*, *preocupado*, *saturado*, *parecido*, *deprimido*, *lambuzado*, *baralhado*¹¹³, e.o, podem ser substituídos sem nenhum problema por verdadeiros adjetivos que denotem o mesmo significado, que, muitas vezes, depende do contexto e do tipo de sujeito. No entanto, participípios como *vampirizado*, *americanizado*, *cristalizado*, *ensanduichado*, *rarefeito*, *marginalizado*, *militarizado*, *fidelizado*, *fossilizado*, e.o, além de se apresentarem como participípios derivados, na maioria, de nomes, não apresentam adjetivos que “façam jus” ao significado pretendido.

Ao aplicarmos o segundo teste, observámos que, ao estarmos na presença de construções meramente predicativas que, tipicamente, surgem com adjetivos, nomes ou participípios, na maioria dos casos, as construções em que o participípio se apresenta na posição pré-nominal são agramaticais. Todavia, alguns dos participípios presentes no *corpus* podem, de facto, ocorrer em posição pós-nominal (cf. (224)-(226)), já outros não aceitam nenhuma posição (cf. (226)). Esta possibilidade é uma das características dos adjetivos qualificativos, no entanto, a interpretação de ambas as construções é distinta (cf. homem *velho* vs *velho* homem).

(224) a. Refira-se, a propósito, que são cada vez maiores as manchas de sobreiros secos e os solos xistosos **estão a ficar ressequidos** pela falta de humidade. (*par=ext251132-soc-95a-1*, nº 77)

b. Os solos *ressequidos* são em grande número nesta localidade.

c. *Os *ressequidos* solos são em grande número nesta localidade.

¹¹³ Estes participípios podem denotar o mesmo significado do que os adjetivos seguintes: *exausto*, *apreensivo*, *farto*, *semelhante*, *infeliz*, *sujo*, *confuso*, respetivamente.

(225) a. «Os prédios **estão a ficar** todos *ocupados*, mesmo nos andares mais altos, em muitos casos por pessoas que viviam em bairros de barracas e que receberam indemnizações da JAE e da Lusoponte para sair da frente das obras», acusa o presidente de Sacavém. (*par=ext310643-soc-96a-2*, nº 102)

b. Os prédios *ocupados* são os mais barulhentos.

c. *Os *ocupados* prédios são os mais barulhentos.

(226) a. Nota-se que já **estão a ficar mais sensibilizados** para a preservação das rapinas», afirmou Eduardo Cabral. (*par=ext491660-soc-94a-1*, nº 169)

b. *Os sensibilizados caçadores/ *caçadores sensibilizados aceitaram o acordo de preservação das rapinas.

Outra característica relevante dos adjetivos é a sua capacidade de apresentar graduação, seja através da anteposição ou posposição de intensificadores (maximizadores (*muito, mais*) ou atenuadores (*pouco, menos*)) ou a sua ocorrência em orações consecutivas ou em estruturas comparativas. Além destas, pode, ainda, o adjetivo surgir no grau superlativo sintético, evidenciando, ainda mais, a capacidade de que o adjetivo pode apresentar graduabilidade. Contudo, essas características também são partilhadas pelos participípios passados quando estes funcionam como adjetivos participiais. Como foi possível uma vez mais, tal como acontecia nos adjetivos, no *corpus* as estruturas que contam com atenuadores são em pouca quantidade (cf. (230)), ocorrendo num número elevado intensificadores maximizadores ou construções que marcam essa intensificação como ‘cada vez mais’ (cf. (227)-(229)).

(227) «O país **está a ficar muito razoavelmente coberto** por quartéis de bombeiros modernos e confortáveis», declarou, ontem, Valente de Oliveira, ministro do Planeamento e Administração do Território, durante a inauguração do novo quartel dos Bombeiros Voluntários de Algés (BVA), que contou com ainda com a presença de Isaltino de Morais, presidente da Câmara Municipal de Oeiras. (*par=ext65808-soc-92b-1*, nº 24)

(228) Além de mais velha, a população brasileira **está a ficar mais instruída**, apesar de os indicadores variarem em cada região. (*par=ext114054-soc-97b-2*, nº 32)

(229) O público **está a ficar cada vez mais fidelizado**. (*par=ext122776-clt-92a-2*, nº 36)

Outro aspeto que leva a caracterizar os participípios verbais em adjetivos de participípios é o facto de estes poderem ocorrer em construções de coordenação com

verdadeiros adjetivos. Porém, tal como o primeiro teste que considerámos, esta coordenação de adjetivo mais particípio depende do tipo de sujeito, mas, para além disso, a adição do adjetivo conta com que a frase permaneça com o mesmo objetivo e significado que continha anteriormente. De facto, como nos foi possível encontrar exemplos que pudessem comprovar que este teste parece funcionar, não nos pareceu pertinente apresentar nesta fase a manipulação que fizemos para verificar o tipo de particípio (verbal ou adjetival).

(230) Estamos na Quaresma, parece que o dr. Pinto Balsemão **está a ficar** mais religioso e menos depravado. (par=ext1525204-clt-96a-1, nº 458)

(231) «Não durmo há dois dias, mas agora **estou a ficar** mais sossegado e completamente contente». (par=ext255519-soc-96a-2, nº 79)

(232) Por essa ordem de ideias, **estaria a ficar depravado**, prevertido, *ateu* e, principalmente, na oposição, declaradamente contra o Governo. (par=ext1466035-pol-92a-1, nº 449)

(233) João Paulo Guerra, ibidem “O nosso futebol **está a ficar** cada vez mais vampirizado e absurdo” Francisco José Viegas. (J36499, nº 137)

Duarte (2003) apresenta testes para a identificação de particípios adjetivais, mas somente estudamos dois: a possibilidade do particípio, em construções predicativas, poder surgir com prefixo *-in* e resultar numa frase gramatical e a possibilidade de o particípio admitir sufixos diminutivos, tal como os adjetivos, em construções estativas e resultativas. Quanto ao primeiro teste, apenas encontramos dois particípios no *corpus* que apresenta a prefixação negativa *-in* (*inadaptado*; *insatisfeito*) (cf. (234)). Além disso, foi possível avaliar a possibilidade de este funcionar com os demais particípios, tendo se verificado que nenhum particípio aceita o prefixo *-in*.¹¹⁴

(234) Manuel Gamito defendeu mesmo que existem verdadeiros «riscos de asfixia do país pelos grandes centros urbanos», que **estão a ficar** *inadaptados* à pressão metropolitana, apontando problemas estruturais que urge resolver. (par=ext855843-eco-91b-1, nº 271)

De salientar que os particípios presentes nos exemplos analisados apresentam um prefixo de negação, que não é o prefixo *-in*, mas sim o prefixo *-des*: *desencorajado*

¹¹⁴ Os particípios *abalado* e *concluído* aceitam o prefixo *-in*, mas a forma como se apresentam é distinta: *inabalável* e *inconcluso*, respetivamente.

(encorajado), *desempregado* (empregado), *despovoado* (povoado), *descentrado* (centrado), *desacreditado* (acreditado), *desorientado* (orientado), *descontrolado* (controlado), *desatualizado* (atualizado), *desabituaado* (habituaado), *descaracterizado* (caracterizado), *desadequado* (adequado), *desprestigiado* (prestigiado).

De forma a concluir a avaliação dos participípios quanto aos testes propostos, realizámos a análise da possibilidade de agregação do sufixo diminutivo *-inho* aos participípios, verificando que alguns deles aceitam este tipo de sufixação: *cansado* (cansadinho), *saturado* (saturadinho), *sossegado* (sossegadinho), *parecido* (parecidinho), *chateado* (chateadinho), *preocupado* (preocupadinho), *habituaado* (habituaadinho), *ocupado* (ocupadinho), *aconchegado* (aconchegadinho), *aborrecido* (aborrecidinho), *apertado* (apertadinho), *ajustado* (ajustadinho), *animado* (animadinho), *atrevido* (atrevidinho), *agarrado* (agarradinho), *admirado* (admiradinho).

Deste modo, ressaltamos que o objetivo era estudar a predominância dos participípios em construções progressivas com *ficar* comparativamente aos adjetivos. Contudo, estando os participípios numa posição predicativa, a apresentar graduação e pelos verbos dos quais derivam serem reflexos, poderemos considerar que se trata de participípios que absorveram as características dos adjetivos, denominados como participípios adjetivais.

4.3. Discussão dos Dados

Neste subcapítulo discutiremos a análise dos dados realizados em (4.2.) com o objetivo de caracterizar *ficar* em construções progressivas com adjetivos e participípios.

Num primeiro momento, em (4.3.1.), apresentaremos algumas considerações relacionadas com a combinação de tempos gramaticais com o progressivo, seguindo-se das observações tidas acerca do comportamento dos adjetivos, tendo em consideração que a classificação dos adjetivos é bastante complexa (e exaustiva), questões relacionadas com a escalaridade e a sua combinação com *ser* e/ou *estar* (cf. (4.3.2.)).

Posteriormente, são apresentadas algumas reflexões que tiramos sobre a combinação do participípio nestas construções e, sobretudo, acerca da sua aproximação dos adjetivos (cf. (4.3.3.)).

4.3.1. Sobre os Tempos Gramaticais

As construções progressivas ocorrem com quase todos os tempos gramaticais, contudo apenas analisámos a sua ocorrência com o Presente do Indicativo, os Pretéritos Perfeito e Imperfeito do Indicativo, o Futuro do Indicativo e o Condicional com o verbo *ficar*.

Deste modo, observámos que a combinação do progressivo com o Presente, que na totalidade do *corpus* apresenta uma maior ocorrência relativamente aos outros tempos gramaticais estudados, fornece uma leitura de presente real, uma vez que estamos perante uma construção que se caracteriza por apresentar o desenvolvimento de uma situação, não limitada temporalmente. Assim, o Presente do Progressivo em construções com *ficar* ao selecionar adjetivos ou participípios, indica, por um lado, que a situação ocorre no momento de enunciação e, por outro lado, essa apresenta uma mudança, mas que está em curso, não existindo, desta forma, um estado resultativo típico de construções com *ficar*. O mesmo pode ser referido acerca do Imperfeito do Progressivo combinado com *ficar*, isto é, ambos os tempos gramaticais refletem o mesmo efeito nas situações: descrevem uma situação incompleta, por estar em progressão, retirando a *ficar* o efeito resultativo. Contudo, ainda assim é perspectivada uma mudança, ou seja, *ficar* contém ainda uma das suas características base, mas que está em curso e, por esse motivo, não existe um estado consequente. A única dissemelhança existente entre o Presente do Progressivo e o Imperfeito do Progressivo é, como é natural, a apresentação da situação temporalmente:

o Imperfeito do Progressivo apresenta a situação em desenvolvimento no passado, ao contrário do Presente.

Por oposição ao Presente e Pretérito Imperfeito do Indicativo, o Pretérito Perfeito, em ambos os *corpora*, combinado com o progressivo em construções com *ficar*, não apresenta ocorrências. Isso deve-se ao facto de *ficar* se comportar como um indicador de mudança, na qual há a indicação do fim de um evento e início de um estado resultativo ou consequente, apresentando, desta forma, a situação como completa. No entanto, devido a estar presente numa construção que evidencia a progressão, parece perder o efeito de completude. Assim, ao perder esse efeito e mostrar a mudança em curso, o Perfeito não funciona nestas construções, devido a tal como *ficar*, apresentar uma determinada situação que, além de passada, está terminada (***Esteve a ficar cansado**). De destacar que o Imperfeito que por mais que indique uma situação passada, esta pode ainda se dar no momento de enunciação e no futuro (**Estava a ficar cansado** e ainda está).

Quanto ao Futuro do Indicativo e ao Condicional, estes combinados com o progressivo em construções com o verbo *ficar*, desencadeiam leituras mais próximas de um valor modal de incerteza do que leituras associadas a futuridade. Contudo, não podemos generalizar esta consideração, uma vez que estes dois tempos gramaticais são os que menos ocorrências têm nos *corpora* e, consequentemente, no *corpus* estudado.

Na verdade, além de uma análise semântica da combinação dos tempos gramaticais selecionados com o verbo *ficar* em construções progressivas, realizámos, igualmente, uma análise quantitativa, com o objetivo de perceber qual tempo gramatical mais era utilizado, bem como a seleção destes quanto aos adjetivos e participípios. Deste modo, apresentámos duas tabelas (Tabela 4 e Tabela 5), na quais são apresentadas todas as pessoas gramaticais de cada tempo gramatical estudado e a quantidade de ocorrências de adjetivos e participípios.

Nº de Ocorrências de Tempos Gramaticais			
	CRPC	CCP	Total
Presente do Indicativo	272	377	649
Pretérito Imperfeito do Indicativo	62	75	137
Pretérito Perfeito do Indicativo	0	0	0
Futuro do Indicativo	3	5	8
Condicional	3	3	6
Total	340	460	800

Tabela 4 - Nº de Ocorrências de Tempos Gramaticais

Como é observável na tabela, em todos os tempos gramaticais, o *corpus* CRPC apresenta menos ocorrências do que o CETEMPúblico, à exceção do Condicional. Isso acontece essencialmente pela seleção inicial dos exemplos, pois o CRPC apresentava um menor número de exemplos no seu *corpus*, ao contrário do CETEMPúblico. Por esse motivo, o *corpus* CETEMPúblico apresenta 57.5% (460 exemplos) de ocorrências, ao contrário do *corpus* CRPC, que faz diferença do primeiro 120 exemplos, que apresenta 42,5% (340 exemplos) de dados analisados. Além disso, importa também considerar que, como vimos anteriormente em (4.2.1.), o tempo gramatical que mais ocorre nas construções progressivas com *ficar* é o Presente do Indicativo, com aproximadamente 81, 13%, ou seja, como vemos, 649 ocorrências. Seguindo-se o Imperfeito com 137 exemplos (17,13%), sendo o Futuro e o Condicional, os tempos que menos ocorrências apresentam no *corpus*: 1% e 0,75% de exemplos, respetivamente.

Desta forma, sabendo que o Presente do Progressivo é o que mais participa com *ficar* em construções progressivas, que como analisámos em (4.2.1.), a sua ocorrência significativa parece estar associada ao facto de o *corpus* ser construído por, principalmente, textos de índole jornalística, observemos agora qual classe semântica (adjetivo ou particípio) é a que mais ocorre nestas construções (Tabela 5).

Nº Ocorrências de Adjetivos e Particípios							
	CRPC		Total	CCP		Total	
	ADJ	PCP		ADJ	PCP		
Presente do Indicativo	156	116	272	236	141	377	649
Preterito Imperfeito do Indicativo	36	26	62	42	33	75	137
Futuro do Indicativo	2	1	3	2	3	5	8
Condicional	2	1	3	1	2	3	6
Total	196	144	340	281	179	460	800

Tabela 5 - Nº de Ocorrências com Adjetivos e Particípios

Em relação aos particípios, os adjetivos são a classe semântico-sintática que mais é selecionada pelo verbo *ficar*, que não esquecendo se comporta como indicador de mudança nestes contextos. Assim, tendo em consideração os valores que acima se apresenta, de seguida, discutiremos alguns pontos acerca de cada classe, observando

parâmetros distintos, dado que ambas se distanciam, apesar da aproximação, como mencionado em (4.2.3.) e como iremos verificar em (4.3.3.), por parte dos participípios.

4.3.2. Sobre os Adjetivos

Todos os adjetivos presentes no estudo, devido à construção em que se encontram, ocorrem em posição predicativa, não tendo sido, por isso, estudada a posição atributiva.

Depois da análise dos adjetivos nas construções seleccionadas, observámos que muitos deles apresentavam distintas aceções, podendo um mesmo adjetivo ser aplicado em diferentes situações, como o adjetivo *negro*, e.o. Ainda assim, a análise dos dados demonstra que uma organização dos adjetivos não é fácil e que apenas é possível fazê-la num nível superficial, uma vez que existem distintos contextos possíveis para que um adjetivo possa ocorrer.

Desta forma, quanto aos adjetivos qualificativos, apesar da clara divisão realizada por Veloso & Raposo (2013), esta não engloba todos os adjetivos qualificativos existentes e, além disso, a divisão entre propriedades de natureza material e propriedades associadas a seres vivos somente funciona com determinados adjetivos em determinados contextos, pois adjetivos de idade, cor, temperatura e dimensão, e.o, podem, de facto, ser associados a ambos. Além disso, como vimos na análise, os adjetivos podem comportar significados que não respeitem o conjunto a que pertencem, como por exemplo *claro* que, nos exemplos do *corpus*, apresenta um significado próximo de *evidente*. Também, no *corpus*, observámos adjetivos como *vazio/cheio*, *deserto*, *barato/caro*, *igual/ semelhante/ diferente*, e.o, que não participam na categorização de adjetivos por parte de Veloso & Raposo (2013).

Por esse motivo, embora as tipologias de Dixon (1982) e Demonte (1999) pareçam incompletas, devido à vasta diversidade de adjetivos presentes não só no *corpus*, mas também na língua portuguesa, acabam por se tornar bem mais claras e simples, visto que estas organizações não propõem a distinção entre adjetivos qualificativos que denotam propriedades de natureza material e adjetivos qualificativos de propriedades associadas a seres vivos. No entanto, mesmo assim não conseguem abarcar determinados adjetivos qualificativos. Assim, desta forma, para uma análise relativa aos tipos de sujeito que encontramos nos exemplos que, consequentemente, alteram a interpretação da frase,

consideramos o traço [$\pm$ humano]. É de salientar que, por se tratar de *corpora* formado por textos, fundamentalmente, jornalísticos, as palavras ‘situação’ e ‘isto’ surgem frequentemente na posição de sujeito e, por isso, alteram a classificação base de determinado adjetivo, como *calmo*, que além de apresentar exemplos relacionados com sujeito [$+$ humano], apresenta ainda, como muitos outros adjetivos, construções que se afastam desse traço:

- (235) Na véspera, quando ía ser entrevistado pelo Público, as notícias que o primeiro administrador apostólico de Baucau estava a receber por telemóvel, eram mais animadoras: a situação **estava a ficar** mais *calma*, depois dos tumultos verificados na altura do Natal e da vaga de prisões que lhe sucedeu. (*par=ext684128-pol-97a-1*, nº 223)

Efetivamente, os tempos gramaticais não alteram na interpretação e significado dos adjetivos, refletindo apenas sobre a construção progressiva com *ficar*. Isto é, apenas existe indicação se o desenvolvimento de uma situação está a ocorrer no momento de enunciação (Presente do Indicativo) ou se ocorreu no passado (Pretérito Imperfeito do Indicativo). Além disso, ao combinar o Futuro do Indicativo com as construções progressivas com *ficar*, não projeta apenas, como era de prever, uma situação que se desenvolverá num futuro, mas desencadeia um valor modal epistémico de incerteza. O mesmo acontece com construções com o Condicional, embora os exemplos com este tempo gramatical sejam poucos.

Quanto à possibilidade de graduação, os adjetivos analisados apresentam graduabilidade, uma vez que são selecionados por um verbo tipicamente resultativo inserido numa construção progressiva. Os adjetivos presentes no *corpus* a que a graduabilidade poderia ser incompatível são os adjetivos relacionais, os adjetivos associados a origem e nacionalidade e os adjetivos que retratam poderes políticos. No entanto, a capacidade de graduação não lhes está vedada, mas, ainda assim, apesar da possível ocorrência junto a intensificadores (maximizadores ou atenuadores) ou com modificadores de intensidade, não projetam uma escala. Os modificadores de proporção (ou “proportional modifiers” (cf. Hay (1998), Hay, Kennedy & Levin (1999), Kennedy & McNally (2005)) como *completamente*, *totalmente*, *parcialmente* e *meio*, apesar de intrinsecamente apresentarem, de facto, a completude ou a falta dela, ou os intensificadores (maximizadores ou atenuadores, como *muito*, *pouco*, *mais*, *menos*) não

altera na interpretação do verbo *ficar* em construções progressivas, isto é, estes modificadores apenas intensificam o progresso da situação.

Importa ainda referir que os adjetivos estudados podem ocorrer em estruturas com os verbos copulativos *ser* e/ou *estar*, todavia se um adjetivo aceitar *ser* e *estar*, a interpretação das frases em que esse está inserido é distinta, devido a *ser* estar ligado a uma leitura individual e *estar* associado a uma leitura episódica. Além disso, também é importante referir que como estamos perante predicções tendencialmente estativas, mas que se aproximam do comportamento dos eventos, os estados que são tipicamente não faseáveis tornam-se faseáveis pois, *ficar* apenas indica uma mudança e não uma permanência da situação (cf. *Ele **está a ser** alto vs Ele **está a ficar** alto).

Desta forma, o verbo *ficar* em construções progressivas com adjetivos (e com participípios) perde o seu efeito resultativo, ou seja, este verbo caracteriza-se por apresentar uma mudança que, consequentemente, apresenta um estado resultativo. Contudo, o progressivo retrata uma situação em decurso e, por isso, associa-se à sua incompletude, tal como vimos anteriormente. Assim, por esse motivo, ao agregar *ficar* ao progressivo, apesar de ambas comportarem características durativas, apresentam uma situação, na qual existe uma mudança em progressão, nunca atingindo o nível máximo, retirando a ‘completude’ característica de *ficar*. Com um adjetivo como *exausto* em ‘A Maria **está a ficar** exausta’, o nível máximo de exaustão, neste contexto, não é atingido, ao contrário de uma estrutura como ‘A Maria **ficou** exausta’¹¹⁵.

Com efeito, sublinhámos que este estudo contou com o nosso juízo de gramaticalidade quanto à aceção dos distintos significados que um adjetivo pode conter, quanto à conjugação de “proportional modifiers” aquando da análise escalar dos adjetivos e, ainda, quanto à aceitação por parte dos verbos copulativos *ser* e *estar* dos diferentes adjetivos. Por isso, não é possível generalizar os casos.

Na totalidade do *corpus*, em comparação com os participípios, os adjetivos apresentam um maior número de ocorrências, sendo os qualificativos os predominantes. Deste modo, de forma a apresentar todos os adjetivos, a sua quantidade de ocorrência e a sua análise semântica (tipo de adjetivo, questões acerca da graduabilidade e escalaridade

¹¹⁵ Ainda é possível afirmar algo como: A Maria **ficou** exausta e ainda está.

e combinação com *ser* e *estar*), segue-se uma tabela (Tabela 6¹¹⁶) que engloba todos esses parâmetros de análise.

Nº de Ocorrências de Adjetivos Presentes no <i>Corpus</i> e Possível Classificação Semântica								
Nº de Ocorrências de Adjetivos Presentes no <i>Corpus</i>				Classificação Semântica				
Adjetivo	CRPC	CCP	Total	Tipo de ADJ	Graduação		Ser/Estar	
					S/N	Escala	Ser	Estar
velho	16	37	53	Q	sim	fechada	sim	sim
calmo	0	3	3	Q	sim	fechada	sim	sim
convicto	0	1	1	-	não	-	não	sim
farto	5	13	18	Q	sim	fechada	sim	sim
maluco	2	7	9	Q	sim	fechada	sim	sim
novo	2	4	6	Q	sim	fechada*	sim	sim
louco	1	4	5	Q	sim	fechada	sim	sim
caquético	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
maduro	0	3	3	Q	sim	fechada	sim	sim
surdo	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
melhor	3	4	7	AV	**	aberta	sim	sim
maior	2	3	5	Q	sim	fechada*	sim	sim
forte	1	1	2	Q	sim	aberta	sim	sim
apreensivo	1	1	2	Q	sim	fechada	não	sim
nervoso	3	5	8	Q	sim	fechada	sim	sim
fraco	4	3	7	Q	sim	fechada*	sim	sim
perigoso	1	3	4	Q	sim	aberta	sim	sim
adulto	0	1	1	Q	não	-	sim	não
sozinho	1	1	2	Q	sim	fechada	sim***	sim
pequeno	3	4	7	Q	sim	fechada	sim	sim
impaciente	4	8	12	Q	sim	fechada	sim	sim
dependente	1	1	2	Q	sim	fechada	sim	sim***
deserto	3	8	11	Q	sim	fechada	não	sim
cético	0	2	2	Q	não	-	sim	não
estúpido	1	1	2	Q	sim	fechada	sim	sim
obeso	0	2	2	Q	sim	fechada*	sim	sim
verde	1	2	3	Q	sim	fechada*	sim	sim
claro	6	2	8	Q	sim	fechada	sim	sim
comprido	1	4	5	Q	sim	fechada*	sim	sim
impecável	0	1	1	AV	**	-	sim	sim
negro	1	3	4	Q	sim	fechada	sim	sim
exigente	0	1	1	Q	sim	fechada*	sim	sim
alto	0	2	2	Q	sim	aberta	sim	sim***
magro	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
distante	0	1	1	AD	sim	fechada	sim	sim
confuso	1	2	3	Q	sim	fechada	sim	sim
cheio	2	3	5	Q	sim	fechada	não***	sim
permeável	0	1	1	R	**	-	sim	não
obsoleto	0	2	2	Q	sim	fechada	sim	sim
aflito	0	2	2	Q	sim	fechada	não	sim
consciente	2	1	3	Q	sim	fechada	não	sim
semelhante	0	1	1	Q	sim	fechada*	sim	sim
frio	2	1	3	Q	sim	fechada	sim	sim
internacional	0	1	1	R	**	-	sim	não
tenso	0	2	2	Q	sim	fechada	sim	sim
populista	0	2	2	P	não	-	sim	não
inquieto	0	2	2	Q	sim	fechada	sim	sim
amigável	0	1	1	Q	sim	fechada*	sim	não
seco	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim

¹¹⁶ Na Tabela 4, não fazemos qualquer distinção entre as possíveis classes de adjetivo qualificativo (cor, idade, forma, atitudes humanas, e.o.), devido à, como sabemos, difícil organização.

rico	3	1	4	Q	sim	fechada	sim	sim
igual	2	2	4	Q	sim	fechada	sim	sim
gordo	4	6	10	Q	sim	fechada	sim	sim
vazio	1	2	3	Q	sim	fechada	não	sim
feio	2	4	6	Q	sim	fechada	sim	sim
fino	0	3	3	Q	sim	fechada	sim	sim
rápido	0	1	1	Q	sim	aberta	sim	não
estreito	1	2	3	Q	sim	fechada	sim	sim
liberal	0	1	1	R	**	-	sim	não
rígido	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim***
atento	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
famoso	0	1	1	Q	sim	aberta	sim	sim***
visível	1	1	2	Q	sim	fechada	sim	sim
pobre	3	2	5	Q	sim	fechada	sim	sim
repleto	0	1	1	Q	sim	fechada*	não	sim
forreta	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
liberto	0	1	1	Q/R	não	-	não	sim
cauteloso	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
azul	0	2	2	Q	sim	fechada	sim	sim
preto	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
mole	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
racista	0	2	2	Q	sim	aberta	sim	não
careca	2	4	6	Q	sim	fechada	sim	sim
senil	1	1	2	Q	sim	fechada	sim	sim
paranoico	3	0	3	Q	sim	fechada	sim	sim
sorrateiro	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	não
egoísta	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	não
jovem	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
ateu	0	1	1	Q	não	-	sim	não
inteligente	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
descrente	1	0	1	Q	não	-	sim	não
literário	1	0	1	R	**	-	sim	sim
solitário	1	0	1	Q	sim		sim	sim
pronto	1	0	1	Q	não	-	não	sim
apático	1	0	1	Q	sim	fechada	não	sim
otimista	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
roxo	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
difícil	1	2	3	Q	sim	fechada	sim	sim
espesso	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
notório	0	1	1	Q	sim	fechada*	sim	não
turvo	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
esperto	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
estéril	0	1	1	Q	sim	aberta	sim	não
insustentável	4	2	6	R	não	-	sim	sim
giro	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
barato	0	1	1	Q	sim	aberta	sim	sim
sensaborão	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	não
seletivo	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	não
mau	0	2	2	AV	sim	aberta	sim	sim
chato	1	1	2	Q	sim	fechada*	sim	sim
quente	3	3	6	Q	sim	fechada	sim	sim
roto	0	1	1	Q	sim	fechada	não	sim
bom	0	2	2	AV	sim	aberta	sim	sim
abstrato	0	1	1	Q	não	-	sim	não
pior	5	4	9	AV	sim	aberta	sim	sim
sério	0	4	4	Q	sim	fechada	sim	sim
violento	1	1	2	Q	sim	fechada	sim	sim
cego	1	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
branco	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
transparente	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
lindo	0	1	1	Q	sim	aberta	sim	sim

denso	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
insuportável	1	3	4	Q	sim	fechada	sim	sim
curto	0	1	1	Q	sim	fechada*	sim	sim
impossível	1	1	2	M	**	fechada*	sim	sim
ligeiro	1	1	2	Q	sim	aberta	sim	não
doido	1	2	3	Q	sim	fechada	sim	sim
podre	0	2	2	Q	sim	fechada	não	sim
tropical	0	1	1	R	**	-	sim	não
escuro	1	1	2	Q	sim	fechada	sim	sim
grosso	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
prisioneiro	0	2	2	Q	sim	fechada*	sim	não
duro	1	1	2	Q	sim	fechada	sim	sim
raro	2	1	3	Q	sim	fechada*	sim	não
doente	2	2	4	Q	sim	fechada	sim	sim
desumano	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	não
comunista	1	1	2	P	não	-	sim	não
bonito	1	1	2	Q	sim	aberta	sim	sim
irritável	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	não
burocrático	0	1	1	R	não	-	sim	não
estridente	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	não
diferente	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
religioso	0	1	1	R	**	-	sim	não
livre	0	1	1	Q/R	**	-	sim	sim
longo	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
calvo	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
indulgente	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
agudo	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
grave	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
corrupto	1	1	2	Q	não	-	sim	não
caro	5	1	6	Q	sim	aberta	sim	sim
exausto	0	1	1	Q	sim	fechada	não	sim
triste	0	1	1	Q	sim	fechada	sim	sim
furioso	0	1	1	Q	sim	fechada	não	sim
acessível	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	sim
divertido	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
disponível	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
histérico	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
recetivo	2	0	2	Q	sim	fechada	sim	sim
míope	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
salgado	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
ténue	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
ignorante	1	0	1	Q	sim	fechada*	sim	sim
atrativo	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	sim
grisalho	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	não
resistente	1	0	1	Q	sim	fechada*	sim	não
autista	1	0	1	Q	não	-	sim	não
comercial	1	0	1	R	não	-	sim	não
conservador	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	não
problemático	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	sim
submerso	0	0	1	Q	sim	fechada	não	sim
emocionante	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
subserviente	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
retrógrado	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	não
longínquo	1	0	1	AD	**	-	sim	sim
só	1	0	1	Q	**	-	não	sim
incharacterístico (e desinteressante)	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
credível	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
americano	1	0	1	O	**	-	sim	não
cosmopolita	1	0	1	R	**	-	sim	não
cor-de-rosa	1	0	1	Q	sim	fechada*	sim	sim

coeso	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	não
caleidoscópica	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	não
machista	1	0	1	Q	sim	aberta*	sim	não
relativo	1	0	1	Q	**	-	sim	não
cavaquista	1	0	1	R	não	-	sim	não
próximo	1	0	1	AD	**	-	sim	sim
grande	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	sim
trágico	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	sim
competitivo	1	0	1	Q/R	sim	fechada*	sim	sim
solteirona	1	0	1	Q	não	-	sim	não***
manco	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
estranho	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
desesperante	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
extravagante	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	sim
tonto	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
cansativo	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	não
anedótico	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	sim
sensível	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
flexível	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	sim
morno	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	sim
romântico	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
perplexo	2	0	2	Q	sim	fechada	sim	sim
incontrolável	1	0	1	Q	**	-	sim	sim
lívido (e mudo)	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	não
interessante	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
baixo	1	0	1	Q	sim	aberta	sim	sim
agressivo	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
feliz	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
nazi	1	0	1	P	não	-	sim	não
silenciosa	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
entradote	1	0	1	Q	sim	fechada	sim	sim
Total	196	281	477					

Tabela 6 - N° de Ocorrências dos Adjetivos e a sua Classificação Semântica

Colocámos na análise da graduabilidade e escalaridade, na Tabela 6, em alguns casos, asteriscos (*), uma vez que em determinados contextos, com determinados tipos de sujeitos, além da graduação se tornar possível, a escala pode variar entre aberta e fechada. Além disso, em adjetivos de cor, o que se verifica com a inserção de modificadores como ‘completamente’, é a capacidade de a cor preencher toda a entidade e não um processo em que cor atingiu o nível máximo, dado a existência de diversas tonalidades.

Quanto ao uso dos (**), o que pretendemos mostrar é que em determinados casos, não é possível uma construção de graduação com o advérbio ‘muito’, como em *insustentável*, mas este adjetivo pode, de facto, como muitos outros, participar em construções comparativas. Importa referir que os adjetivos avaliativos *melhor* e *pior* apenas funcionam com o advérbio ‘muito’ aquando de um complemento.

Apesar de a maior parte dos casos ocorrer com os verbos copulativos *ser* e *estar*, é de realçar que as interpretações não são semelhantes, visto que, como vimos em (4.2.2.4.), *ser* denota uma leitura individual e *estar* associa-se a uma leitura episódica. Em muitos casos, indicamos com (***) que, apesar de normalmente o adjetivo ocorrer com determinado verbo, pode, em certos contextos, funcionar com o outro verbo.

Ainda é de realçar que os adjetivos surgem na tabela à medida que foram estudados no *corpus* e, por isso, não seguimos uma ordem alfabética.

4.3.3. Sobre os Particípios

Os particípios embora possam ocorrer de diversas formas, aquela que este estudo tem em consideração é a posição predicativa. Estes, tal como os adjetivos, apresentam em vários casos, diferentes aceções, havendo, desta forma, uma extensão metafórica, como o caso de *cansado*. Porém, de uma forma geral, quase todos parecem comportar o seu significado ‘original’ e primário.

O verbo *ficar* em construções progressivas com particípios, tal como quando ocorrem adjetivos, denota uma mudança em curso, isto é, como o progressivo caracteriza-se por apresentar uma situação no seu desenvolvimento, retira a *ficar* o efeito resultativo. Assim, tomando como exemplo os particípios *cansado* e *lambuzado*, o que acontece numa construção como esta é que, embora exista limite máximo, neste caso não é atingido.

A análise dos particípios presentes nos exemplos analisados do *corpus* baseou-se num primeiro momento em observar qual o verbo a que poderiam pertencer, pesquisando-os em diferentes dicionários como o Dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa*, Porto Editora e ainda dicionários online como Priberam e Infopédia. Desta forma, verificou-se que todos os verbos (dos particípios considerados) compareciam nos dicionários, à exceção de *inadaptar*, pelo facto de apresentar o prefixo *in-*.

Posteriormente, com o intuito de verificar se estávamos perante particípios meramente verbais ou particípios com características típicas de adjetivos, aos quais optamos por denominar particípios adjetivais e não adjetivos participais porque, na verdade, o que encontramos neste estudo é uma possível recategorização dos particípios em adjetivos. O que acontece é uma possível absorção por parte dos particípios de

propriedades que caracterizam os adjetivos¹¹⁷, assim, neste sentido, pareceu-nos apropriado atribuir a estes o nome de participípios adjetivais, uma vez que é o participípio que tende a comporta-se como o adjetivo e não ao contrário.

Quanto à aplicação dos testes considerados, os participípios deste estudo comportam-se, geralmente, de forma idêntica. Todavia, os testes de substituição por um adjetivo, a coordenação com um adjetivo verdadeiro e a possibilidade de colocá-lo em posição pré e pós-nominal, propostos por Foltran & Cristóstimo (2005), indicam duas considerações distintas: quanto à substituição e coordenação de verdadeiros adjetivos, o adjetivo que assume o lugar do participípio ou se junta a ele, tem de, claramente, apresentar o mesmo significado ou um muito aproximado para que a construção frásica funcione e continue a ser gramatical¹¹⁸; já quanto à posição do participípio, em praticamente todos os exemplos analisados, os participípios ou surgem numa posição pós-nominal ou não aceitam nenhuma das posições, ocorrendo apenas em posição predicativa. Com efeito, o teste da coordenação apresenta mais do que um exemplo no *corpus* e, desta forma, pareceu-nos útil para observar aqueles que se comportam como participípios adjetivais. No entanto, os outros dois testes, também não são claramente suficientes na delimitação entre participípio verbal e participípio adjetival, neste *corpus*, sendo apenas o teste da graduabilidade aquele que indica uma melhor análise. O teste do uso do sufixo diminutivo *-inho*, proposto por Duarte (2003), também pode ser considerado como um teste suficientemente aplicável aos participípios estudados neste trabalho. Todavia, é importante referir que apenas estamos a ter em conta os participípios analisados, não podendo ser feita uma generalização quanto a todos os participípios existentes na língua portuguesa, uma vez que estes ocorrem em textos ou frases tipicamente jornalísticas, havendo, assim, uma extensão metafórica. De notar que apesar dos participípios se aproximarem dos adjetivos e absorverem as suas características, não deixam de apresentar uma base verbal que lhes é própria.

Assim, considerando que os participípios em estudo admitem graduabilidade, estão numa posição predicativa parecem poder ser categorizados como participípios adjetivais,

¹¹⁷ Sublinhamos que os participípios adjetivais aproximam-se nestas construções de adjetivos tipicamente qualificativos, uma vez que exprimem “qualidades, estados, modos de ser de entidades denotadas pelos nomes” (Brito, 2003).

¹¹⁸ Embora que no caso da coordenação de um verdadeiro adjetivo e de um participípio, o adjetivo não tem de apresentar obrigatoriamente um significado semelhante, mas tem, ainda assim, que formar um complexo que forneça à frase gramaticalidade.

aproximando-se dos adjetivos. Porém, adjetivos como *cansado*, *deprimido*, *frustrado*, *desempregado*, *divorciado*, *civilizado*, *assustado*, *sossegado*, *saturado*, *parecido*, *preocupado*, *abandonado*, *atraído*, *convencido*, *insatisfeito*, *envelhecido*, *incomodado*, *enervado*, *revoltado*, *descontrolado*, *desorientado*, *bronzado*, *lambuzado*, *intoxicado*, *prejudicado*, *embaraçado*, *surpreendido*, *empobrecido*, *admirado*, *animado* e *atrevido*, por se relacionarem com entidades, frequentemente, [+humanas], adquirem uma tendência superior para se comportarem como adjetivos.

Deste modo, para uma melhor observação de todos os participípios presentes no *corpus*, apresentamos de seguida uma tabela, na qual, além de estar uma análise quantitativa e comparativa relativamente aos *corpora*, é exposto também o verbo de que o participípio derivou e algumas considerações semânticas: graduabilidade e a construção com o sufixo diminutivo *-inho*. Nesta tabela não apresentamos mais nenhum teste que aplicámos porque, como explicámos anteriormente, no caso da substituição ou coordenação com um adjetivo (verdadeiro, cf. Foltran & Crisóstimo, 2005), apesar de ser possível, depende do contexto frásico e do tipo de sujeito. Quanto ao teste de inserção de um prefixo de negação (*in-*) (cf. Duarte, 2003), apenas são encontradas duas ocorrências (*insatisfeito* e *inadaptado*) o que leva a considerar, nesta análise, um teste não suficiente para avaliar os participípios. Do mesmo modo comporta-se o teste da posição do participípio (cf. Foltran & Crisóstimo, 2005).

De notar que na sua maioria os participípios que ocorrem nestas construções tem uma base verbal pronominal ou reflexa, sendo esta característica uma das que, frequentemente, indica que os participípios são adjetivais: *cansado* (cansar-se), *preocupado* (preocupar-se), *chateado* (chatear-se), *entusiasmado* (entusiasmar-se), *lambuzado* (lambuzar-se), *enervado* (enervar-se), e.o, como observámos na Tabela 7.

Além disso, é observável, numa análise quantitativa, que o participípio *cansado* é o que mais ocorre nos exemplos analisados, seguindo-se de *preocupado*, *isolado* e *parecido*, sendo estes também, curiosamente, os mais abundantes em cada *corpora*.

<i>Nº de Ocorrências dos Particípios Presentes no Corpus e a sua Classificação Semântica</i>						
Nº de Ocorrências dos Particípios no Corpus				Classificação Semântica		
Particípio	<i>CRPC</i>	<i>CCP</i>	Total	<i>Verbo</i>	<i>Graduabilidade</i>	<i>Construção com sufixo 'inho</i>
deprimido	1	2	3	deprimir	sim	não
cansado	8	13	21	cansar	sim	sim
encurralado	0	3	3	encurrular	não	não
saturado	2	5	7	saturar	sim	sim
sossegado	0	1	1	sossegar	sim	sim
baralhado	2	2	4	baralhar	sim	não
bloqueado	0	1	1	bloquear	sim	não
entusiasmado	0	3	3	entusiasmar	sim	não
parecido	3	8	11	parecer	não*	sim
desencorajado	0	1	1	desencorajar	não	não
chateado	0	3	3	chatear	sim	sim
preocupado	9	8	17	preocupar	sim	sim
alienado	0	1	1	alienar	não*	não
colocado	0	1	1	colocar	não	não
civilizado	1	1	2	civilizar	sim*	não
limitado	0	1	1	limitar	sim	não
desempregado	0	1	1	desempregar	não	não
sobrelotado	2	1	3	sobrelotar	sim	não
ousado	0	1	1	ousar	sim	não
habitado	1	1	2	habituvar	sim	sim
ressequido	0	1	1	ressequir	sim	não
ocupado	0	1	1	ocupar	sim	sim
fossilizado	0	1	1	fossilizar	sim	não
sensibilizado	2	2	4	sensibilizar	sim	não
desesperado	2	4	6	desesperar	sim	não
assustado	1	3	4	assustar	sim	não
conformado	0	1	1	conformar	não	não
retido	0	1	1	reter	não	não
esgotado	0	4	4	esgotar	sim	não
debilitado	0	1	1	debilitar	sim	não
afetado	2	1	3	afetar	sim	não
poluído	0	1	1	poluir	sim	não
inadaptado	0	1	1	adaptar	não	não
desbotado	0	1	1	desbotar	sim	não
absorvido	0	1	1	absorver	não	não
atraído	0	1	1	atrair	sim	não
abandonado	3	2	5	abandonar	não	não
despovoado	0	1	1	despovoar	não	não
isolado	5	7	12	isolar	sim*	não
marginalizado	0	1	1	marginalizar	não	não
sofisticado	0	1	1	sofisticar	sim	não
reduzido	5	2	7	reduzir	sim	não
usado	0	1	1	usar	sim	não
paralisado	0	1	1	paralisar	sim	não
convencido	0	1	1	convencer	sim	não
degradado	2	1	3	degradar	sim	não
adormecido	0	1	1	adormecer	sim	não
estrangeirado	0	1	1	estrangeirar	não*	não
coberto	3	1	4	cobrir	não	não
irritado	0	2	2	irritar	sim	não

instruído	0	1	1	instruir	sim	não
globalizado	0	1	1	globalizar	não	não
fidelizado	0	1	1	fidelizar	não	não
dotado	0	1	1	dotar	não	não
partido	0	1	1	partir	sim	não
dominado	0	1	1	dominar	não	não
aconchegado	0	1	1	aconchegar	sim	sim
marcado	3	3	6	marcar	sim	não
insatisfeito	1	0	1	satisfazer	sim	não
desconfiado	0	1	1	desconfiar	sim	não
incomodado	1	1	2	incomodar	sim	não
comprometido	0	1	1	comprometer	sim	não
descentrado	0	1	1	descentrar	não	não
americanizado	0	1	1	americanizar	não*	não
concluído	0	1	1	concluir	não	não
abalado	0	2	2	abalar	sim	não
perturbado	3	1	4	perturbar	sim	não
aborrecido	0	1	1	aborrecer	sim	sim
destruído	1	1	2	destruir	sim	não
ultrapassado	1	2	3	ultrapassar	sim	não
desiludido	1	3	4	desiludir	sim	não
desacreditado	1	2	3	desacreditar	não	não
carbonizado	1	1	2	carbonizar	sim	não
atrasado	1	2	3	atrasar	sim	não
datado	0	1	1	datar	não	não
complicado	1	3	4	complicar	sim	não
rarefeito	0	1	1	rarefazer	não	não
estragado	0	1	1	estragar	sim	não
minado	0	1	1	minar	não	não
superlotado	1	1	2	superlotar	não	não
militarizado	0	1	1	militarizar	não	não
resolvido	0	1	1	resolver	sim*	não
envelhecido	0	1	1	envelhecer	sim	não
exasperado	2	1	3	exasperar	sim	não
comido	0	1	1	comer	sim	não
espartilhado	0	1	1	espartilhar	não	não
bronzado	0	1	1	bronzear	sim	não
padronizado	0	1	1	padronizar	não	não
pesado	1	1	2	pesar	sim	não
dividido	0	1	1	dividir	sim	não
empalidecido	0	1	1	empalidecer	sim	não
rodeado	0	1	1	rodear	não	não
lotado	0	1	1	lotar	sim	não
toldado	0	1	1	toldar	não	não
cristalizado	0	1	1	cristalizar	não	não
frustrado	2	1	3	frustrar	sim	não
envergonhado	0	1	1	envergonhar	não	não
desabituaado	0	1	1	desabituar	não	não
enervado	2	2	4	enervar	não	não
elevado	0	1	1	elevar	não	não
destemperado	0	1	1	destemperar	não	não
envolvido	0	1	1	envolver	não	não
desorientado	0	1	1	desorientar	não	não
descontrolado	1	1	2	descontrolar	não	não
revoltado	0	1	1	revoltar	não	não

desatualizado	2	1	3	desatualizar	não	não
reservado	0	1	1	reservar	não*	não
depravado	0	1	1	depravar	não	não
esmagado	1	0	1	esmagar	sim	não
apoderado	1	0	1	apoderar	não	não
impressionado	2	0	2	impressionar	sim	não
enjoado	1	0	1	enjoar	sim	não
encharcado	1	0	1	encharcar	sim	não
apertado	2	0	2	apertar	sim	sim
alheado	1	0	1	alhear	não	não
esclarecido	1	0	1	esclarecer	sim*	não
ajustado	1	0	1	ajustar	sim	sim
patenteado	1	0	1	patentear	não	não
prejudicado	3	0	3	prejudicar	sim	não
divorciado	1	0	1	divorciar	não	não
avançado	2	0	2	avançar	sim	não
surpreendido	1	0	1	surpreender	sim	não
alterado	1	0	1	alterar	sim	não
embaraçado	1	0	1	embaraçar	sim	não
lambuzado	1	0	1	lambuzar	sim	não
intoxicado	1	0	1	intoxicar	sim	não
esquecido	3	0	3	esquecer	sim	não
admirado	1	0	1	admirar	sim	sim
normalizado	1	0	1	normalizar	não	não
gretado	1	0	1	gretar	sim	não
desanuviado	1	0	1	desanuviar	não	não
policializado	1	0	1	policializar	não	não
descaracterizado	1	1	2	descaracterizar	sim	não
vampirizado	1	0	1	vampirizar	não	não
moderado	1	0	1	moderar	sim	não
desertificado	3	0	3	desertificar	sim	não
coçado	1	0	1	coçar	sim	não
despojado	1	0	1	despojar	não	não
esburacado	1	0	1	esburacar	sim	não
preparado	1	0	1	preparar	sim	não
animado	1	0	1	animar	sim	sim
diminuído	1	0	1	diminuir	não	não
empobrecido	1	0	1	empobrecer	sim	não
desmemoriado	1	0	1	desmemoriar	sim	não
arruinado	1	0	1	arruinar	sim	não
tapado	1	0	1	tapar	sim	não
estagnado	1	0	1	estagnar	sim	não
desadequado	1	0	1	desadequar	sim	não
ensanduichado	1	0	1	ensanduichar	sim	não
desprestigiado	1	0	1	desprestigiar	sim	não
facilitado	1	0	1	facilitar	sim	não
abaulado	1	0	1	abaular	sim	não
desfalcado	1	0	1	desfalcar	sim	não
agarrado	1	0	1	agarrar	sim	sim
esvaziado	1	0	1	esvaziar	não	não
entupido	1	0	1	entupir	sim	não
interligado	1	0	1	interligar	não	não
clarificado	1	0	1	clarificar	sim	não
infestado	1	0	1	infestar	sim	não
apodrecido	0	1	1	apodrecer	sim	não

atrevido	1	2	3	atrever	sim	sim
aberto	0	1	1	abrir	não	não
gasto	2	0	2	gastar	sim	não
consternado	1	0	1	consternar	sim	não
Total	144	179	323			

Tabela 7 - Nº de Ocorrências dos Particípios e Alguns Aspectos Semânticos

4.4. Síntese

Este capítulo diz respeito à caracterização das construções progressivas com *ficar*, no qual consta a descrição do *corpus* e metodologia utilizada (4.1.), a observação e análise dos dados (4.2.) e, por fim, a discussão da análise realizada sobre os dados recolhidos do CETEMPúblico e do CRPC (4.3.).

Em primeiro lugar, em 4.1., é feita uma descrição do *corpus* deste estudo, contando que este possui 800 exemplos, dos quais 460 foram extraídos do *corpus* CETEMPúblico e os restantes 340 do *corpus* CRPC. Deste modo, de seguida, apresentamos a metodologia usada para a observação e análise dos exemplos, tendo em consideração que os tempos gramaticais selecionados incidem somente nos seguintes: Presente do Indicativo, Pretérito Imperfeito do Indicativo, Futuro do Indicativo e Condicional.

Numa segunda fase, em 4.2., na análise dos dados, dividimos a nossa observação, de forma a ficar mais claro, em três partes. Em 4.2.1., começamos por compreender a interpretação que poderia desencadear a combinação com os tempos gramaticais estudados. Depois da observação das construções progressivas com *ficar* combinadas com os tempos gramaticais relevantes, passamos para a análise dos adjetivos (em 4.2.2.), numa tentativa de organizá-los, considerando os diferentes tipos de adjetivos existentes no *corpus*. Além disso, o estudo dos adjetivos também contou com questões acerca da graduabilidade e escalaridade, uma vez que estávamos perante adjetivos, que além de se posicionarem sem problema na predicação, são passíveis de graduação, apresentando-se em construções com advérbios de intensidade ou em construções comparativas e orações consecutivas. Assim sendo, como *ficar* é um verbo copulativo e apresenta-se por estar intimamente ligado a *estar*, tentamos relacionar os adjetivos com *ser* e/ou *estar*, apresentando, no final, umas pequenas listas não exaustivas dos adjetivos que poderiam participar em construções com *ser*, com *estar* e com ambos. Posteriormente, em 4.2.3.

após a observação sobre os adjetivos, passamos a analisar os participípios, com o objetivo de diferenciar participípios verbais de participípios adjetivais, estando estes, na verdade, em posição predicativa, devido à construção de estudo. Neste subcapítulo consideramos alguns testes de Duarte (2003) e Foltran & Crisóstimo (2005), para aplicar aos exemplos que continham participípios passados.

Por fim, apresentamos uma caracterização da construção progressiva com o verbo *ficar*, na seleção de adjetivos e participípios, discutindo algumas considerações importantes para essa caracterização, podendo ser possível retirar o seguinte:

- O verbo *ficar* em construções progressivas perde o efeito resultativo que o caracteriza, devido à leitura de decurso ou progresso do progressivo e, por isso, uma situação, nestas construções, não atinge o limite máximo, apresentando uma situação em decurso, mas ainda assim, como incompleta.
- Os tempos gramaticais combinados com o progressivo não provocam grandes alterações na sua interpretação:
 - O Presente do Progressivo indica que a situação está em decurso no momento de enunciação;
 - O Pretérito Imperfeito do Progressivo, tal como o Presente, indica uma situação em progresso, apenas esta foi realizada no passado.
 - O Futuro do Progressivo e o Condicional, apesar de se caracterizarem por localizarem uma situação num tempo posterior ao da enunciação, apresentam, nos exemplos analisados, um valor modal epistémico de incerteza.
 - O Pretérito Perfeito do Progressivo não ocorre nestas construções, dado a sua incapacidade de ocorrência com o verbo *ficar*.
- Os adjetivos presentes nesta construção apresentam-se, tal como os participípios, em posição predicativa, ocorrendo, na sua maioria, em construções de grau:
 - Na totalidade dos adjetivos analisados, o tipo de adjetivo mais frequente no *corpus* é o qualificativo, todavia adjetivos modais, adverbiais e avaliativos também apresentam exemplos, embora que seja em pouca ocorrência. Os adjetivos relacionais e os adjetivos associados a partidos políticos também foram analisados.

- A organização dos adjetivos qualificativos não tem sido um assunto fácil para o estudo dos adjetivos, uma vez que, embora possamos identificar uma classe, não estaremos a agrupar todos os adjetivos existentes na língua.
- A classificação dos adjetivos qualificativos proposta por Veloso & Raposo (2013), mostra que não é possível estabelecer limites entre subclasses de adjetivos qualificativos, dado a possibilidade de estes poderem assumir distintos significados e, desta forma, tendem a fazer parte de várias classes. Além disso, apesar da clara explicação por parte dos autores, não é possível estabelecer uma divisão entre adjetivos qualificativos de propriedades de natureza material e adjetivos qualificativos de propriedades físicas, psicológicas, morais e sociais associadas a seres vivos, pois um adjetivo como *baixo* pode, na verdade, sem aplicado a três classes distintas: propriedade física de um indivíduo, dimensão espacial de propriedades de natureza material e, ainda, som.
- Os adjetivos estudados tendem para aceções distintas, estando presente uma extensão metafórica, em diversos casos.
- Quanto a questões associadas a escalaridade, foi realizada uma avaliação da compatibilidade dos adjetivos com “modifiers proportional” (cf. Hay (1999), Keneddy & McNally (2005)).
- Quanto aos participípios, estes são em menor quantidade de ocorrência do que os adjetivos, absorvendo as características destes últimos e, deste modo, acabam por se comportar de uma forma semelhante a adjetivos:
 - Podem participar em construções predicativas;
 - Admitem graduação;
 - Apresentam significados próximos ao que os adjetivos denotam.
- Os participípios, neste estudo, por apresentarem características próximas dos adjetivos são considerados como participípios adjetivais, mas nunca perdem a sua base verbal que tanto os identifica.

Como ao mesmo tempo que análise dos dados era realizada, também realizámos uma análise quantitativa dos Adjetivos e dos Participípios presentes em ambos os *corpora* e, também, consoante o tempo gramatical. Assim sendo, como podemos verificar na

Tabela 8, os Particípios e os Adjetivos apresentam mais frequência em tempos gramaticais como Presente e Imperfeito do Indicativo, sendo os segundos os que mais são selecionados pelo verbo *ficar*.

Nº de Ocorrências de Adjetivos e Particípios com Tempos Gramaticais Correspondentes ¹¹⁹							
		CRPC		Total	CCP		Total
		ADJ	PCP		ADJ	PCP	
Presente do Indicativo	<i>Estou a ficar</i>	17	11	28	29	11	40
	<i>Estás a ficar</i>	3	1	4	1	0	1
	<i>Está a ficar</i>	75	55	130	116	78	194
	<i>Estamos a ficar</i>	10	7	17	10	7	17
	<i>Estais a ficar</i>	0	0	0	0	0	0
	<i>Estão a ficar</i>	51	42	93	82	43	125
		156	116	272	238	139	377
Preterito Imperfeito do Indicativo	<i>Estava a ficar*</i>	7	10	17	13	13	26
	<i>Estavas a ficar</i>	0	0	0	0	0	0
	<i>Estava a ficar**</i>	26	9	35	22	16	38
	<i>Estávamos a ficar</i>	0	3	3	0	0	0
	<i>Estáveis a ficar</i>	0	0	0	0	0	0
	<i>Estavam a ficar</i>	3	4	7	5	6	11
		36	26	62	40	35	75
Futuro do Indicativo	<i>Estarei a ficar</i>	1	0	1	1	0	1
	<i>Estarás a ficar</i>	1	0	1	0	0	0
	<i>Estará a ficar</i>	0	0	0	1	3	4
	<i>Estaremos a ficar</i>	0	1	1	0	0	0
	<i>Estareis a ficar</i>	0	0	0	0	0	0
	<i>Estarão a ficar</i>	0	0	0	0	0	0
		2	1	3	2	3	5
Condicional	<i>Estaria a ficar*</i>	1	0	1	0	0	0
	<i>Estarias a ficar</i>	0	0	0	0	0	0
	<i>Estaria a ficar**</i>	0	0	0	1	2	3
	<i>Estaríamos a ficar</i>	0	0	0	0	0	0
	<i>Estaríeis a ficar</i>	0	0	0	0	0	0
	<i>Estariam a ficar</i>	1	1	2	0	0	0
		2	1	3	1	2	3
Total				340	800		460

Tabela 8 - Nº de Ocorrências de Adjetivos e Particípios com Tempos Gramaticais Correspondentes

Desta forma, observando a tabela 8, verificámos que, apesar de muitos dos particípios não aceitarem o sufixo diminutivo (Duarte, 2003), apresentam construções, nas quais é possível existir graduabilidade.

Destacamos que os testes realizados mostram que estes particípios aproximam-se, de facto, do comportamento dos adjetivos, absorvendo algumas das suas características, no entanto, algumas considerações que tomamos acerca da aceitabilidade da graduação ou da agregação do sufixo *-inho*, pode variar na interpretação pessoal de cada indivíduo

¹¹⁹ (*): Primeira pessoa do singular; (**): Terceira pessoa do singular.

e, por esse motivo, não podemos generalizar os casos, apresentando somente, uma análise quantitativa e semântica dos participios presentes nos exemplos do *corpus*. Assim, parece-nos que estamos em condições de considerar que os participios que ocorrem nestas construções tendem a comportar-se como participios adjetivais.

Conclusão (ou Considerações finais)

Esta dissertação teve como objetivo o estudo do verbo *ficar* em construções progressivas com adjetivos e particípios. Assim, para caracterizar estas construções procedeu-se ao estudo, num primeiro momento, de questões relacionadas com Tempo e Aspeto e, conseqüentemente, com o Progressivo, seguindo-se a análise do verbo *ficar*, como indicador de mudança. Numa última fase, procedeu-se à observação da ocorrência de adjetivos e particípios. O objeto de estudo desta investigação consistiu na análise de 800 exemplos extraídos de dois corpora: CETEMPúblico e CRPC.

Para caracterizar o verbo *ficar* em construções progressivas, formulámos algumas questões de investigação que se apresentam no início do estudo e aqui repetidas:

1. Como se pode caracterizar do ponto de vista semântico o verbo *ficar*?
2. Em que medida a construção progressiva (*estar a* + infinitivo) pode influenciar a interpretação de *ficar* nas construções consideradas?
3. Qual o tempo gramatical que mais ocorre nas construções progressivas com *ficar*?
4. *Ficar* seleciona sobretudo adjetivos ou particípios passados?
5. Nas construções consideradas, *ficar* aproxima-se ou não de *ser* ou de *estar*?

Assim sendo, é necessário para responder às questões de investigação, neste momento, retomar o percurso feito até chegar às considerações finais. Este trabalho conta com três capítulos teóricos, nos quais são expostas questões teóricas relevantes para a análise dos dados. No primeiro capítulo, relativo a questões de Tempo e Aspeto, explicitámos conceitos acerca do Aspeto, seguindo propostas de Vendler (1967), Moens (1987) e Parsons (1990), para o inglês, e de Vilela (1995), Oliveira (2003, 2013), Oliveira & Cunha (2003), Cunha (1998, 2004/ 2007), para a língua portuguesa, e.o.; descrevemos o comportamento dos tempos gramaticais selecionados, baseando-nos em Oliveira (2003, 2013), Cunha (1998, 2004/ 2007), Cunha & Cintra (2014), Tavares (2001) e em Carlson (1977); e ainda, tendo em consideração propostas de Oliveira (1994), Cunha (1998), Leal (2001) e, para o inglês, de Vlach (1981), Moens (1987), Dowty (1979), e.o., estudámos o Progressivo e os conceitos a ele relacionados.

O segundo capítulo centrou-se no estudo de adjetivos e particípios, analisados individualmente sob parâmetros distintos, tendo sempre em consideração a posição que

ambos ocupam e que, por isso, os participios tendem a aproximar-se das características dos adjetivos, seguindo propostas de Bosque (1993, 1999), Cunha & Cintra (2014), Cunha & Ferreira (2003), Demonte (1999), Dixon (1982), Hay (1998), Kennedy & McNally (2005), Leal & Ferreira (2015), Vivalva & Almeida (2004), Duarte (2003), Duarte & Oliveira (2010), Foltran & Crisóstimo (2005).

O terceiro capítulo apresenta a distinção entre *ser* e *estar* e a explicitação de questões relacionadas com *ficar* (cf. Raposo (2013), Ferreira (2012), Porroche (1988), Cunha & Ferreira (2003), Gumiel-Molina (2011, 2012), Lehmann (2008), Correia (2010), Herculano de Carvalho (1984) e Cunha (1998, 2004/ 2007)). No quarto capítulo, procedemos ao estudo e discussão dos 800 exemplos selecionados de dois *corpora* distintos (CRPC e CETEMPúblico), tendo em consideração essencialmente os seguintes parâmetros: 1. tempo gramatical presente; 2. presença de adjetivos e a sua categorização e possível graduação; 3. presença de participios e a sua absorção de características típicas de *ficar*.

Após uma descrição do que estudámos, analisámos e realizámos nos quatro capítulos que constituem a dissertação, é momento para reaver as questões de investigação e lhes dar resposta:

1. Como se pode caracterizar do ponto de vista semântico o verbo *ficar*?

O verbo *ficar* do ponto de vista semântico é um verbo que apresenta um comportamento peculiar, isto é, tem mais do que uma funcionalidade:

- permanência num determinado lugar;
- indicador de mudança, na qual existe o fim de um evento e início de um estado resultativo ou consequente;
- pode ocorrer em passivas resultativas.

Ficar pode ocorrer, enquanto verbo copulativo, com diferentes classes semânticas: advérbios, adjetivos, preposições, nomes, participios e ainda em construções pronominais. Todavia, pode, de facto, ocorrer como verbo de operação aspetual (*ficar a*), em construções progressivas.

Na verdade, este verbo, tipicamente apresenta um comportamento semelhante a outros verbos copulativos, como *tornar-se*, contudo, este último não participa em construções com ideia de posterioridade, ao contrário de *ficar*:

(1) A Sofia **ficou** *pobre*.

a. A Sofia **ficou** *pobre* e ainda está.

(2) A Sofia **tornou-se** *pobre*.

a. */??A Sofia **tornou-se** *pobre* e ainda está.

2. Em que medida a construção progressiva (*estar a* + infinitivo) pode influenciar a interpretação de *ficar* nas construções consideradas?

Vimos no primeiro capítulo que o Progressivo apresenta uma situação em desenvolvimento, decurso, progressão e, por esse motivo, essa situação apresenta-se como incompleta. Além disso, as construções progressivas, de acordo com Cunha (1998, 2004/2007), possuem um carácter estativizador.

Devido à incompletude caracterizadora desta construção, a combinação com *ficar*, retira a este verbo o efeito resultativo que lhe é característico. *Ficar* nestas construções apresenta mesmo assim uma mudança, mas essa é perspectivada como estando em curso, não podendo ser descrito um estado resultativo.

Além disso, a construção progressiva ‘*est- a ficar*’ mostra, ao contrário do que se passa com a construção com ‘*est- a ser*’, a aceitabilidade de estados não faseáveis, além dos faseáveis, apresentando a mudança em curso:

(1) ***Está a ser** *alto*.

(2) **Está a ficar** *alto*.

Como a construção progressiva retira a *ficar* a sua completude, em estruturas como ‘A Sofia **está a ficar** *cansada*’, o particípio ‘cansado’ não atinge o limite máximo de ‘cansaço’; já no caso de ‘A cara do jogador **está a ficar** muito *roxa*’, o que acontece é que o adjetivo ‘roxo’ não atinge nenhum nível máximo de cor, mas apresenta uma intensificação da tonalidade.

3. Qual o tempo gramatical que mais ocorre nas construções progressivas com *ficar*?

Nestas construções, como vimos no capítulo quatro, o Presente do Indicativo apresenta uma maior e significativa ocorrência no *corpus*, comparativamente aos outros tempos gramaticais estudados. Contudo, verificámos que o Pretérito Perfeito não participa em construções como esta, devido, sobretudo, ao seu efeito de completude, ou seja, este tempo apresenta uma situação no passado que se dá por terminada. Já o Imperfeito do Indicativo, apesar de apresentar igualmente uma situação no passado, não indica um fim, atribuindo duração à situação.

Assim, desta forma, o Presente e o Imperfeito do Indicativo são os tempos gramaticais que mais incidência têm aquando de construções progressivas com *ficar*, indicando, desta forma, uma situação que parece apresentar uma mudança, mas que essa está em curso, sendo a única dissemelhança existente entre estes dois tempos é o facto de o Imperfeito indicar essa mudança, mas no passado.

Parece-nos importante considerar que a maior ocorrência do Presente do Progressivo pode ser devido a estarmos perante o estudo e análise de frases e fragmentos textuais de índole fundamentalmente jornalística. Porém, não poderemos esquecer que o *corpus* CRPC engloba outros tipos de textos, como textos técnicos, de revistas e, ainda, registos orais (formais e informais).

Com o Futuro do Indicativo e o Condicional, neste estudo, considerando os exemplos observados, verifica-se que a leitura associada à futuridade de uma situação não é apresentada nos exemplos, sendo a interpretação com valor modal de incerteza a que é identificada.

Assim sendo, de forma a concluir a resposta a esta pergunta, é importante realçar que os tempos gramaticais em si parecem não influenciar *ficar*, sendo este influenciado pela construção progressiva.

4. *Ficar* selecciona sobretudo adjetivos ou particípios passados?

Tendencialmente, como verificámos no capítulo quatro, os adjetivos ocorrem mais frequentemente, não só no *corpus* estudado, como nos *corpora* de onde foram

extraídos os exemplos, comparativamente aos participípios. No entanto, a diferença entre ocorrências das duas classes semânticas não é significativa, até porque perante os tempos gramaticais Futuro do Indicativo e Condicional, o número de ocorrências aproxima-se e, em determinados casos, é o mesmo.

De facto, além de mencionar apenas o número de ocorrências, é necessário avaliar alguns pontos cruciais. Quanto à ocorrência do tipo de adjetivo nestas construções, observámos que os qualificativos são os usualmente selecionados pelo verbo *ficar*, neste *corpus*. Assim, como a organização dos adjetivos qualificativos não é simples, pareceu-nos importante, mesmo assim, tentar encontrar uma categorização que possa aplicar-se a todos os casos. Dixon (1984) subdividiu os adjetivos qualificativos em sete grandes classes, às quais, como já mencionámos, Demonte (1999) acrescentou sete subdividindo as propriedades físicas. Desta forma os adjetivos apresentados por estes autores são:

- idade, velocidade, cor, (pre)disposições humanas, valor, dimensão;
- propriedades físicas (peso, som, sabor, temperatura, forma, tato, cheiro).

Porém, Veloso & Raposo (2013) apresentam uma hipótese de organização dos adjetivos qualificativos, já anteriormente explicitada, em que constam todos os adjetivos acima, mas exige uma distinção entre adjetivos qualificativos de propriedades de natureza material e adjetivos qualificativos de propriedades físicas, psicológicas, morais e sociais associadas a seres vivos. No entanto, essa categorização apresenta alguns problemas, tais como a inserção de participípios (cf. *cansado*, e.o), que por mais que absorvam as características típicas dos adjetivos, continuam a ter uma base verbal que lhes é própria; e, ainda, a distinção entre propriedades materiais e propriedades associadas aos seres vivos. Este segundo problema é levantado porque, de facto, na sua maioria, os adjetivos que constituem este *corpus*, têm aceções distintas, podendo adotar propriedades de natureza material, por um lado, e propriedades associadas aos seres vivos, por outro. Além disso, esta organização, apesar de apresentar diversos exemplos de adjetivos que se encaixam nos subgrupos, mostra que, devido à vasta quantidade de adjetivos presentes na língua portuguesa, uma organização não é fácil, a menos que seja superficial, todavia, mesmo assim, pode não englobar todos os adjetivos existentes.

Além disso, é de referir que os adjetivos presentes neste estudo, apresentam graduabilidade, incluindo os adjetivos relacionais, os adjetivos que indicam origem e

nacionalidade e os adjetivos que denotam partido político, uma vez que apresentavam quase sempre um intensificador anteposto ao nome ou ocorriam em construções comparativas ou consecutivas.

Quanto ao estudo dos participípios, estes, como vimos, apresentam menos ocorrências, nos *corpora* e, conseqüentemente, no *corpus* estudado. Estes, além de poderem ocorrer de distintas formas, neste estudo a forma, na qual nos focamos foi a posição predicativa. Assim sendo, a ocorrência em posição predicativa, é desde logo, um fator que leva esta classe semântica a comportar-se como adjetivo. Aliás, os participípios presentes no *corpus*, além de ocorrerem em posição predicativa, tendem a apresentar, tal como os adjetivos, uma anteposição de intensificadores ou então uma ocorrência em construções comparativas ou orações consecutivas.

Deste modo, os participípios presentes no *corpus*, apesar da pouca quantidade e, por isso, não se poder generalizar a todos os casos, absorvem características típicas dos adjetivos, comportando-se como estes. Foram aplicados seis testes para verificar a sua aproximação a adjetivos, no entanto, estes levantaram algumas questões, como observámos em (4.3.3.).

Concluindo, os adjetivos são os que mais ocorrem nestas construções, acrescentando que determinar o tipo de adjetivo e avaliar o comportamento dos participípios, revela por parte deles complexidade e instabilidade, devido a poderem ocorrer com diferentes significados.

5. Nas construções consideradas, *ficar* aproxima-se ou não de *ser* ou de *estar*?

Ficar, segundo Herculano de Carvalho (1984), apresenta-se intimamente relacionado com *estar*, no entanto, tendo em consideração que *estar* não funciona em construções progressivas e que *ser*, apesar de se apresentar nelas, não aceita construções com estados não faseáveis, é possível concluir que em construções como esta, *ficar* parece não se aproximar de nenhum dos verbos.

Por outro lado, estes verbos apresentam algumas semelhanças, como o facto de todos pertencerem à mesma classe verbal, mas, ao colocar *ficar* no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo, de forma a representar o evento simples da mudança de estado e a

duratividade do novo estado, mantendo *estar* no Presente do Indicativo, Herculano de Carvalho afirma que é “possível a correspondência – não a equivalência – de “está triste” com “ficou triste”” uma vez que a construção com *ficar* pode iniciar-se no passado, mas prolongar-se até ao presente.

Por fim, apesar de esta investigação nos ter permitido avaliar as construções progressivas com *ficar* e os adjetivos e participípios que nelas ocorriam, seria relevante desenvolver este estudo alargando o *corpus*, fazendo, possivelmente um tratamento informático. Parece-nos também pertinente uma possível comparação entre as duas funcionalidades de *ficar*, especialmente, quando combinado com preposições. Além disso, seria ainda relevante ter em consideração que o valor resultativo associado a este verbo nas construções em análise (‘A Sofia **ficou** doente’) nos indica que parece ser necessário alargar o domínio de análise (pelo menos ao enunciado anterior) de forma a compreender-se o que causou tal resultado (‘ter ficado doente’), levando a equacionar o efeito de possível causatividade associado a *ficar*.

Referências bibliográficas

- Bosque, I. (1991). *Las categorías gramaticales: relaciones y diferencias*. Madrid: Síntesis.
- Bosque, I. 1993. Sobre las diferencias entre los adjetivos relacionales y los calificativos. *Revista Argentina de Lingüística* 9: 9-48.
- Bosque, I. (1999). El Sintagma Adjetival. Modificadores y Complementos. In Bosque, I; Demonte, V. (Eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (pp. 217-310). Madrid: Espasa-Calpe.
- Brito, A. M. (2003a). Categorías Sintácticas. In Mateus, M.; Brito, A.; Duarte, I.; Faria, I.; Frota, S.; Matos, G.; Oliveira, F.; Vigário, M.; Villalva, A. *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª edição, pp. 323-433). Lisboa: Caminho.
- Brito, A. M. (2003b). *Linguística Portuguesa I e II: Sintaxe e Semântica do Português I e II: Relatório de disciplinas*. Porto: [Edição de Autor].
- Carlson, G. 1977. A Unified Analysis of the English Bare Plural. *Linguistics and Philosophy* 1: 413-457. Disponível na Internet em: http://idiom.ucsd.edu/~ivano/SemBabble_old/LogicSeminar_15W/Material/Carlson_1977_EnglishBarePlurals.pdf, acessado em 02/06/2019.
- Carvalho, J. G. H. 1984. Ficar em casa/Ficar pálido: Gramaticalização e valores aspetuais. *Separata da "Coleção Linguística, 1"*, Coimbra.
- Correia, C. N. 2010. Sobre os valores de *ficar* em Português Europeu. *Revista de Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* (5): 153-161. Disponível na Internet em: <http://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/C.-N.-Correia-1.pdf>, acessado em 30/01/2019.
- Costa Ferreira, I. 2017. Degree Achievements. Um estudo comparativo entre Português Europeu e Inglês. *elingUP – Revista Eletrónica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto* V. 6: 83-101.
- Costa Ferreira, I. 2018. *Sobre a Semântica dos Adjetivos Adverbiais Modais*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto.
- Cunha, C.; Cintra, L. (2014). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 21ª edição (Revisão e comentários por Pedro Oliveira (coord.), Inês Sofia Ribeiro, João Pedro Gomes e Maria João Pereira). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Cunha, L.F. 1998a. *As Construções com o Progressivo no Português: uma Abordagem Semântica*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto.
- Cunha, L. F. 1998b. Breve Análise da Semântica do Progressivo. *Coleção de Cadernos de Linguística*, Nº4. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Cunha, L. F. 2004. *Semântica das Predicações Estativas-para uma caracterização aspectual dos estados*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto.
- Cunha, L. F. 2007. *Semântica das Predicações Estativas-para uma caracterização dos estados*. München: LINCOM Europa.

Cunha, L. F. (2013). Aspeto. In Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M.; Coelho da Mota, M.; Segura, L. Mendes, A. (Orgs.). *Gramática do Português* (Vol 1, Cap. 17, pp. 585-619). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cunha, L.; Ferreira, I. 2003. Tipologia de adjetivos e construções predicativas com *ser* e *estar* em Português Europeu. *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 421-432.

Cunha, L. F.; Ferreira, I.; Leal, A. 2009. A distinção massivo/contável no domínio adjectival: o caso das construções predicativas com adjetivos. *Actas do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 385-396.

Cunha, L. F.; Ferreira, I.; Leal, A. (2015). Adjetivos massivos e contáveis em construções com *ser* e *estar*. In Silvano, P.; Leal, A. (Coord.). *Estudos de Semântica* (pp. 191-198). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística do Porto.

Demonte, V. 1982. El falso problema de la posición del adjetivo: Dos análisis semânticos. *Boletín de la Real Academia Española* Tomo LXII: 452-485.

Demonte, V. (1999). El adjetivo: classes y usos. La posición del adjetivo en el sintagma nominal. In Bosque, I.; Demonte, V. (Eds.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (pp. 129-215). Madrid: Espasa-Calpe.

Demonte, V. (2008). Meaning-form correlations and adjective position in Spanish. In McNally, L.; Kennedy, C. (Eds.). *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics and Discourse* (pp. 71-100). Oxford: Oxford University Press.

Dixon, R. (1982). *Where Have All The Adjectives Gone? and other essays in semantic and syntax*. Berlin: Mouton Publishers.

Dixon, R. (1994). Adjectives. In Brown, K. (Ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics* (1ª Edição, Vol 1, pp.29-35). Oxford: Pergamon Press.

Dixon, R. & Aikenvald, A. (Eds.). 2006. *Adjective classes: A cross-linguistic typology*. Oxford: Oxford University Press.

Dowty, D.R. 1979. *Word Meaning and Montague Grammar*. Reidel: Dordrecht, Holanda.

Duarte, I. (2003). Construções Ativas, Passivas, Incoativas e Médias. In Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M.; Coelho da Mota, M.; Segura, L. Mendes, A. (Orgs.). *Gramática do Português* (Vol. I, Cap. 13, pp. 429-498). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Duarte, I.; Brito, A. M. (2003). Predicação e classes de predicadores verbais. In Mateus, M.; Brito, A.; Duarte, I.; Faria, I.; Frota, S.; Matos, G.; Oliveira, F.; Vigário, M.; Villalva, A. *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª edição, pp. 180-203). Lisboa: Caminho.

Duarte, I.; Oliveira, F. 2010. Partícipios resultativos. *Actas do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 397-408.

Fernández Leborans, M.J. 1995. Las construcciones con el verbo *estar*: aspectos sintácticos y semânticos. *Verba*, 22: 253-284.

Ferreira, I. 2012. *Para o estudo semântico dos adjetivos adverbiais temporais e aspetuais no Português Europeu*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto.

Foltran, M. J.; Crisóstimo, G. 2005. Os adjetivos participais no português. *Revista de Estudos da Linguagem* 13(1): 129-154. Disponível na Internet em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2401/2355>, acessado em 11/02/2019.

Fonseca, J. 1989. Aspectos da sintaxe do adjetivo em português. *Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto Línguas e Literaturas* (série II, vol. 6, p. 43-67). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

Fonseca, J. (1993). *Estudos de Sintaxe – Semântica e Pragmática do Português*. Porto: Porto Editora.

Glasbey, S. (1998). Progressives, States and Backgrounding. In Rothstein, S. (Ed.). *Events and Grammar* (pp. 105-124). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

Gumiel-Molina, S. 2011. Sobre las diferencias entre ser y estar. El tipo de predicado y el tipo de sujeto. *Revista Electrónica de didáctica/español lengua extranjera*. Universidad de Alcalá – Instituto Cervantes, número 13.

Gumiel-Molina, S.; Pérez-Jiménez, I. 2012. La distinción ser/estar y la escalaridad de los adjetivos. *Ser & estar at the interface*. Madrid: U. de Alcalá.

Hay, J. 1998. *The non-uniformity of degree achievements*. Disponível na Internet em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.3.6232&rep=rep1&type=pdf>, acessado a 01/11/2018.

Hay, J.; Kennedy, C. & Levin, B. 1999. Scalar structure underlines telecity in “degree achievements”. *SALT IX*: 127-144. Disponível na Internet em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/SALT/article/view/2833>, acessado em 31/10/2018.

Houaiss, A. (2011). *Dicionário do Português Atual. Brasil: Instituto Antônio Houaiss*. Lisboa: Círculo de Leitores e Sociedade Houaiss – Edições Culturais Lda.

Ilari, R. 1983. As Formas Progressivas do Português. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 5: 27-60. Disponível na Internet em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636625>, acessado em 09/01/2019.

Ilari, R.; Oliveira, M. F.; Basso, R. M. (2016). Tense and aspect: a survey. In Wetzels, L.; Costa, J.; Menuzzi, S. (Eds.). *The Handbook of Portuguese Linguistics* (Chapter 21, pp. 392-407). Indianapolis: Wiley.

Kamp, H.; Reyle, U. (Eds.). 1993. *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoric Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer.

Kennedy, C.; McNally, L. 2005. Scale structure, degree modification, and the semantic of gradable predicates. *Language – A Journal of the Linguistic Society of America* 81(2): 345-381.

Kennedy, C.; Levin, B. (2008). Measure of Change: The Adjectival Core of Degree Achievements. In McNally, L.; Kennedy, C. (Eds.). *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics and Discourse* (pp. 156-182). Oxford: Oxford University Press.

Leal, A. 2001. *O Valor Temporal das Orações Gerundivas em Português*. Dissertação de mestrado. Universidade do Porto.

Leal, A.; Ferreira, I.; Cunha, L. F. (2015). Algumas reflexões sobre escalaridade e *degree achievements* em Português Europeu. In Silvano, P.; Leal, A. (Coord.). *Estudos de Semântica* (pp. 153-160). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística do Porto.

Lehmann, C. (2008). A Auxiliarização de *ficar*. Linhas Gerais. In Almeida, M.; Sieberg, B.; Bernardo, A. M. (Eds.). *Questions on Language Change* (pp. 9-26). Lisboa: Edições Colibri. Disponível na Internet em: https://www.researchgate.net/publication/299636928_A_auxiliarizacao_de_ficar_Linhas_gerais, acessado em 31/01/2019.

Lejeune, P. 2011. A tradução do verbo polissêmico português *ficar*: *rester* e o resto. *ReVEL*, 9 (16): 46-60. Disponível na Internet em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_16_a_traducao_do_verbo_polissemico.pdf, acessado em 31/01/2019.

Marín, R. (2010). Spanish adjectives within bounds. In Cabredo-Hofherr, P.; Matushansky, O. (Eds.). *Adjectives: Formal Analyses in Syntax and Semantics* (pp. 307–332). Amsterdam, The Netherlands: John Benjamins.

Moens, M. 1987. *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Edimburgo. Disponível na Internet em: <http://www.era.lib.ed.ac.uk/handle/1842/5369>, acessado em 04/11/2018.

Monteiro, M. (2018). *Por Amor à Língua – Contra a Linguagem Que por aí Circula*. Lisboa: Objetiva.

Oliveira, F. (1992). Algumas Questões sobre Tempo e Aspecto. *Cadernos de Semântica*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Oliveira, F. 1994. Algumas Peculiaridades do Aspecto em Português. *Congresso Internacional sobre o Português*, Vol II. Lisboa: APL/Colibri: 151-190.

Oliveira, F. (1996). Semântica. In Hub Faria, I.; Pedro, E. R.; Duarte, I.; Gouveia, C. A. M. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (Cap. 7, pp. 333-379). Lisboa: Editorial Caminho, SA.

Oliveira, F. (2003a). Tempo e Aspetto. In Mateus, M.; Brito, A.; Duarte, I.; Faria, I.; Frota, S.; Matos, G.; Oliveira, F.; Vigário, M.; Villalva, A. *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª edição, pp. 128-178). Lisboa: Caminho.

Oliveira, F. 2003b. O Tempo dos Indivíduos. *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas XX*: II: 523-537.

Oliveira, F. (2013). Tempo Verbal. In Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M.; Coelho da Mota, M.; Segura, L. Mendes, A. (Orgs.). *Gramática do Português* (Vol 1, Cap. 15, pp. 509-553). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Oliveira, F.; Cunha, L. F. (2003). Termos de Espécie e Tipos de Predicado. *Volume Comemorativo dos 25 anos do CLUP*. Porto: CLUP, 57-78.

Parsons, T. (1990). *Events in the semantics of English: A Study in Subatomic Semantics* (Current Studies in Linguistics: 19). Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

Porroche, M. (1988). *Ser, estar y verbos de cambio*. Madrid: Arco\Libros.

Raposo, E. (2013a). Verbos Auxiliares. In Raposo et al. (eds.) *Gramática do Português* (Vol II, Cap. 29, pp. 1221-1281). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Raposo, E. (2013b). Orações Copulativas e Predicações Secundárias. In Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M.; Coelho da Mota, M.; Segura, L. Mendes, A. (Orgs.). *Gramática do Português* (Vol II, Cap. 30, pp. 1285-1356). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Rebouças, R. 2017. Ser, estar e ficar em construções com adjetivos e participípios. *ElingUP: Revista Eletrónica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto* 6: 56-82. Disponível na Internet em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP/article/view/4208/3948>, acedido em 10/02/2018.

Reichenbach, H. (1947). *Elements of Symbolic Logic*. New York: The Free Press.

Rio-Torto, G. 2006. Para uma gramática do Adjetivo. *Alfa: Revista de Linguística* 50(2): 103-129.

Vlach, F. (1981). The Semantics of the Progressive. In Tedeschi, P.; Zaenen, A. (Eds.). *Syntax and Semantics, Volume 14, Tense and Aspect*. American Press.

Veloso, R.; Raposo, E. (2013). Adjetivo e Sintagma Adjetival. In Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M.; Coelho da Mota, M.; Segura, L. Mendes, A. (Orgs.). *Gramática do Português* (Vol II, Cap. 31, pp. 1359-1493). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vendler, Z. (1967). *Adjectives and nominalizations*. The Hague: Mouton.

Vendler, Z. (1974). *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.

Vilela, M. (1995). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.

Vivalva, A.; Almeida, M. 2004. Verbos Abundantes: usos, desusos e alguns ‘abusos’. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 281-295.

Tavares, A. 2001. *Tempo e aspeto do tempo presente: algumas questões semânticas*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto.